

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

A importância dos projetos (inter)culturais na integração e inclusão de imigrantes e refugiados

Cláudia Isabel Lopes Calisto

Mestrado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura
Ramo em Gestão Cultural

Orientadora:
Doutora Maria João Vaz, Professora Auxiliar
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2020



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de História

A importância dos projetos (inter)culturais na integração e inclusão de imigrantes e refugiados

Cláudia Isabel Lopes Calisto

Mestrado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura
Ramo em Gestão Cultural

Orientadora:
Doutora Maria João Vaz, Professora Auxiliar,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2020

Agradecimentos

Esta dissertação faz parte de uma etapa da minha vida que se vê agora concluída e que não teria sido possível sem a presença de certas pessoas.

Quero, primeiro que tudo, agradecer à minha orientadora, a Professora Doutora Maria João Vaz, pelo apoio, disponibilidade e simpatia demonstrados ao longo de todo o desenvolvimento do estudo.

Às entidades analisadas e a todos os entrevistados, que se mostraram disponíveis para falar e partilhar as suas histórias e experiências, tornando este estudo possível.

Ao meu pai e ao meu irmão por estarem sempre ao meu lado em todos os momentos e por me ensinarem que, com amor, esforço e dedicação, tudo se consegue.

Ao João e à Joana pelo apoio incondicional e por nunca duvidarem das minhas capacidades.

À Cristina, à Inês, à Bernarda e à Adriana que passaram por isto comigo e com as quais cresci neste processo.

Resumo:

A presente dissertação teve como finalidade contribuir para os estudos da aplicabilidade e da viabilidade da interculturalidade em projetos de inclusão e de integração de indivíduos imigrantes e refugiados. Para isto, foram analisados dois projetos com origem em Portugal, o projeto “Mezze – Cozinha do Médio Oriente” e o projeto “Speak Social”, conhecidos pelo seu trabalho com pessoas imigrantes e/ou refugiadas. Através de entrevistas semiestruturadas tanto aos responsáveis dos projetos como aos participantes, depreendeu-se, de uma forma geral, o modo de implementação e funcionamento dos projetos; como a cultura e a interculturalidade em particular foram abordadas por estes; e, por último e mais importante, quais os impactos que os projetos teriam nos seus participantes ao nível da sua integração e inclusão na sociedade portuguesa.

Toda esta análise a par da informação e da bibliografia recolhida e abordada durante a concretização do estudo, permitiram concluir que os projetos de cariz (inter)cultural poderão ser, quando bem desenhados, uma mais valia significativa no que toca a apoiar a integração e inclusão de pessoas com histórico migratório, reconhecendo-se, nestes dois projetos em particular, avanços substancialmente positivos neste âmbito.

Palavras-chave: Imigrantes; Refugiados; Diversidade Cultural; Integração; Inclusão; Interculturalismo.

Abstract:

This dissertation aimed to contribute to the studies of the applicability and feasibility of interculturality in projects of inclusion and integration of immigrants and refugees. For this, two projects originating in Portugal, the “Mezze – Cozinha do Médio Oriente” project and the “Speak Social” project, known for their work with immigrants and/or refugees. Through semi-structured interviews with both project leaders and participants, it was possible to generally understand how the projects were implemented and how they functioned; how culture and interculturality in particular were addressed by them; and finally and most importantly, what impacts the projects would have on their participants at the level of their integration and inclusion in Portuguese society.

All this analysis together with the information and bibliography collected and addressed during the study, allowed us to conclude that (inter)cultural projects can be, when well designed, a significant added value in terms of supporting the integration and inclusion of people with a migratory background, recognizing, in these two projects in particular, substantially positive advances in this field.

Keywords: Immigrants; Refugees; Cultural Diversity; Integration; Inclusion; Interculturalism.

Índice Geral

Introdução	1
1. Capítulo - Abordagem metodológica	5
1.1. As duas fases metodológicas	5
1.2. Instrumentos de recolha de dados utilizados	6
1.2.1 Diretos	6
1.2.1.1. Caracterização dos sujeitos entrevistados	7
1.2.2 Indiretos	8
1.3. Os objetivos da investigação e as temáticas abordadas	8
1.4. Método de análise dos dados obtidos	10
2. Capítulo - Contextualizando: globalização, migrações, diversidade e identidade	11
2.1. A migração contemporânea	12
2.1.1 O fenómeno migratório: algumas noções importantes	12
2.1.2 O <i>status</i> de refugiado no contexto das migrações forçadas	15
2.1.3 Um fenómeno real: o panorama atual dos imigrantes e refugiados	18
2.1.3.1 Pelo mundo e na Europa	18
2.1.3.2 Em Portugal	21
2.2. Diversidade cultural e imigração: uma sociedade culturalmente diversificada	24
2.2.1 Diversidade, cultura e identidade	24
2.2.2 Diversidade cultural: tensões e oportunidades	28
2.3. A gestão da diversidade e a responsabilidade da Integração	30
2.3.1 A integração de imigrantes e refugiados	30
2.3.2 Modelos políticos de gestão da diversidade num contexto sociocultural	35
2.3.3 A responsabilidade da integração e o papel do terceiro setor	39
2.3.4 As organizações de âmbito cultural e social na intervenção por projeto	41
2.4. O papel inclusivo da cultura e dos projetos (inter)culturais	42
2.4.1 O papel inclusivo dos projetos culturais e artísticos	42
2.4.2 Os projetos (inter)culturais na inclusão de imigrantes e refugiados	45
2.4.3 Os projetos (inter)culturais de inclusão de imigrantes e refugiados em Portugal	48
3. Capítulo - Investigação Empírica	53
3.1. Projeto Mezza – Cozinha do Médio Oriente	53
3.1.1 A caracterização do projeto e a sua implementação	53
3.1.2 A cultura e a Interculturalidade como modelo de integração/inclusão e de valorização da diversidade cultural	58

3.1.3 Os impactos dos projetos (inter)culturais nos seus intervenientes e na subsequente integração/inclusão dos imigrantes e refugiados	66
3.2. Projeto Speak Social.....	74
3.2.1 A caracterização do projeto e a sua implementação	74
3.2.2 A cultura e a Interculturalidade como modelo de integração/inclusão e de valorização da diversidade cultural.....	80
3.2.3 Os impactos dos projetos (inter)culturais nos seus intervenientes e na subsequente integração/inclusão dos imigrantes e refugiados	87
3.3. Os fatores de sucesso para a implementação de projetos socioculturais de inclusão.....	94
3.4. Discussão de Resultados	97
3.4.1 Resultados da 1ª questão de investigação	97
3.4.2 Resultados da 2ª questão de investigação	100
3.4.3 Resultados da 3ª questão de investigação	102
3.4.4 Resultados da 4ª questão de investigação	104
Conclusão	105
Fontes e Bibliografia.....	109
Anexos	121

Índice de Figuras

Figura 1.1 – Lógica de recolha dos dados diretos.	6
Figura 1.2 – Lógica de recolha dos dados indiretos	8
Figura 2.1 - Evolução da população imigrante residente em Portugal	21
Figura 2.2 - Evolução da situação de asilo e proteção internacional.....	23
Figura 2.3 – Agentes de Integração	39

Índice de Quadros

Quadro 1.1 - Caracterização dos sujeitos entrevistados	7
Quadro 1.2 - Os objetivos da investigação e as temáticas abordadas.....	8
Quadro 2.1 - Modelos sociopolíticos de gestão da diversidade sociocultural.....	35
Quadro 3.1 – Comparação dos dois projetos relativamente à 1ª questão de investigação	97
Quadro 3.2 – Comparação dos dois projetos relativamente à 2ª questão de investigação	100
Quadro 3.3 – Comparação dos dois projetos relativamente à 2ª questão de investigação	102
Quadro 3.4 – Comparação dos dois projetos relativamente à 2ª questão de investigação	104

Glossário de siglas

ACIDI – Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural

ACM – Alto Comissariado para as Migrações

CPR – Conselho Português para os Refugiados

IOM / OIM – International Organization for Migration / Organização Internacional para as Migrações

ONU – Organização das Nações Unidas

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

UNHCR / ACNUR – The UN Refugee Agency / Agência da ONU para os Refugiados

Introdução

A presente investigação, desenvolvida no âmbito do Mestrado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura, no Ramo de Gestão Cultural do ISCTE-IUL, incide, de um modo geral, sobre os contributos que o campo da Cultura poderá trazer para a gestão do fenómeno Migratório e da imensa e intensa Diversidade Cultural que o acompanha.

Ainda que seja possível identificar o fenómeno migratório como algo constante na história da Humanidade, as suas dimensões e conseqüentes impactos na sociedade têm ganho novos contornos, tornando-se cada vez mais pronunciados. A par das situações habituais de migração voluntária, existe atualmente um importante fluxo de migrações forçadas que, devido aos muitos conflitos políticos e étnicos ou até mesmo de determinados problemas ambientais, têm ganho um novo destaque nas arenas públicas. Com as deslocações a aumentar, a diversidade de pessoas com diferentes culturas é agora algo constante em qualquer parte do mundo. Observada de diferentes perspetivas, esta diversidade pode tanto trazer benefícios e oportunidades de desenvolvimento para a sociedade como pode ser, igualmente, geradora de choques identitários e tensões culturais. Se já anteriormente as questões relativas à gestão da diversidade e integração de imigrantes eram pertinentes, atualmente e com estas dissidências, admitem-se de suma importância. Com isto, cabe aos países e a todas as suas estruturas pôr em prática soluções eficazes que ajudem a gerir esta diversidade cultural de forma adequada, integrando e incluindo os imigrantes e refugiados nas sociedades de acolhimento e, concomitantemente, tornando-as mais justas, harmoniosas e unidas.

Partindo assim da premissa de que a cultura na sua vertente social é uma das esferas que se deve ter em grande consideração na integração de imigrantes e refugiados e na qual estes, devido a tensões e outras barreiras, poderão reconhecer dificuldades em participar e se sentir incluídos, pretende perceber-se, com o desenvolvimento deste estudo, se o recurso a atividades no âmbito cultural e se a implementação da Interculturalidade como modelo de gestão da diversidade em projetos será, possivelmente, uma das melhores abordagens para conseguir contrariar esse desfecho. Surge, assim, deste objetivo, uma sólida questão de partida: É a implementação de projetos de cariz (inter)cultural, uma mais valia para o processo de inclusão dos imigrantes e refugiados? Com isto em vista, optou-se por desenvolver uma análise sobre dois casos de estudo: o projeto “Mezze – Cozinha do Médio Oriente” e o projeto “Speak Social”, dois projetos implementados em Portugal que trabalham, em diferentes formatos, a integração e inclusão de imigrantes e refugiados em contexto sociocultural.

Deste modo, e após definido o objetivo e a questão que sintetizam o trabalho de pesquisa, foi possível estabelecer os quatro objetivos específicos que, com base nos casos de estudo escolhidos, tornariam possível alcançar a resposta à pergunta de partida. Assim, os objetivos passam então por: primeiro, conhecer o projeto Mezze e o projeto Speak, os seus intervenientes, as suas origens, qual o conceito e quais os seus objetivos enquanto projetos de apoio à inclusão de indivíduos em contexto migratório; segundo, analisar e compreender de que forma a cultura foi abordada nestes projetos, se

existe um conhecimento prévio por parte dos seus gestores dos modelos de integração da diversidade cultural existentes, qual o modelo implementado nos projetos e se, tanto na opinião dos responsáveis dos projetos como na dos restantes intervenientes, é importante, ou não, os indivíduos imigrados manterem o contacto com as suas culturas de origem e ainda assim envolverem-se com a cultura da sociedade de acolhimento, principalmente, através de projetos como os analisados; terceiro, caracterizar os impactos que os projetos ocasionaram em todos os seus intervenientes derivado das suas experiências como participantes e o grau de concretização dos objetivos definidos pelos gestores dos projetos, em particular a implementação de uma resposta às possíveis dificuldades sentidas pelos participantes imigrantes e refugiados na sua integração ao nível social e cultural; quarto e, por último, compreender quais são os fatores-chave, os cuidados a ter e as competências necessárias, para criar e implementar com sucesso projetos culturais e sociais no âmbito da temática migratória e de outras situações de desvantagem social.

Esta dissertação encontra-se dividida em três capítulos. O primeiro capítulo corresponde à estratégia metodológica empregue no estudo empírico, isto é, qual o método de pesquisa desenvolvido, quais os instrumentos de recolha de dados utilizados na investigação e, de que forma se procedeu à sua análise de modo a cumprir-se com as hipóteses de trabalho e com os objetivos inicialmente propostos.

Já o segundo capítulo diz respeito ao enquadramento teórico e conceptual e à revisão da literatura. Numa primeira fase, foi essencial fazer-se o levantamento de informação sobre a matéria em questão de forma a sustentar e contextualizar, posteriormente, o estudo empírico. Este capítulo foi dividido em três pontos: o primeiro ponto fala sobre a migração contemporânea, onde foi explanado os contornos atuais do fenómeno migratório, fazendo-se um levantamento estatístico assim como uma breve passagem não só pelos conceitos e circunstâncias que envolvem as migrações voluntárias, mas também sobre o *status* de refugiado no contexto das migrações forçadas; o segundo ponto, incide sobre a relação entre os conceitos de Diversidade Cultural e Imigração, sobre o modo como estes conceitos se confrontam com a identidade dos indivíduos e quais as tensões e as oportunidades que podem gerar; o terceiro ponto incide já sobre a gestão da diversidade cultural, ou seja, de que forma se procede a integração de indivíduos imigrantes e refugiados, em particular, em contexto sociocultural e sobre de que forma a responsabilidade desta integração está distribuída e como recai sobre o Terceiro Setor e as associações e organizações de âmbito cultural e social; no quarto ponto, faz-se uma breve revisão sobre os estudos já feitos sobre o papel inclusivo da cultura e dos projetos (inter)culturais, os seus impactos e os seus efeitos em grupos socialmente excluídos dentro e fora do contexto migratório e, por último, um levantamento de alguns dos projetos (inter)culturais existentes em Portugal e dos seus impactos.

No terceiro capítulo é já elaborado o estudo empírico em si, no qual se desenvolve uma análise qualitativa aos dois projetos escolhidos como estudos de caso, mediante uma contínua recolha de dados indireta, de teor bibliográfico, documental e de outras plataformas digitais de comunicação, a

par de uma recolha de dados indireta, baseada em entrevistas estruturadas aos responsáveis/intervenientes dos projetos.

Por último, apresentam-se as conclusões retiradas dos dados analisados, obtendo-se a resposta à pergunta de partida definida à priori. São ainda abordadas as contribuições, limitações encontradas e novas possíveis linhas de investigação.

1. Capítulo - Abordagem metodológica

1.1. As duas fases metodológicas

É importante referir que, num primeiro momento, foi feito um levantamento bibliográfico e informativo sobre as temáticas em questão de modo a ser possível estruturar-se um enquadramento teórico e conceptual que suportasse e fundamentasse a posterior investigação empírica. Esta pesquisa foi ainda de extrema importância na procura por autores com os quais se pudesse mais tarde vir a cruzar os dados obtidos no estudo empírico. Para isto foram consultadas diferentes produções literárias; dissertações; artigos; documentos oficiais; estudos estatísticos; publicações periódicas e notícias de foro jornalístico, sobre quatro temáticas centrais: as migrações; a diversidade cultural; a integração e o terceiro setor; e a inclusão e os projetos (inter)culturais. No que diz respeito aos livros empíricos, alguns foram consultados presencialmente em bibliotecas da área geográfica de Lisboa, enquanto a restante informação foi retirada de documentos online em repositórios universitários; plataformas de instituições oficiais; documentos de organismos internacionais; bases de dados online como o ResearchGate, a Academia.edu, JSTOR, Scielo, SAGE journals, OpenEdition; e também jornais online como o *Público*, o *Diário de Notícias* e o canal de rádio Rádio Renascença.

Num segundo momento, já na fase da realização da parte empírica da pesquisa e dado que o objetivo geral desta investigação passa por tentar compreender como é que os projetos de carácter (inter)cultural podem, ou não, contribuir para o processo de integração e para a inclusão de imigrantes e refugiados à sua chegada a um novo país, escolheu-se, como método de pesquisa, o estudo de caso múltiplo, ou seja, foram determinados dois estudos de caso como objeto de investigação que ajudariam a determinar evidências de âmbito qualitativo que levassem a atingir este objetivo. Yin (2001:19) refere ser esta a melhor opção de pesquisa “(...) quando se colocam questões do tipo "como" e "por que", quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real”. Este autor assume ainda, com base noutros autores, que ao se escolher mais do que um único estudo de caso, ainda que também sejam igualmente evidenciadas desvantagens, os resultados da investigação acabarão por ser mais conclusivos e fidedignos (Herriot e Firestone *apud* Yin, 2001).

1.2. Instrumentos de recolha de dados utilizados

1.2.1 Diretos

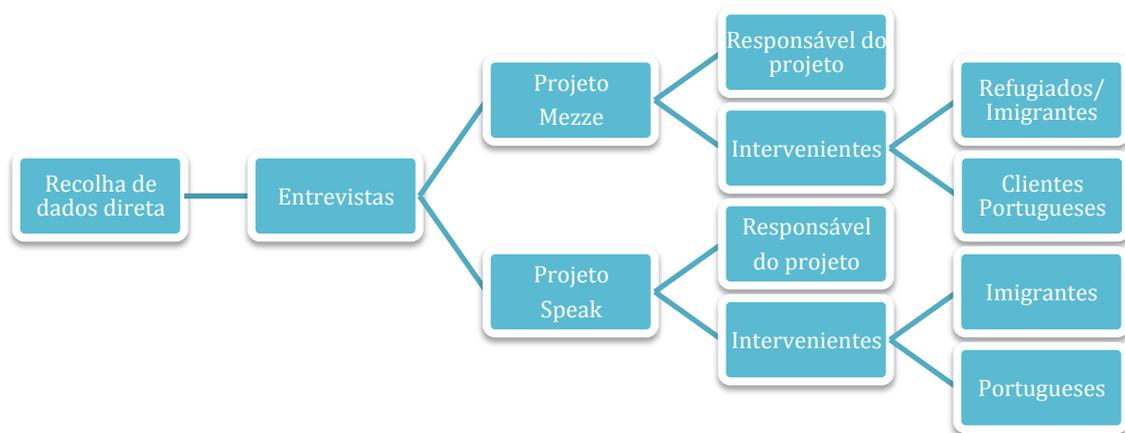


Figura 1.1 – Lógica de recolha dos dados diretos.

Fonte: Autoral.

Como instrumento de recolha de dados direta selecionaram-se as entrevistas. Estas entrevistas foram elaboradas a informantes privilegiados que estando envolvidos nos projetos poderiam conceder informação relevante para a investigação. Assim, dado que a integração dos imigrantes e refugiados irá depender não só dos próprios como também das organizações pertencentes à sociedade civil e à população no geral (Spencer, 2008), considerou-se pertinente conhecer a perspetiva de todas as partes envolvidas nos projetos, isto é: dos responsáveis pelos projetos; dos imigrantes e dos participantes/clientes pertencentes à população de acolhimento.

Assim, no que se refere às entrevistas elaboradas aos responsáveis dos projetos, no caso do Projeto Mezza, e dada a oportunidade que houve em formalizá-la pessoalmente, recorreu-se à entrevista semi-estruturada que, apesar de ter por base um guião/protocolo com perguntas pré-estabelecidas que encaminham a conversa, não foram seguidas à risca, deixando-se o entrevistado, através das perguntas feitas, responder livremente, o que levou, inclusive, a uma reconfiguração da ordem das mesmas. Já no caso do Projeto Speak, numa primeira fase, derivado da falta de disponibilidade da equipa em realizar a entrevista presencialmente, o guião/protocolo com as perguntas teve de ser enviado e respondido eletronicamente, via e-mail, o que acabou por obrigar à realização de uma entrevista mais estruturada e ordenada que, numa fase posterior, foi colmatada por uma conversa por vídeo-chamada onde foi já aplicada uma entrevista semi-estruturada em que, de forma mais aberta, foram colocadas algumas das questões que teriam ficado por responder na fase anterior por e-mail.

A respeito das entrevistas realizadas aos restantes intervenientes (participantes e clientes tanto imigrantes como pertencentes à população de acolhimento) de ambos os projetos, as mesmas foram

realizadas em alguns casos presencialmente, noutros por video-chamada. Apresentaram ainda, de igual forma, um carácter semi-estruturado, chegando mesmo a não ser necessário fazer-se todas as perguntas definidas no guião/protocolo, visto que, em muitas das ocasiões, os entrevistados acabavam por responder às mesmas por iniciativa própria sem ser necessário questioná-los. No projeto Mezze, chegou-se aos dois participantes entrevistados através da ajuda da responsável. Quanto aos seus clientes, foi possível, após diversos contactos, chegar a uma reduzida amostra de pessoas que já tivessem visitado e vivido uma experiência gastronómica no Mezze. No que toca ao projeto Speak, a organização não pôde providenciar os contactos dos participantes por uma questão de confidencialidade, tornando difícil a procura por participantes do projeto. Ainda assim, e dada a importância que havia em ter a perspetiva dos participantes, através de uma pesquisa às redes sociais da organização, conseguiu-se estabelecer contactos com pessoas ligadas ao projeto que se mostraram disponíveis e receptivas a falar da sua experiência.

Importa ainda referir que todas as entrevistas foram gravadas com a autorização dos entrevistados e, posteriormente, transcritas para análise, a qual resultou em mais de 100 páginas. Ademais, os protocolos/guiões das entrevistas poderão ser encontrados em Anexo (Anexos A, B, C, D, E e F).

1.2.1.1. Caracterização dos sujeitos entrevistados

Quadro 1.1 - Caracterização dos sujeitos entrevistados

	Sujeito	Função	Sexo	Idade	Nacionalidade	Residência	Habilitações
Mezze	R1	Responsável	Feminino	48	Portuguesa	Lisboa	Licenciatura
	P1	Participante	Feminino	31	Iraquiana	Lisboa	Licenciatura
	P2	Participante	Masculino	32	Iraquiana	Lisboa	Licenciatura
	C1	Cliente	Masculino	23	Portuguesa	Lisboa	Licenciatura
	C2	Cliente	Feminino	25	Portuguesa	Lisboa	Licenciatura
Speak	R2	Responsável	Feminino	26	Portuguesa	Lisboa	Mestrado
	P3	Participante	Feminino	30	Portuguesa	Porto	Mestrado
	P4	Participante	Masculino	24	Portuguesa	Porto	Mestrado
	P5	Participante	Feminino	35	Mexicana	Aveiro	Mestrado
	P6	Participante	Masculino	45	Paquistanesa	Lisboa	Licenciatura

Fonte: Autoral.

1.2.2 Indiretos

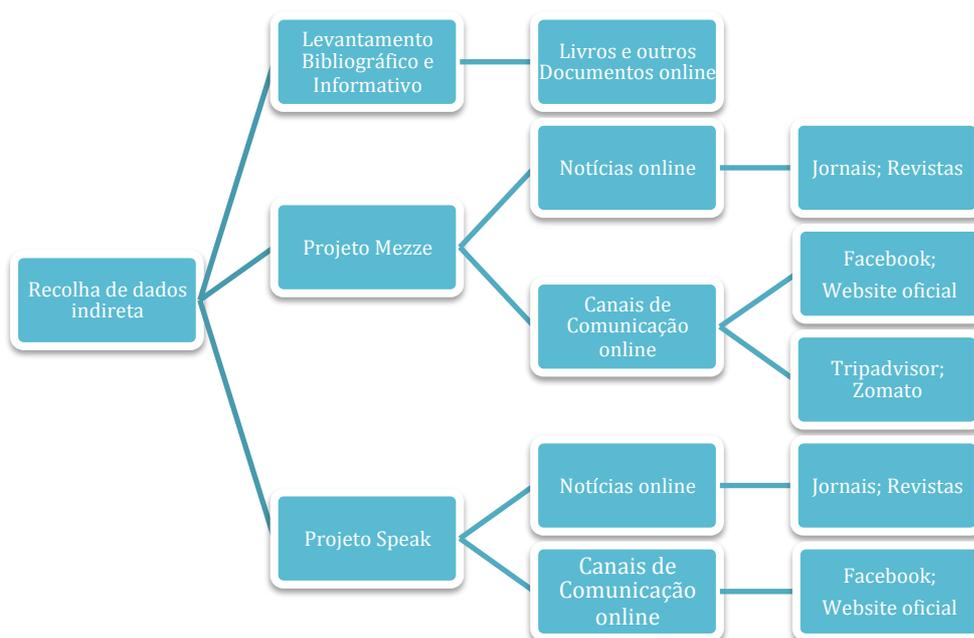


Figura 1.2 – Lógica de recolha dos dados indiretos

Fonte: Autoral.

Como fonte de recolha de dados indireta acedeu-se a notícias de jornais sobre o Mezza e o Speak, assim como a certas plataformas digitais utilizadas pelos projetos como canais de comunicação online que, a par da recolha de dados diretos e dada a dificuldade que houve neste campo, podessem ajudar a dar resposta aos objetivos de investigação definidos.

1.3. Os objetivos da investigação e as temáticas abordadas

Quadro 1.2 - Os objetivos da investigação e as temáticas abordadas

Questão de Partida: A implementação de projetos de cariz (inter)cultural é percecionada como uma mais valia para o processo de inclusão dos imigrantes e refugiados?

Objetivo geral da investigação: Compreender de que modo os projetos de caráter (inter)cultural podem contribuir para o processo de integração e para a inclusão de imigrantes e refugiados à sua chegada a um novo país.

Questões secundárias	Objetivos específicos da investigação	Blocos Temáticos abordados
----------------------	---------------------------------------	----------------------------

<p>1. De que modo estes projetos foram implementados e de que forma abordam a inclusão dos imigrantes e refugiados?</p>	<p>Conhecer o projeto “Mezze-Cozinha do Médio Oriente” e o projeto “Speak Social”, os seus intervenientes, as suas origens, qual o conceito e quais os seus objetivos enquanto projetos de apoio à inclusão de indivíduos em contexto migratório.</p>	<p>A caracterização dos projetos e a sua implementação</p>
<p>2. Qual é o modelo de integração da diversidade cultural implementado nos projetos? Será, a abordagem intercultural e a valorização da diversidade cultural, a melhor forma de incluir os indivíduos imigrados na sociedade de acolhimento?</p>	<p>Analisar e compreender de que forma a cultura foi abordada nestes projetos, se existe um conhecimento prévio por parte dos seus gestores dos modelos de integração da diversidade cultural existentes, qual o modelo implementado nos projetos e se, tanto na opinião dos responsáveis dos projetos como na dos restantes intervenientes, é importante, ou não, os indivíduos imigrados manterem o contacto com as suas culturas de origem e ainda assim envolverem-se com a cultura da sociedade de acolhimento, principalmente, através de projetos como os analisados.</p>	<p>A cultura e a Interculturalidade como modelo de integração/ inclusão e de valorização da diversidade cultural</p>
<p>3. Existem obstáculos de âmbito cultural e social que dificultem a integração e inclusão dos imigrantes e refugiados na sociedade portuguesa? Que impacto têm estes projetos na eliminação desses obstáculos e na promoção da inclusão junto destes indivíduos?</p>	<p>Caracterizar os impactos que os projetos ocasionaram em todos os seus intervenientes devido às suas experiências como participantes e o grau de concretização dos objetivos definidos pelos gestores dos projetos, em particular a implementação de uma resposta às possíveis dificuldades sentidas pelos participantes imigrantes e refugiados na sua integração ao nível social e cultural.</p>	<p>Os impactos dos projetos (inter)culturais nos seus intervenientes e na subsequente integração/inclusão dos imigrantes e refugiados</p>
<p>4. Quais são os fatores de sucesso, a ter em consideração, na implementação deste tipo de projetos?</p>	<p>Compreender, através das opiniões dos profissionais envolvidos nos projetos, quais são os fatores-chave, os cuidados a ter e as competências necessárias, para criar e implementar com sucesso projetos culturais e sociais no âmbito da temática migratória e de outras situações de desvantagem social.</p>	<p>Os fatores de sucesso para a implementação de projetos socioculturais de inclusão</p>

Fonte: Autoral.

1.4. Método de análise dos dados obtidos

A análise dos dados obtidos foi organizada em quatro blocos temáticos gerais diferenciados, cada um estreitamente relacionado com um dos quatro objetivos secundários definidos para esta investigação. São estas temáticas: a implementação de projetos socioculturais inclusivos; a cultura e a interculturalidade como modelo de integração/inclusão e de valorização da diversidade cultural; os impactos dos projetos (inter)culturais nos seus intervenientes e na subsequente integração/inclusão dos imigrantes e refugiados; e os fatores de sucesso para a implementação de projetos socioculturais.

Através da interligação do conteúdo proporcionado pelas entrevistas realizadas e pelas restantes fontes secundárias com a bibliografia e a literatura encontrada sobre a matéria em questão, tentou-se assim, em cada bloco temático, construir uma análise de carácter interpretativo onde a análise e significação da informação se assumem de suma importância para chegar aos resultados do estudo.

A análise dos dados foi ainda dividida entre os dois casos, abordando-se os mesmos blocos temáticos em cada um deles, sendo que o último bloco temático, dado o seu carácter mais genérico, abordou diretamente os dois projetos em simultâneo. De seguida, foram comparados os resultados dos dois casos de estudo com o intuito de se perceber as semelhanças e as diferenças encontradas entre os dois.

2. Capítulo - Contextualizando: globalização, migrações, diversidade e identidade

Muito se tem abordado nas últimas décadas o termo globalização e as suas implicações na sociedade contemporânea. Ainda assim, este não é um conceito recente, pois como referia Jan Niessen (2000:17), “Although the term globalisation is used to characterise this last part of the 20th century, the process of global outreach is more than five hundred years old”. O autor aponta como início deste movimento na Europa as expedições concretizadas pelos povos deste continente para o resto do mundo no tempo da expansão marítima, do colonialismo e do imperialismo, originando o que chamou de “impérios europeus”, que proporcionavam um conjunto de intercâmbios sociais e culturais que, com o perpassar do tempo, foram intensificando-se através de diferentes e variados fenómenos, como é o caso do deslocamento massivo de pessoas tanto decorrente do turismo como das migrações; a comercialização de produtos e mercadorias em grande escala e o aparecimento e crescimento significativo de novas tecnologias que vieram alterar a base estrutural das comunicações a nível global (Jan Niessen, 2000). São na verdade estes processos que, para além de impulsionarem as trocas culturais, “intensificam cada vez mais a interdependência e as relações sociais a nível mundial” (Giddens, 2008:51).

Através de uma relação constante entre o local e o resto do mundo, os fenómenos da globalização possuem, em si, a destreza de desconstruir barreiras territoriais que alteram as paisagens sociais e culturais e estimulam a um interconhecimento entre nações que se compõem por novos movimentos, novas práticas e modos de estar, originando, assim, uma presumível sociedade global altamente diversificada e, ainda assim, conectada (Giddens, 2008). Segundo Giddens (2008), o mundo tem então vindo a mudar, pelo que, culturas e pessoas antes afastadas, estão agora mais próximas e cientes de que não estão sozinhas. A mudança é visível e não tem só efeitos no modo como as pessoas vivem a sua vida, mas também no modo como a percebem. Na interpretação de Navarro (2000), a globalização faz parte integrante da fase final de um processo muito maior, o da mundialização. Para o autor, esta ideia de globalização, que remete a uma presumível sociedade única e global, esconde, por detrás, evidências de uma interdependência desigual entre nações e comunidades, conseqüentes do processo de mundialização. A verdade é que, na sua opinião, a mundialização criou, em simultâneo, uma outra dinâmica a par da globalizadora: o fenómeno da localização que impulsiona a uma reativação das identidades dos indivíduos e das comunidades e que, em sequência, desperta nestes indivíduos uma necessidade de ver essas identidades reconhecidas e, de certo modo, validadas perante a sociedade que os tem vindo a oprimir e desvalorizar. Conseqüente deste fenómeno que a acompanha, a globalização provou-se, ainda que eficaz no aumento exponencial dos intercâmbios e na intensificação das relações entre diversas culturas, incapaz de criar, assim, uma sociedade cultural única e totalmente igualitária como se dizia ser capaz de fazer. Pelo contrário, a globalização expôs a realidade da sociedade atual onde a imensa diversidade cultural e a crescente desigualdade entre

culturas tem crescido exponencialmente e ganhou um lugar nos pensamentos e debates centrais da atualidade (Navarro, 2000).

2.1. A migração contemporânea

2.1.1 O fenômeno migratório: algumas noções importantes

Ainda que as migrações não sejam algo recente, têm ganhado, nos últimos anos, um maior destaque a nível global, resultante do seu impacto na política ao nível local e global e das alterações económicas, sociais e culturais ruidosas que ocasiona. A migração e os processos que dela decorrem têm vindo a assumir, por conseguinte, novos contornos, podendo ser observados de uma perspetiva positiva e benéfica, mas também como um desafio para os Estados que têm visto a sua capacidade diminuída no que toca a lidar com tensões derivadas da diversidade e do controlo do fluxo de pessoas que dão entrada nos seus territórios (Castles, Haas e Miller, 2014). Atualmente, a nível mundial, acredita-se que o número de pessoas a viver fora do seu país de origem se encontre perto dos 272 milhões, o que, apesar de não representar um número significativo da população global, já superou em muito as expectativas e as previsões relativas aos próximos anos, chegando mesmo a ultrapassar em 42 milhões o número de deslocados previsto para o ano de 2050¹.

De acordo com o World Migration Report da International Organization for Migration – IOM: “(...) migration is the process of moving from one place to another. To migrate is to move, whether from a rural area to a city, from one district or province in a given country to another in that same country, or from one country to a new country. It involves action”². Esta organização refere ainda no seu glossário que o conceito de “migração” inclui todos os deslocamentos de pessoas ou grupos sejam qual forem os seus motivos, o modo como o fazem ou a dimensão do seu percurso. Estas pessoas ou migrantes podem ainda ser intituladas conforme o percurso migratório que efetivem, adquirindo o estatuto de emigrantes na ótica do país de onde saírem e de imigrantes no país onde dão entrada³.

As migrações têm adquirido, ao longo do tempo, as mais diversificadas configurações, afastando-se, progressivamente, dos seus segmentos teóricos tradicionais e das suas concepções iniciais. A linha que separava as migrações internas das internacionais; as voluntárias das forçadas; as temporárias das permanentes e as legais das ilegais, está cada vez mais ténue, e dificilmente reflete o fenómeno migratório Europeu do último século, o que, ainda assim, não significa a sua dispensabilidade como base para os estudos migratórios (King, 2002). Assim sendo, em conformidade com algumas destas categorias e para um melhor entendimento da sua aplicação, o Programa das Nações Unidas para o

¹ “World Migration Report 2020”, disponível em: https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr_2020.pdf

² *Idem*.

³ “Glossário sobre Migração”, disponível em: <https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf>

Desenvolvimento – PNUD, compara-as às diferentes entradas disponíveis numa casa, em que “os migrantes podem entrar na casa através da porta de entrada (aqueles que se estabelecem de forma permanente), da porta lateral (os visitantes e trabalhadores temporários) ou da porta dos fundos (os migrantes irregulares)”⁴. Todavia, ao tentar enquadrar-se um migrante numa destas categorias, deve ter-se algum cuidado, pois, atualmente, para além de muitas das vezes as circunstâncias que envolvem o deslocamento não serem explícitas, podem igualmente variar de um momento para o outro, alterando rapidamente a situação do indivíduo⁵.

De facto, as evidências de que o fenómeno migratório tem vindo a mudar e a apresentar concepções diversas, são grandes. Ainda assim, e dando especial atenção à estrutura migratória internacional, de acordo com Castles, Haas e Miller (2014), é possível verificar-se que as mudanças que as migrações estão a sofrer têm não só tornado cada vez mais perceptível a diversidade que as compõe, como têm também criado uma série de tendências facilmente identificáveis nos últimos anos, entre as quais: a presença de cada vez mais países a serem simultaneamente influenciados pela migração e pela sua consequente exposição da diversidade cultural existente; a alteração significativa da composição direcional dos fluxos migratórios clássicos, em que países anteriormente com grandes fluxos de partida ou de chegada de migrantes o deixaram de ser, dando um lugar de destaque a outros países; a existência crescente de países que não recebem apenas um tipo de imigração, mas sim vários tipos de imigração ao mesmo tempo (legal/ilegal, temporária/permanente, forçada/voluntária); o facto de as mulheres terem um papel cada vez mais representativo nas estatísticas das migrações internacionais; o crescente envolvimento do governo do ponto de vista político nas questões de âmbito migratório e a forma como as migrações influenciam o modo como os países desenvolvem as suas políticas a vários níveis; e, por último, o aumento de países que passam por mudanças na função que detêm na disposição migratória internacional, passando de países de emigração para países de imigração ou o inverso (Castles, Haas e Miller, 2014). Relativamente a esta última tendência, é igualmente fundamental salientar ser cada vez mais notável não só o facto de os países adquirirem diferentes papéis, podendo ser a origem, o destino ou apenas um local de passagem de mobilidade humana, mas também o aumento de nações, as quais assumem mais do que uma destas funções em simultâneo (Papademetriou, 2008).

No que concerne às causas na origem das deslocações de âmbito internacional, Giddens (2008) evidencia que as condições que levam à tomada de decisão dos indivíduos em se deslocar têm vindo a ser tratadas, essencialmente, de duas diferentes perspectivas: inicialmente, através de teorias centradas na identificação dos factores *push and pull*, que se assumem, no caso dos factores *push*, como elementos de repulsão que incentivam as pessoas a abandonar o seu local de origem e a mudar-se para

⁴ “Relatório de Desenvolvimento Humano 2009 - Ultrapassar Barreiras: Mobilidade e desenvolvimento humanos”, disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/library/idh/relatorios-de-desenvolvimento-humano/relatorio-do-desenvolvimento-humano-2009.html>

⁵ *Idem*.

um novo, e no caso dos fatores *push*, como elementos de atração de determinado local, que potenciam a chegada de imigrantes; ou, em contrapartida, numa fase mais atual, através da contemplação dos fluxos migratórios como parte integrante de sistemas complexos, que resultam não de um determinado fator em específico, mas da interação entre diferentes factores de nível *micro* (relacionados com os imigrantes e as suas comunidades) e de nível *macro* (relacionados com diferentes fatores de larga escala dos países tanto de origem como de destino) (Giddens, 2008).

Ainda que os processos teóricos de classificação das causas que levam aos deslocamentos dos indivíduos não sejam unânimes, é possível indicar, conforme um dos relatórios anuais da IOM, certos fatores determinantes na sua origem, como é o caso de questões de âmbito económico que dão aso aos fluxos de migrantes de países menos desenvolvidos para países mais desenvolvidos e com melhores condições de vida; de âmbito político, derivadas das condições de administração dos serviços e sectores públicos, ou seja, das condições de vida que o governo proporciona; de disparidades demográficas entre países, referentes a situações como o aumento populacional exponencial em países em desenvolvimento, onde há pouca oferta de trabalho, comparativamente à diminuição dos nascimentos e ao envelhecimento populacional verificado nos países desenvolvidos, em que acaba por haver mais ofertas de trabalho disponíveis; de conflitos com origem étnica, religiosa, política e económica e, não menos importante, de desastres ambientais de grande dimensão, derivados não só de alterações climáticas, mas também de outras complicações decorrentes de erros humanos⁶. A importância destes fatores é reconhecida por Papademetriou (2008:25) que alega, ainda assim, ser necessário ter em consideração que estes apenas conseguirão desencadear um deslocamento migratório internacional considerável acompanhados do que ele denomina de “fatores facilitadores”. Um destes fatores assenta na existência de um histórico de mobilidade humana entre um país de origem e um país de destino, ocasionando a presença de redes e de fortes ligações entre eles, tornando propícia a contínua repetição dos seus fluxos migratórios que apenas poderão ser interrompidos caso se verifique alguma alteração significativa nas suas dinâmicas já pré-estabelecidas. Devido à tradição migratória, conforme refere o autor, é igualmente possível identificar como fator facilitador a presença de comunidades da mesma etnia já instaladas que motivam o deslocamento e facilitam o processo de integração dos novos indivíduos que, para além de se reverem na cultura e modos de estar da comunidade instalada, poderão valer-se do apoio desta comunidade numa fase inicial do acolhimento. Para além disto, é ainda perceptível nos países de destino, a existência ou de grupos com grande poder de influência ou de certas instituições da sociedade civil que, quando observam na imigração vantagens económicas substanciais ou manifestam certa preocupação pelas questões que levam as pessoas a emigrar, tomam as diligências necessárias para facilitar a entrada de imigrantes no país ou para, de alguma forma, as ajudar (Papademetriou, 2008).

⁶ “World Migration Report 2013: Migrant Well-Being and Development”, disponível em: https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr2013_en.pdf

Embora todos estes fatores se encontrem em evidência no panorama migratório dos últimos anos, são os deslocamentos derivados de conflitos e instabilidades étnicas, religiosas e políticas que têm merecido um maior destaque, pois têm-se tornado numa prática constante e inevitável, provocando situações e ambientes onde a violência muitas vezes domina, sujeitando os indivíduos a situações traumáticas e adversas e, em inúmeras situações, ocasionando o término de muitas vidas⁷. São situações e cenários como estes que fazem parte do dia-a-dia dos indivíduos, os afetam e sobre as quais estes não possuem qualquer tipo de controlo, que levam ao que King (2002) identifica como migrações de carácter forçado, que correspondem, muitas da vezes, a situações que irão por em questão a sobrevivência do indivíduo. Para além dos conflitos étnicos e políticos, o autor reconhece ainda como situações que possam estar no cerne deste tipo de deslocamentos os desastres ambientais; a pobreza acentuada; situações de refúgio; de repatriação; e, por último, circunstâncias ainda mais agravantes como o sequestro e o tráfico humano (King, 2002).

2.1.2 O *status* de refugiado no contexto das migrações forçadas

O crescente interesse pelos estudos sobre migrações forçadas e refugiados ganhou particular expressão a meio do século passado, onde se desenvolveram diferentes abordagens teóricas ao tema ao nível organizacional e académico, porém sempre muito ligadas a questões de âmbito legal e político e de como esse campo tem evoluído e acompanhado a realidade dos refugiados, o que, ainda assim, originou estudos consideravelmente relevantes como, por exemplo, de que forma a noção de refugiado se encaixa nestes domínios (Black, 2001). Com isto, e ainda que a preocupação pelos estudos nesta área se tenha revelado tardia, os movimentos migratórios de carácter forçado sempre fizeram parte da história da humanidade, pois sempre existiram atos de violação dos direitos humanos que, inevitavelmente, originavam fluxos de refugiados (Loescher, Betts e Milner, 2008). Todavia, de acordo com Agamben (2000), foi apenas a partir do século XX, com as alterações políticas e geográficas ocorridas durante e após a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, que ganharam os contornos de um fenómeno de massas, introduzindo, numa Europa drasticamente alterada, um novo e elevado número de refugiados.

A definição deste grupo de pessoas é dada, em suma, pelo Art. 1º, al. nº 2 da Convenção de Genebra de 1951 e pelo Art.º 1º, al. N.º 2 do Protocolo de 1967, em que o termo refugiado se aplica a qualquer pessoa que, “temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se

⁷ “World Migration Report 2020. Geneva: International Organization for Migration”, disponível em: https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr_2020.pdf

encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele”⁸. São algumas as polémicas referentes a este estatuto e ao seu enquadramento no contexto das migrações forçadas. Assumindo desde logo que um refugiado apenas adquire a proteção que lhe compete quando se enquadra nas circunstâncias anteriormente referidas pela legislação, Shacknove (1985) põe em questão o que acontece aos indivíduos que, em situações de crise devido a catástrofes naturais ou a níveis altos de pobreza, não conseguem manter as condições básicas à sobrevivência, vendo-se obrigados a abandonar o seu local de origem. Para o autor, torna-se óbvio que se forem estas situações nas quais as pessoas não possuem qualquer tipo de controlo e se o Estado tiver falhado em protegê-las ou não oferecer condições para tal, é-lhes igualmente merecido o direito à proteção e assistência. A chave para estas situações não está na questão de as pessoas terem ou não as suas necessidades básicas asseguradas, mas sim se essa situação foi, de certo modo, ocasionada ou ignorada pelo Estado, pois, muitas das vezes, e ainda que desculpadas com origens naturais ou fora do controlo do Estado, estas situações resultam de condições de má governação (Shacknove, 1985). Esta noção de pobreza e de desastre económico como algo que afeta a sobrevivência do indivíduo e o força a migrar é, de facto, algo de difícil interpretação e torna complicada a categorização dos imigrantes, pois, na realidade, a lógica da melhoria económica por parte dos migrantes, sejam eles voluntários ou forçados, está quase sempre presente, às vezes de uma forma mais evidente, às vezes em segundo plano (Oliveira, Peixoto e Góis, 2017). Como referem Oliveira, Peixoto e Góis (2017:77), “(...) os migrantes “voluntários” sentem-se, muitas vezes, “obrigados” a migrar, devido a situações de pobreza extrema, enquanto os migrantes “forçados” procuram refletir nas melhores escolhas possíveis – não desprezando a busca de uma melhoria económica”.

Deste modo, e de forma a compreender com exatidão a realidade que envolve este grupo de pessoas, importa referir alguns dos mecanismos legais que têm sido desenvolvidos com o intuito de regular as circunstâncias que lhes são inerentes e a auxiliar na sua proteção. Neste âmbito, o instrumento legal de base de toda a proteção dos refugiados é a anteriormente referida Convenção de Genebra. De acordo com Goodwin-Gill (2008), para além da determinação do Estatuto de Refugiado, ou seja, das suas características essenciais, a Convenção de Genebra procurou precisar, ainda através de diversos artigos, alguns dos procedimentos indispensáveis a ter em consideração no acolhimento destes indivíduos. Segundo o autor, de maneira a salvaguardar-se os direitos destes indivíduos não só ao nível do asilo mas também na sua qualidade de cidadãos, foi explicitada na convenção o direito ao auxílio administrativo e na obtenção de documentos, assim como a permissão na circulação, o acesso a um emprego e a serviços básicos da sociedade, como por exemplo a educação (Goodwin-Gill, 2008). Para este investigador, uma das cláusulas mais importantes definidas pela Convenção para conseguir

⁸ “Convenção de Genebra relativa ao estatuto dos refugiados”, disponível em: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf e “Protocolo de 1967 Relativo ao Estatuto dos Refugiados”, disponível em: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Protocolo_d_e_1967.pdf

uma adequada proteção é o princípio da *não-devolução* de um refugiado para um local onde este se possa encontrar em risco de vida. Esta Convenção foi mais tarde completada por um instrumento independente designado Protocolo de 1967. Este Protocolo ampliava o efeito do estatuto de refugiado tanto na sua qualidade temporal como geográfica, de forma a enquadrá-lo com o carácter operacional abrangente da Agência das Nações Unidas para os Refugiados e dando a oportunidade a um Estado de aderir sem fazer parte da Convenção (Goodwin-Gil, 2008).

Noutras partes do mundo, de maneira a suportar a integração de algumas das premissas defendidas na Convenção de Genebra de um modo mais abrangente, surgiram outros instrumentos determinantes, como a Convenção de Organização de Unidade Africana⁹ e a Declaração de Cartagena imposta nos países da América Central¹⁰. No contexto Europeu, destacam-se o Acordo Europeu Relativo à Supressão de Vistos para os Refugiados (1960) e o Acordo Europeu sobre a Transferência de Responsabilidade Relativa a Refugiados (1980) que, através da determinação de determinadas regras, visam facilitar as deslocações de refugiados entre os territórios, assim como a emissão dos documentos necessários para tal¹¹; a Declaração Relativa ao Asilo Territorial de 1967, que frisava a importância de uma conduta tolerante no que diz respeito à permissão de asilo nos estados membros¹²; o Sistema Europeu Comum de Asilo (SECA), que já foi várias vezes reformulado e do qual resultam atualmente três Diretivas (procedimentos de asilo; condições de acolhimento; estatuto de refugiado) e dois Regulamentos (Dublin e Eurodac)¹³; o acordo entre a União Europeia e a Turquia, em Março de 2016, que pretendia minimizar a entrada no território de migrantes forçados em situação ilegais¹⁴, acordando, segundo a Comissão Europeia, (2016:3) que, mediante “cada sírio regressado à Turquia proveniente das ilhas gregas após uma travessia irregular, a UE aceitará um sírio proveniente da Turquia que não tenha tentado fazer esta viagem de forma ilegal”; meses mais tarde, foi aprovada a Declaração de Nova York, na qual 193 países se comprometeram a aperfeiçoar os procedimentos de proteção e inclusão de refugiados e imigrantes¹⁵ e, por último, já em 2018, foi adoptado o Pacto

⁹ “Convenção da organização de unidade Africana (OUA) que rege os aspectos específicos dos refugiados em África”, disponível em: http://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/convencao_refugiados_oua.pdf

¹⁰ “Declaração de Cartagena”, disponível em: <https://www.acnur.org/cartagena30/pt-br/declaracao-de-cartagena-sobre-refugiados/>

¹¹ “Details of Treaty No.031: European Agreement on the Abolition of Visas for Refugees”, disponível em: <https://www.coe.int/en/web/conventions/full-list/-/conventions/treaty/031>; e “Details of Treaty No.107: European Agreement on Transfer of Responsibility for Refugees”, disponível em: <https://www.coe.int/en/web/conventions/full-list/-/conventions/treaty/107>

¹² “Declaração sobre o Asilo Territorial”, disponível em: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Declaracao_ONU_Asilo_Territorial.pdf?file=fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Declaracao_ONU_Asilo_Territorial

¹³ “Sistema Europeu Comum de Asilo”, disponível em: https://ec.europa.eu/home-affairs/sites/homeaffairs/files/e-library/docs/ceas-fact-sheets/ceas_factsheet_pt.pdf

¹⁴ “Declaração UE-Turquia, 18 de março de 2016”, disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/pt/press/press-releases/2016/03/18/eu-turkey-statement/>

¹⁵ “Reunião da ONU reforça compromisso para proteger refugiados e assegurar direitos dos migrantes”, disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2016/09/19/reuniao-da-onu-reforca-compromisso-para-proteger-refugiados-e-assegurar-direitos-dos-migrantes/>

Global para os refugiados, que estabelecia certas diretrizes para capacitar a comunidade internacional no apoio a refugiados¹⁶.

Posteriormente, muitos foram os debates e reuniões discorridos sobre o tema das migrações forçadas e da situação dos refugiados na atualidade. No entanto, e devido à falta de concordância entre nações sobre o método de proceder, as capacidades da União Europeia em lidar com a gestão dos fluxos poderão encontrar-se comprometidas, levando a que dificilmente os princípios desenvolvidos se convertam em algum tipo de políticas ou instrumentos suficientemente eficientes. Este desacordo é palpável até em instrumentos já redigidos, como é o caso do regulamento de Dublin ou do Acordo entre a União Europeia e a Turquia (Ferreira, 2016a). De acordo com Frantziou, Staigner e Chaytor (2014), relativamente ao regulamento de Dublin, este determina, entre outras condicionantes, que, em último caso, o pedido de asilo deve ser efetuado no Estado-Membro onde o requerente deu a primeira entrada, circunscrevendo a responsabilidade e assistência do requerente a esse mesmo país, o que acaba por gerar uma sobrecarga de fluxos nos Estados fronteiriços da Europa, pelos quais entram a maioria dos migrantes forçados que acabam por, na maioria das vezes, nem receber a assistência e proteção adequada (Frantziou, Staigner e Chaytor, 2014). Já o acordo entre a União Europeia e a Turquia, gerou controvérsia não só entre especialistas, mas também entre alguns dos Estados-Membros, levando a debate questões pertinentes em matéria de direitos e segurança (Ferreira, 2016a). Na perspectiva da Comissão Europeia e como se encontra estipulado no Ponto 1 do acordo, este corresponde a “(...) uma medida temporária e extraordinária, necessária para pôr fim ao sofrimento das pessoas e restabelecer a ordem pública (...)”¹⁷, opinião que não é partilhada por outras organizações e entendedores da área, como é o caso de Aurelie Ponthieu, da organização dos Médicos Sem Fronteiras, que demonstrou a sua indignação em entrevista à organização pouco antes do acordo entrar em vigor, referindo que neste acordo “(...) para cada sírio que arrisca sua vida no mar, outro sírio terá a chance de chegar à Europa pela Turquia. Esse cálculo cruel reduz as pessoas a meros números, negando-lhes o tratamento humano e descartando seu direito de buscar proteção na Europa”¹⁸.

2.1.3 Um fenómeno real: o panorama atual dos imigrantes e refugiados

2.1.3.1 Pelo mundo e na Europa

De acordo com os dados proporcionados pela IOM, o número de migrantes internacionais tem vindo a subir exponencialmente, chegando a atingir, em 2019, fruto de uma acumulação de deslocamentos por

¹⁶ “Pacto Global sobre os Refugiados: Em que aspecto é diferente do pacto dos migrantes e como ajuda as pessoas forçadas a fugir?”, disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2018/12/1652121>

¹⁷ “Declaração UE-Turquia, 18 de março de 2016”, disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/pt/press/press-releases/2016/03/18/eu-turkey-statement/>

¹⁸ “Acordo entre UE e Turquia pode agravar crise”, disponível em: <https://www.msf.org.br/noticias/acordo-entre-ue-e-turquia-pode-agravar-crise>

diversos anos, os 272 milhões, uma subida de 14 milhões em quatro anos. Destes 272 milhões, cerca de dois terços emigraram para países desenvolvidos, destacando-se, em 2019, como dez principais destinos de eleição para emigrar ao longo dos anos: os Estados Unidos da América; a Alemanha; a Arábia Saudita; a Federação Russa; o Reino Unido; os Emirados Árabes; França; Canada; Austrália e Itália. Já como principais dez países de origem, são identificados: a Índia; o México; a China; a Federação Russa; a Síria; o Bangladesh; o Paquistão; a Ucrânia; as Filipinas e o Afeganistão¹⁹. Comparando estes dados com os de quatro anos antes, referentes a 2015, percebe-se que, de uma forma geral, as tendências mantiveram-se intactas, à exceção de Itália, que neste ano ainda não entrava para a lista dos dez principais países de destino, ocupando Espanha o seu lugar, e do Afeganistão, que em 2015 ainda não fazia parte dos dez principais países de origem, estando o Reino Unido à sua frente²⁰. Percebe-se ainda que, quanto ao género dos migrantes, tanto dados de 2015 como de 2019, apontam que, apesar de os números serem quase equilibrados, a maioria são homens, representando 52 % dos migrantes comparativamente aos 48 % relativos às mulheres. No que diz respeito às idades, a tendência tem-se igualmente mantido, estando a maioria dos migrantes internacionais em idade ativa, o que corresponde a idades entre os 20 e os 64 anos²¹.

Já no que diz respeito às migrações de carácter forçado, segundo dados da United Nation Refugee Agency - UNHCR, atingiu-se em 2018 um recorde no número de pessoas deslocadas à força comparativamente aos anos anteriores, chegando-se aos 70,8 milhões. Este número deve-se ao surgimento progressivo de conflitos e tensões que geram violência e um desrespeito contínuo pelos direitos humanos. A organização afirma ainda que mais de dois terços dos refugiados provêm maioritariamente de cinco países, sendo eles a Somália, a Birmânia, o Sudão do Sul, o Afeganistão e, por último, mas com maior destaque, a Síria, que desde o início do seu conflito em 2012 é a responsável por um grande número das deslocações forçadas²². Estas deslocações forçadas oriundas da Síria foram vistas por Guterres, em 2014, como “(...) the most dramatic humanitarian crisis the world has faced in a very long time”²³. Relativamente aos países que têm acolhido refugiados, a UNHCR identificou como cinco principais países em 2017, a Turquia, o Paquistão, o Uganda, o Líbano e o Irão²⁴. Já em 2018, os dados da UNHCR indicam que os países se repetiram apenas com a diferença

¹⁹ “World Migration Report 2020”, disponível em: https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr_2020.pdf

²⁰ “World Migration Report 2018. Geneva: International Organization for Migration” disponível em: https://www.iom.int/sites/default/files/country/docs/china/r5_world_migration_report_2018_en.pdf

²¹ “World Migration Report 2018. Geneva: International Organization for Migration” disponível em: https://www.iom.int/sites/default/files/country/docs/china/r5_world_migration_report_2018_en.pdf; e “World Migration Report 2020”, disponível em: https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr_2020.pdf

²² “Global Trends: Forced Displacement in 2018”, disponível em: <https://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/5d08d7ee7/unhcr-global-trends-2018.html>

²³ “Remarks by António Guterres, United Nations High Commissioner for Refugees. Conference on the Syrian Refugee Situation – Supporting Stability in the Region. Berlin, 28 October 2014”, disponível em: <https://www.unhcr.org/admin/hcspeeches/544fb4189/remarks-antonio-guterres-united-nations-high-commissioner-refugees-conference.html>

²⁴ “Global Trends: Forced Displacement in 2017”, disponível em: <https://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/5b27be547/unhcr-global-trends-2017.html>

do Sudão e da Alemanha, que se apresentaram como o quarto e quinto país, respetivamente, que mais refugiados acolheram, ocupando o lugar do Líbano e do Irão em relação ao ano anterior. É também importante destacar que os dados referem a Turquia como o país mais escolhido pelos refugiados para recomeçar uma nova vida, pelo quinto ano consecutivo²⁵. Devido à sobrecarga de fluxos migratórios, estes e outros países tiveram de tomar medidas restritivas referentes a novas entradas e pedidos de asilo. Isto e o subsequente aumento da securitização das fronteiras, criou um movimento de migrações ilegais, em particular por via marítima, onde milhares de migrantes se sujeitam todos os dias a viagens repletas de perigos (Ferreira, 2016b).

No que diz respeito ao cenário Europeu, estima-se, segundo o mais recente relatório “Desperate Journeys” da UNHCR, que desde o início de 2019 até ao final de setembro desse ano, as perigosas travessias marítimas do Mediterrâneo tenham sido os percursos escolhidos por cerca de 80.800 dos refugiados que conseguiram chegar a este continente. Para além destes, estima-se ainda que outros 1.041 tenham morrido ou desaparecido no mar ao tentar fazê-lo²⁶. Ainda que destabilizante e não correspondente ao ano inteiro de 2017, este é um número inferior ao observado em 2018, que em dezembro apresentava um índice de mortes/desaparecimentos de 2.275 refugiados²⁷. De todas as rotas, a que se afigura como a mais arriscada é, indubitavelmente, a que perfaz o caminho da Líbia até à Europa, sendo a causa de 63% das mortes em travessias marítimas até ao momento do relatório no ano de 2019²⁸. Este cenário de horror era já descrito por Pussetti (2017:264) anos antes, no qual ele via o Mediterrâneo como um “(...) túmulo de milhares de corpos sem nome (...) esquecidos no fundo do mar, no amodaçar das consciências”. Deste modo, têm sido assim empreendidas algumas medidas por parte da União Europeia e de alguns dos Estados-Membros, como é o caso da operação “Mare Nostrum” e da operação “Tritón” que visavam, à parte de um controlo das fronteiras europeias, o resgate de pessoas no mar (Ferreira, 2016a). Ainda assim, na opinião de alguns autores, diferentes estados têm vindo a assumir uma atitude securitária na gestão de fluxos intensos de refugiados, assim como um excesso de foco nos encargos que o seu acolhimento embarga, o que poderá ser um desperdício de forças, sendo mais proveitoso investir numa política solidária e humanitária preocupada em respeitar e proteger os direitos humanos (Ferreira, 2016a; Frantziou, Staigner e Chaytor, 2014). Em concordância com Ferreira (2016a), a falta de consenso entre os Estados Membros a respeito da gestão destes fluxos migratórios tem gerado um clima de instabilidade, que se reflete diretamente nas políticas de imigração e acolhimento, piorando o quadro dos refugiados e, conseqüentemente, impossibilitando o alcance da prosperidade a nível Europeu. De acordo com a autora, enquanto uns

²⁵ “Global Trends: Forced Displacement in 2018”, disponível em: <https://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/5d08d7ee7/unhcr-global-trends-2018.html>

²⁶ “Desperate Journeys - January – September 2019”, disponível em: <https://data2.unhcr.org/en/documents/details/71703>

²⁷ “Desperate Journeys – January to December 2018”, disponível em: <https://data2.unhcr.org/en/documents/details/67712>

²⁸ “Desperate Journeys - January – September 2019”, disponível em: <https://data2.unhcr.org/en/documents/details/71703>

lidam com a chegada permanente de um número excessivo de refugiados e somente apelam por cooperação, outros fecham fronteiras e recuam no auxílio financeiro, descartando-se de mais responsabilidades (Ferreira, 2016a). Syed Kamall, político do Parlamento Europeu, já em 2015, durante um debate em sessão plenária, refletia sobre esta situação, advertindo para a necessidade de um trabalho de equipa: “Temos que enfrentar estes problemas de forma realística. O tempo de apontar o dedo aos outros chegou ao fim. A Europa não precisa de uma nova cortina de ferro, precisa de discutir, trabalhar e encontrar uma solução em conjunto”²⁹.

2.1.3.2 Em Portugal

De acordo com o Serviço Nacional de Estrangeiros e Fronteiras - SEF, tem-se vindo a denotar, desde 2015, e contrariamente aos anos anteriores, um incremento significativo da entrada e, consequentemente, da residência de estrangeiros em Portugal (verificar a Figura 2.). Este crescimento deve-se, entre outros fatores, às circunstâncias promissoras pelas quais o país tem vindo a passar nos últimos anos, como é o caso do aumento do PIB e das oportunidades de trabalho que acabam por tornar Portugal num país atrativo para se viver³⁰.

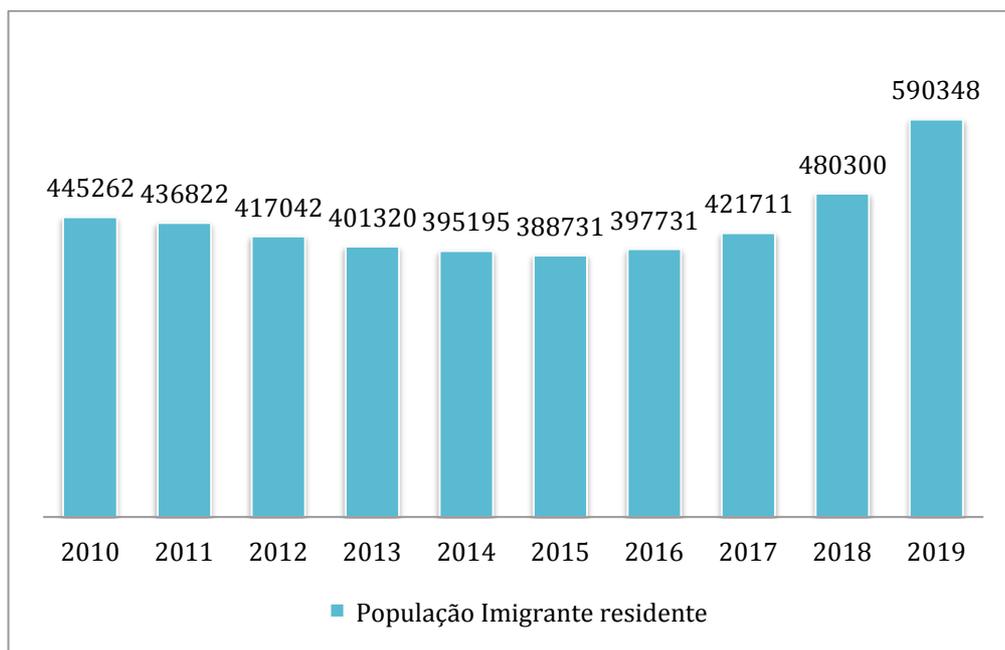


Figura 2.1 - Evolução da população imigrante residente em Portugal

Fonte: Autoral baseada em relatórios anuais do SEF³¹.

²⁹ “Debate sobre estado da UE: resposta à crise de refugiados deve ser a prioridade, defende Juncker”, disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/news/pt/headlines/eu-affairs/20150909STO92301/estado-da-ue-resposta-a-crise-de-refugiados-e-a-prioridade-defende-juncker>

³⁰ “Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2019”, disponível em: <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2019.pdf>

³¹ “Relatórios estatísticos anuais”, de 2010 a 2019, disponível em: <https://sefstat.sef.pt/forms/relatorios.aspx>

Em 2019, os estrangeiros residentes em Portugal eram, na sua maioria, oriundos de dez países, sendo estes: a Guiné-Bissau; Angola; França; Itália; China; Ucrânia; Roménia; Reino Unido; Cabo Verde; e o Brasil que, tal como em anos anteriores, se mantém como o país com a comunidade mais significativa em Portugal³². Ainda que estes dados não representem uma mudança na lista das dez nacionalidades mais representativas em Portugal em 2018 e em 2017, são, ainda assim, verificáveis mudanças relativamente aos lugares de alguns dos países nesta lista, como é o caso do Reino Unido e da Itália, que têm vindo a subir de posição desde 2017. No que concerne ao género, o ano de 2019 apresenta mudanças, pois, contrariamente aos anos de 2017 e 2018, verifica-se, ainda que por uma pequena percentagem, uma maioria de imigrantes do sexo masculino. A maioria dos imigrantes, tanto em 2017 como em 2018 e 2019, encontrava-se em idade ativa, particularmente com idades entre os 20 e os 44, e instalaram-se principalmente em zonas como Lisboa, Faro e Setúbal³³.

No âmbito das migrações forçadas, é de referir um estudo elaborado pelo European Social Survey e apresentado pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa em 2016, em que Portugal é anunciado como um dos países nos quais se tem vindo a verificar uma mudança de comportamento positiva por parte da população para que o Governo responda com benevolência aos pedidos de asilo, depreendendo-se, deste resultado, que os portugueses têm vindo a revelar-se cada vez mais sensíveis e receptivos ao acolhimento de refugiados³⁴. Neste espírito de solidariedade, comprometendo-se para com o Programa de Recolocação da União Europeia e assumindo responsabilidades no âmbito da crise migratória, Portugal acolheu, entre 2015 e 2019, 1552 requerentes de asilo oriundos dos hotspots existentes na Grécia e em Itália; 86 migrantes salvos em travessias do Mediterrâneo pelo ACNUR - Agência da ONU para os Refugiados; e ainda outros 1010 refugiados retirados da Turquia e do Egipto³⁵. Com isto, e segundo dados do CPR - Conselho Português para os Refugiados, representante do ACNUR em Portugal, foram-lhes declarados 1220 pedidos de proteção internacional em 2018³⁶, o que, de acordo com o SEF, representa uma diminuição comparativamente aos dois anos anteriores³⁷. Em contrapartida, e tal como é verificável na Figura 2, independentemente da redução geral dos pedidos totais de proteção internacional, notou-se em 2018 não só um aumento nos pedidos espontâneos, que representaram uma subida de 18,5 % dos pedidos de 2017, mas também um aumento da concessão do estatuto de refugiado e dos títulos de autorização de residência por questões

³² *Idem*.

³³ “Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo 2017”, disponível em: <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2017.pdf>;
“Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo 2018”, disponível em: <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2018.pdf>;
“Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2019”, disponível em: <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2019.pdf>

³⁴ “Migrações e Refugiados: Atitudes e Percepções dos Europeus”, disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/26525/1/ICS_ARamos_Migracoes_ResearchBrief.pdf

³⁵ “Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo 2018”, disponível em: <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2018.pdf>

³⁶ “Relatório de Atividades 2018. Lisboa: Conselho Português para os Refugiados”, disponível em: http://cpr.pt/wp-content/uploads/2019/04/CPR_Relatorio_2018_web.pdf

³⁷ “Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo 2018”, disponível em: <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2018.pdf>

humanitárias ou proteção subsidiária³⁸. Já em 2019, contabilizaram-se 1849 pedidos, o que representa uma subida abrupta dos pedidos de proteção internacional, incluindo não só os executados no contexto dos acordos que Portugal efetuou com a União Europeia, como também os consequentes das ações de salvamento realizadas no Mediterrâneo através dos barcos humanitários. Estes pedidos foram efetuados por indivíduos de origem maioritariamente Africana e, logo de seguida, Americana, com países como Angola; Gâmbia; Guiné-Bissau; Guiné; Venezuela; Congo; Nigéria; Ucrânia; Senegal e Camarões em destaque³⁹. Isto representa uma alteração significativa dos perfis, que em 2018 advinham não de África e da América, mas sim de África e da Europa⁴⁰.

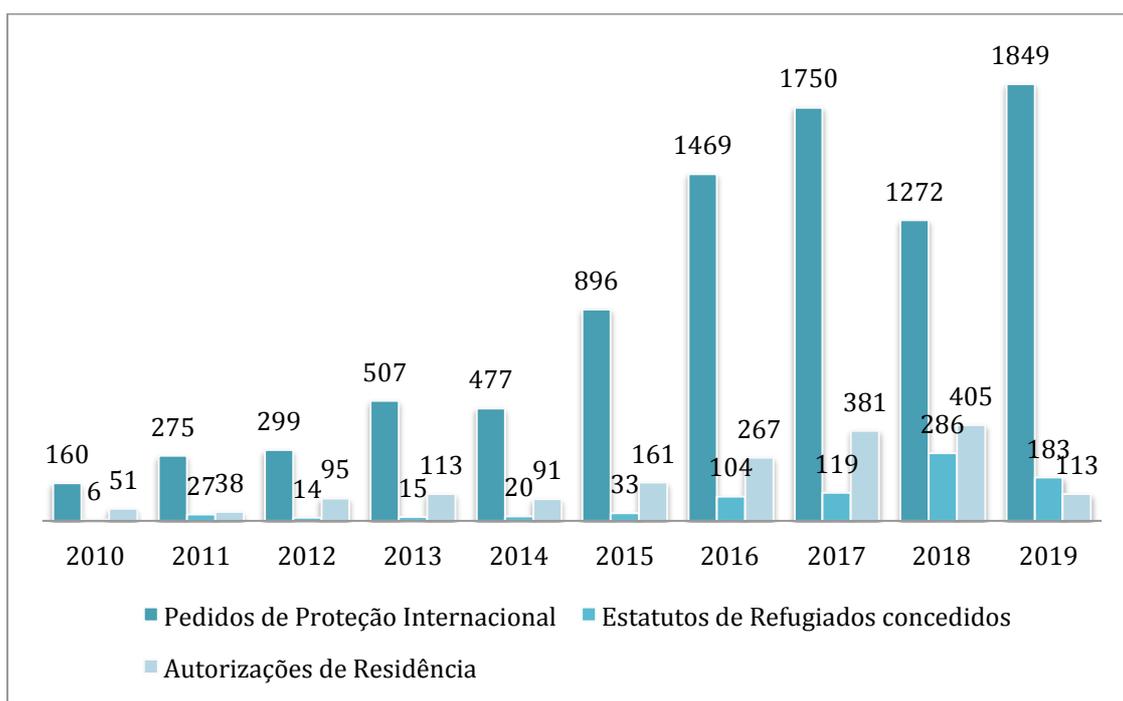


Figura 2.2 - Evolução da situação de asilo e proteção internacional

Fonte: Autoral baseada em relatórios anuais do SEF⁴¹.

Como foi possível verificar-se através dos dados já apresentados, ainda que os números referentes aos fluxos de migrantes forçados no resto da Europa tenham vindo a aumentar exponencialmente e de forma drástica nos últimos anos, em Portugal, ao olhar-se para os pedidos de proteção internacional poderá perceber-se que, apesar da grande subida que houve em 2019, os números não parecem representar uma parte considerável considerando o cenário Mundial e Europeu. Em 2015, numa entrevista à Rádio Renascença, Cristina Santinho, investigadora no Centro de Investigação de

³⁸ “Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo 2018”, disponível em: <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2018.pdf>; e “Relatório de Atividades 2018. Lisboa: Conselho Português para os Refugiados”, disponível em: http://cpr.pt/wp-content/uploads/2019/04/CPR_Relatorio_2018_web.pdf

³⁹ “Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2019”, disponível em: <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2019.pdf>

⁴⁰ “Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo 2018”, disponível em: <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2018.pdf>

⁴¹ “Relatórios estatísticos anuais”, de 2010 a 2019, disponível em: <https://sefstat.sef.pt/forms/relatorios.aspx>

Antropologia do ISCTE, demonstrava preocupação relativamente a este assunto, destacando que os refugiados “(...) que existem cá em Portugal são pouquíssimos. Se compararmos índices de acolhimento de refugiados em todos os países da União Europeia, Portugal nem sequer aparece” e acrescentando que estas pessoas “Mesmo assim, sendo tão poucas, têm imensas dificuldades”⁴².

2.2. Diversidade cultural e imigração: uma sociedade culturalmente diversificada

2.2.1 Diversidade, cultura e identidade

Como se pode perceber pelos dados anteriormente apresentados, vive-se, atualmente, os efeitos de uma sociedade na qual os fluxos de pessoas se tornaram constantes e incontroláveis e onde as cidades são palco de inúmeras interações e expressões culturais, que obrigam a uma coexistência com a diferença. A diferença é, agora, algo partilhado por todos, algo comum a todas as paisagens urbanas. Paisagens estas que Appadurai (1990) apelida de “ethnoscapes”, referindo-se às paisagens contemporâneas constituídas pelos deslocamentos de pessoas, independentemente do seu estatuto no contexto das migrações (refugiados, exilados, trabalhadores, etc) e fora do contexto das migrações (turistas, etc). De acordo com o autor, enquanto continuarem a ocorrer alterações no capital internacional, nas tecnologias, na produção e nas políticas de asilo, as necessidades da população vão estar sempre em mudança, condicionando não só os seus deslocamentos, mas também a constituição de políticas e instrumentos ao nível social (Appadurai, 1990). Desta forma, não poderia deixar de se abordar o conceito de “Diversidade Cultural”, pois é este conjunto de pessoas, derivado principalmente do aumento das migrações internacionais, que tem, em muitos dos casos, ocasionado o aparecimento de novas e diversas expressões culturais⁴³.

A diversidade cultural é, neste sentido, considerada pela UNESCO como “(...) the manifold ways in which the cultures of groups and societies find expression. These expressions are passed on within and among groups and societies”⁴⁴. Não é por acaso que esta organização aborda como elementos constituintes da diversidade cultural, os conceitos de *cultura*, *civilização* e *povos*, pois só através do respeito e da conciliação de todas as culturas é que, em conjunto, os povos poderão construir uma civilização digna e tolerante⁴⁵. Posto isto, a cultura assume um papel fundamental na representação da diversidade existente e da sua atuação na individualidade do ser humano e nas suas relações sociais.

⁴² “Portugal recebe poucos refugiados e, regra geral, recebe-os mal”, disponível em: <https://rr.sapo.pt/2015/09/11/pais/portugal-recebe-poucos-refugiados-e-regra-geral-recebe-os-mal/noticia/33491/>

⁴³ “Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural: relatório mundial da UNESCO, resumo”, disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000184755_por

⁴⁴ “Convention on the Protection and Promotion of the Diversity of Cultural Expressions”, disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000142919>

⁴⁵ “Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural: relatório mundial da UNESCO, resumo”, disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000184755_por

Pensar a cultura é refletir sobre as suas inúmeras dimensões e representações. A cultura é um conceito abrangente que não se esgota de interpretações, mas que, pelo contrário, se afirma pelas suas extensas dimensões. Foi neste âmbito que, em 1982, na Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais, realizada no México, de modo a fomentar o respeito pelas diferenças, se tentou convergir numa única definição todas as expressões e dimensões que a cultura adquire, surgindo assim a ideia de que a cultura é “el conjunto de los rasgos distintivos, espirituales y materiales, intelectuales y afectivos que caracterizan a una sociedad o un grupo social. Ella engloba, además de las artes y las letras, los modos de vida, los derechos fundamentales al ser humano, los sistemas de valores, las tradiciones y las creencias” assim como “es ella la que hace de nosotros seres específicamente humanos, racionales, críticos y éticamente comprometidos”⁴⁶.

Para Cuche (1999:9), a cultura é “a unidade da humanidade na diversidade além dos termos biológicos”. A cultura alude aos comportamentos e valores dos povos, assumindo-se como elemento diferenciador. É através das suas escolhas culturais diárias que o Homem se adapta ao mundo e, inevitavelmente, o adequa a si. Para o autor, o estudo da diversidade possibilitou a identificação de determinados conjuntos de práticas de âmbitos variados que definem a cultura de determinado grupo ou sociedade (Cucho, 1999). Na sua dimensão social, a cultura é observada como o produto de dinâmicas constantes entre todos os intervenientes sociais existentes. A cultura não se deve assumir como um conjunto estagnado de princípios e costumes, mas sim como um fenómeno variável que, fruto das constantes performances de convivência presentes numa sociedade, pode transformar-se e assumir inúmeros contornos (Paddila e Azevedo, 2012). São estas performances e dinâmicas de convivência que Giddens (2008:28-29) denomina de “processo de socialização” através do qual as pessoas se tornam as responsáveis pela apreensão dos comportamentos, valores e expressões culturais das sociedades em que se encontram, adaptando-se a estas. O tempo e o espaço assumem-se, assim, determinantes para estas inúmeras dinâmicas e modificações que a cultura assume no decurso das relações sociais, onde uma pluralidade de identidades vai emergindo proporcionando aos grupos e sociedades o seu carácter individualizador e ainda assim diversificado⁴⁷. Ainda assim, é importante perceber-se que, apesar da cultura da sociedade envolvente interferir no modo de viver das pessoas e na sua personalidade, em último caso, tudo irá depender das suas escolhas individuais (Giddens, 2001). Como remata Giddens (2001:29), “Cada um de nós, no decurso da socialização, desenvolve um sentido de identidade e a capacidade para pensar e agir de forma independente”.

No âmbito dos estudos das relações manifestadas entre as diversas culturas, é assim possível verificar-se uma tentativa constante, por parte de inúmeros autores, de se relacionar as noções de

⁴⁶ “Declaración de México sobre las Políticas Culturales: Conferência Mundial sobre las Políticas Culturales, México, 26 de julio - 6 de agosto”, disponível em: https://culturalrights.net/descargas/drets_culturals400.pdf

⁴⁷ “Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural”, disponível em: http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/diversity/pdf/declaration_cultural_diversity_pt.pdf

cultura e identidade. Baseando a sua opinião em autores como Gayatri Spivak, Santos e Nunes (2004), apontam que foi num quadro da globalização que os estudos da cultura começaram a adquirir estes contornos identitários, onde esta poderia ser observada como uma manifestação do conjunto de símbolos e significados que definem não só a individualidade do indivíduo, mas também a sua identidade coletiva concernente a determinada sociedade. Ainda assim, e apesar do seu carácter reativo e criativo, a cultura ganhou, também, a faculdade de delimitar as identidades, exaltando o reconhecimento da diferença e podendo, até, em determinados contextos, exercer o poder de hierarquização, resultando num agente de tensões (Santos e Nunes, 2004). Para Cuche (1999), a relação entre cultura e identidade não é assim tão linear. Ainda que conectados, estes dois conceitos referem-se a processos diferentes. Em consonância com o autor, enquanto a cultura se desenvolve inconscientemente e não depende da identidade para se produzir, a identidade é definida de maneira consciente através de processos de contraposição de escolhas, servindo-se da cultura e, em alguns casos, alterando-a. De acordo com Cuche, nos primeiros estudos sobre a noção de identidade cultural, esta foi inicialmente considerada como inalterável e intrínseca à condição do indivíduo. Com o perpassar do tempo, esta acabou por adquirir novas proporções, assumindo-se, tal como a cultura, como algo fluído que se constrói no decorrer das relações sociais. A identidade é então considerada pelo autor como “um instrumento que permite pensar a articulação do psicológico e do social em um indivíduo”, definindo-se através de uma construção social por oposição a outras identidades, pois uma identidade nunca existe sozinha (Cuche, 1999:177).

Schwartz, Montgomery e Briones (2006), num dos seus artigos sobre o papel da identidade nos modos de interação dos indivíduos, dão conta dos aspetos culturais da identidade e da sua relevância para a construção do “eu” individual e colectivo. Para isto, os autores refletem sobre as dimensões da identidade já reconhecidas nos estudos de Erikson - identidade pessoal e identidade social - complementando-as com a dimensão cultural, que consideram inserir-se na identidade social. Assim, com base nesse autor, Schwartz, Montgomery e Briones (2006:6) referem que a identidade pessoal concerne a “(...) goals, values, and beliefs that an individual adopts and holds”, enquanto a identidade social diz respeito à identificação de um indivíduo com determinado grupo que mantém os mesmos comportamentos e ideais que ele. Já relativamente à identidade cultural, esta é, para os autores, resultado da solidariedade e interação entre uma pessoa e um grupo ou ambiente cultural, ou seja, a pessoa, tal como no processo de construção da identidade social, reconhece-se nos ideais de determinado grupo exceptuando que, neste caso, a identificação terá por base características unicamente culturais que serão agrupadas na sua personalidade (Schwartz, Montgomery e Briones, 2006). Neste âmbito, Giddens (2008) salienta que estas identidades, ainda que reportem a análises diferenciadas, demonstram-se indiscutivelmente associadas, afetando-se, assim, mutuamente. Existe, deste modo, uma ligação real entre o mundo privado e o público, em que o ambiente cultural e social afetam a identidade do indivíduo enquanto elemento singular e colectivo da sociedade.

Existe ainda, no que toca à literatura sobre a matéria, quem associe identidade cultural a determinados simbolismos ligados ao Estado e a uma idealização de nação. Um destes autores é Hall (1999) que, no âmbito da globalização e de uma emergência de culturas, menciona a existência de identidades nacionais e identifica-as como um desdobramento das identidades culturais, apelidando-as de “identidades culturais nacionais” e acrescentado que, num “mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural” (Hall, 1999:47). Estas culturas nacionais são, para ele, sociedades idealizadas, fruto de um conjunto de símbolos e representações criadas pelo Estado como uma entidade política unificadora de povos, que proporcionam aos indivíduos o sentimento de pertença a uma nação erguida de memórias do passado prontas a ser revividas continuamente, com o intuito muitas vezes dissimulado de se imporem perante diferentes culturas e identidades (Hall, 1999). Em contrapartida, para Patrício (2008:426), existe “uma entidade que designamos pela expressão «identidade nacional» e uma outra que designamos pela expressão «identidade cultural»”, assumindo-as como duas identidades distintas e separadas. Segundo o autor, a pluralidade de identidades trazida pela globalização transformou as paisagens sociais. As identidades podem assumir-se de diferentes formas consoante a circunstância, isto é, um indivíduo emigrado pode dizer que a sua identidade nacional remete ao seu país de origem, contudo, quando se refere à sua identidade cultural, a mesma é fruto de todas as experiências que este se permite a sentir no meio cultural que o envolve. Para o autor, actualmente, talvez a melhor maneira de nomear um Estado não seja de acordo com as vinculações a uma ideia de nação, mas sim de uma comunidade plural, como ele refere: “Talvez o destino do Estado-Nação seja o Estado-Comunidade” (Patrício, 2008:427).

Díaz-Polanco (2006) assume que todas estas inúmeras expressões e identidades não são algo passageiro nem momentâneo, mas sim parte intrínseca e constante da sociedade, devendo, por isso, ser aceites e, de modo algum, contestadas. Conforme sustenta, “la sociedad humana es una formidable maquinaria que fabrica incesantemente la diversidad cultural” (Díaz-Polanco, 2006:15). As sociedades actuais são, assim, marcadas pela sua reinvenção constante ao nível cultural, assumindo uma diversidade de culturas e identidades culturais que se pautam pela sua abertura a diferentes influências e consequentes reformulações a vários níveis⁴⁸. Importa ainda salientar que a diversidade cultural não só é fruto das inúmeras expressões culturais existentes, como também as ocasiona, promovendo a expansão do leque de escolhas do qual o indivíduo se pode apropriar para a construção da sua identidade, contribuindo, assim, para a manutenção da sua própria existência, podendo ser “tanto uma

⁴⁸ “Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural: relatório mundial da UNESCO, resumo”, disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000184755_por

consequência do exercício da liberdade humana (particularmente da liberdade cultural) como uma fonte de enriquecimento social (particularmente de enriquecimento cultural)”⁴⁹.

2.2.2 Diversidade cultural: tensões e oportunidades

A realidade é que esta diversidade, apesar do valor que poderá encerrar arrisca-se, também, aos olhos de alguns estudiosos, a ser entendida como um constrangimento ao equilíbrio social de um dado território. Huntington (2001) já debatia esta questão no seu livro “El choque de civilizaciones”, afirmando que num mundo contemporâneo os conflitos mais fatais não são aqueles derivados de desigualdades económicas entre pessoas de diferentes classes, mas sim os provenientes de desigualdades culturais entre povos com diferentes identidades culturais. Este autor assumia a cultura como uma das distinções mais importantes entre os povos, defendendo que “(...) la cultura y las identidades culturales, que en su nivel más amplio son identidades civilizacionales, están configurando las pautas de cohesión, desintegración y conflicto en el mundo” (Huntington, 2001:15). A razão de ser destas tensões está, para o autor, na questão de que nada na vida poderá existir sem um inverso, isto é, para se afirmar e defender uma identidade tem, indiscutivelmente, de se repelir e contrariar todas as outras (Huntington, 2001). Isto vai de encontro à muito aclamada convicção de que, tal como é explicitado no Relatório de Desenvolvimento Humano do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD, o aparecimento de novas culturas num dado local, poderá ocasionar uma perda das culturas nele existentes. Somando a isto, muitos destes conflitos resultam ainda da ideia de que a diversidade cultural e, neste caso, determinadas culturas, poderão ser um entrave ao progresso das sociedades e ao seu adequado funcionamento. Ainda de acordo com este relatório, apesar de muitos conflitos apresentarem uma dimensão cultural, esta é uma suposição incorretamente fundamentada, pois, na verdade, é a respectiva ação de excluir a diferença que se encontra na origem destes conflitos, pois pode-se “(...) ter medo da diversidade e das suas consequências, mas é a oposição à diversidade – como nas posições de grupos anti-imigrantes – que pode polarizar as sociedades e que alimenta tensões sociais”⁵⁰. Estudos recentes apontam que, embora na maioria dos casos os grupos na origem destes conflitos pertençam a culturas opostas com divergências culturais e choques de valores perceptíveis, os motivos são outros, tratando-se de questões ou políticas ou de pura ganância económica ou até mesmo de situações de desigualdade estrutural⁵¹.

Num estudo sobre a cultura e a diversidade na Europa, Vertovec e Wessendorf (2006) destacam que as críticas à diversidade têm sido comuns não só em discursos políticos de anti-imigração por toda a Europa como também em debates públicos de especialistas da área, onde impera o medo que o

⁴⁹ “Relatório do Desenvolvimento Humano 2004: Liberdade Cultural num Mundo Diversificado”, disponível em: <http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2004-portuguese.pdf>

⁵⁰ *Idem.*

⁵¹ *Idem.*

reconhecimento das inúmeras identidades e expressões culturais possam ser motivo de fragmentação e corrupção da identidade nacional, da coesão social e não só. É visto por parte destes mentores e decisores, a necessidade de uma conservação histórica de simbolismos nacionais e de uma integração dos imigrantes com base nestes mesmos princípios. De acordo com os autores, estes discursos contra a diversidade centram-se em três argumentos: o primeiro baseia-se na falta de sucesso que a integração destes indivíduos têm tido tanto a nível cultural como socio-económico; o segundo debate a ausência completa de integração por parte da segunda geração da imigração, que é correlacionada com criminalidade e conflitos inter-étnicos e o terceiro argumento é a ameaça à segurança fundamentada pelos ataques terroristas que se tem vindo a presenciar ao longo dos últimos anos (Vertovec e Wessendorf, 2006).

Focando estas atitudes de anti-imigração no grupo dos refugiados, Newman (2003) dá conta que estes ainda são vistos hoje em dia, por muitos políticos e populações, como uma ameaça à segurança nacional. Situações em que o medo de receber refugiados possa dar aso a ataques terroristas ou a um colapso dos sistemas sociais com a ocupação dos empregos disponíveis, têm sido alguns dos motivos que têm suscitado a resistência relativamente ao acolhimento deste grupo e uma atitude cada vez mais securitária por parte dos Estados. O autor refere ainda o impacto que os média têm neste âmbito em que, muitas das reportagens, expõe situações de falsos refúgios que levam a uma generalização negativa de imediato (Newman, 2003). Em 2016, numa sondagem do Pew Research Center, pelo menos metade da população de 8 em cada 10 países, relacionavam a entrada de refugiados no país com possíveis atentados terroristas. A questão da perda de emprego foi também revelada nesta pesquisa como um medo comum pelo menos em 5 dos países inquiridos⁵². Para Loescher, Betts e Milner (2008:2), as nações têm criado uma visão dos refugiados negativa e associada a complicações, culpabilizando-os não só por adversidades económicas, mas também, e tal como refere o autor, “(...) for increased pressures on social cohesion and national identity”. Em concordância com isto está o estudo do European Social Survey, publicado em 2016 pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, e já anteriormente referido, onde se percebe subsistir, ainda que em poucos países, um receio geral de que o acolhimento de imigrantes poderá pôr em causa e, possivelmente, corromper a identidade nacional e cultural, bem como a coesão social destas sociedades em que um mesclado de culturas tem vindo a emergir. O estudo assinala a República Checa, a Hungria, o Reino Unido e a Áustria, como alguns dos países em que prevalecem estas percepções de ameaça cultural face aos imigrantes no geral⁵³.

As questões tornam-se, assim, óbvias: se os imigrantes estão ou não a invadir os países; se vêm usurpinar empregos e alterar salários; se estão intrinsecamente associados a ondas de criminalidade;

⁵² “Europeans Fear Wave of Refugees Will Mean More Terrorism”, disponível em: <https://www.pewresearch.org/global/2016/07/11/europeans-fear-wave-of-refugees-will-mean-more-terrorism-fewer-jobs/>

⁵³ “Migrações e Refugiados: Atitudes e Percepções dos Europeus”, disponível em: https://repositório.ul.pt/bitstream/10451/26525/1/ICS_Aramos_Migrações_ResearchBrief.pdf

se trazem doenças consigo dos países de onde vieram; se o carácter ilegal que cerca muitas das migrações torna estes indivíduos perigosos; se, apesar disto tudo, há uma rejeição por parte destes relativamente ao país que os acolhe; e se irão colocar em cheque a identidade do país de acolhimento, os seus costumes e tradições. Os medos são de facto muitos, e sejam eles relativos a imigrantes ou a refugiados, têm de ser contrariados e desmistificados (ACIDI, s. a.). É preciso, portanto, mudar este paradigma, pois a imigração não carrega apenas resultados negativos, as vantagens que poderá trazer para a sociedade que os recebe são igualmente visíveis e carecem, muitas das vezes, da devida consideração.

A economia nacional de um país poderá, assim, a longo prazo, ter bastante a ganhar não só com a entrada de imigrantes e de refugiados nas suas fronteiras, mas também com a sua subsequente integração (UNHCR, 2002). Como apoia a Comissão Europeia (2013:3), estes “(...) podem compensar a escassez de mão-de-obra a todos os níveis”, pois possuem capital intelectual e qualificações adequadas para atenuar a falta de mão de obra especializada existente em alguns países, sendo que, mesmo os menos habilitados, poderão ser também um recurso humano útil para preencher vagas de trabalho em áreas com menos procura e menos exigência. Para além disso, os refugiados, ainda mais do que os outros grupos de imigrantes, apresentam uma grande força de superação e vontade de contribuir ativamente para o país que os acolheu e lhes proporcionou uma nova oportunidade de vida (UNHCR, 2002). Da possível e eficiente participação destas pessoas no mercado de trabalho, poderá decorrer um aumento das colaborações fiscais e sociais que, já em 2016, num estudo realizado pelo FMI sobre a integração de refugiados na Europa, eram vistas como um possível potencializador das finanças públicas de um país, sendo até capaz de mitigar os efeitos negativos causados pelo envelhecimento populacional (Aiyar et al., 2016).

A Comissão Europeia (2013:3) destaca ainda as vantagens que a migração poderá trazer para o campo sociocultural, alegando que “intercâmbios podem ser enriquecedores e contribuir para uma maior tolerância”. Ainda que os contributos sociais e culturais da integração destes indivíduos não sejam tão perceptíveis e transparentes, as suas diferentes origens, experiências e perspectivas de vida, poderão facilmente proporcionar uma partilha de culturas e saberes que trará um enriquecimento cultural e social ao país, podendo, inclusivamente, tornar-se numa mais valia no âmbito do empreendedorismo e da inovação nas mais diversas áreas (UNHCR, 2002; Comissão Europeia, 2013).

2.3. A gestão da diversidade e a responsabilidade da Integração

2.3.1 A integração de imigrantes e refugiados

Spencer (2008) dá conta do carácter importante que a integração tem assumido nos discursos dos últimos anos no âmbito das migrações, reconhecendo-a não só como um processo dual que requer a

atenção e o compromisso tanto dos imigrantes como da sociedade que os acolhe, mas também como um fenómeno complexo que poderá assumir diferentes configurações em distintas esferas da vida dos indivíduos, seja ao nível económico, social, político ou cultural. A integração das populações imigrantes baseia-se, assim, no processo que lhes possibilitará uma igualdade tanto de direitos e oportunidades, como também de deveres equivalente à das populações autóctones, de modo a poderem igualmente acessar e usufruir da sua condição de cidadão na sua totalidade (Malheiros, 2011). Para Spencer (2008), a integração no contexto migratório, não só é estritamente necessária, como não pode ser descurada e dada como garantida, pois nem todos os migrantes são capazes de superar sozinhos os desafios das situações de exclusão que a chegada a um novo local propicia. E o que é a exclusão? De acordo com Costa (1998, *apud* Oliveira e Galego, 2017:58), a exclusão compreende “a fase extrema do processo de marginalização, entendido este como um percurso descendente, ao longo do qual se verificam sucessivas ruturas na relação do indivíduo com a sociedade” e poderá dar-se, tal como a integração, ao nível económico; social; psicológico; comportamental e cultural. A Ararteko (2006), instituição defensora do povo do País Vasco, chega mesmo a incluir as pessoas que passam por processos de carácter migratório no grupo de indivíduos que mais propensão poderá ter para sofrer uma situação de exclusão agravada, a qual, em casos extremos, poderá potenciar a sua entrada no grupo de pessoas consideradas sem-abrigo. Para esta instituição, um processo de exclusão de maior gravidade é aquele que abarca os indivíduos que, apesar de já pertencerem ao grupo de pessoas em exclusão, apresentam ainda mais carências do que estas, visto que, para além de não terem acesso às redes normalizadas de assistência social, apresentam também a falta de uma estrutura familiar e afetiva que os apoie. Posto isto, e tendo em conta o carácter inesperado da chegada de alguns destes indivíduos a um novo país é, por vezes, inevitável em algumas das situações, a princípio, a existência de uma situação administrativa irregular, que dificulta não só o acesso a um emprego e habitação, mas, acima de tudo, gera um sentimento de reprovação que, acentuado pelo possível preconceito e discriminação da comunidade, os remete para a periferia da exclusão, da qual apresentam dificuldade em sair sem estruturas de apoio nas suas vidas (Ararteko, 2006). Pode, deste modo, constatar-se que existem obstáculos bem assentes à integração destes indivíduos, sejam eles ligados a situações de carácter jurídico, ao preconceito ou aos comportamentos por parte da sociedade de acolhimento no que toca ao seu acolhimento (Spencer, 2006).

De modo a contrariar este cenário de exclusão, é importante adoptar um conjunto de medidas que permitam uma participação integral destes indivíduos em todas as esferas do tecido social, isto é, das medidas que habitualmente promovem a inclusão social. Isto sucede-se pois a exclusão e a inclusão poderão ser observadas como o inverso de uma mesma moeda, tendo ainda assim que se ter em conta que, ao se trabalhar diretamente a inclusão a aplicação dessas medidas gerais não serão o suficiente para um desempenho eficaz, tendo que se adaptá-las às situações específicas que estão a ocasionar essa exclusão (Long et al., 2002). Spencer (2008) reflete sobre esta questão da inclusão ponderando se

o mais correto não será pensar a integração destes indivíduos no âmbito da inclusão, visto ser esta que tem, na realidade, como fim aceitar todas as pessoas socialmente excluídas e incluí-las, tal como são, na sociedade. O que já na integração não poderá ser tomado como uma certeza dado que esta poderá presumir uma adaptação das características e hábitos dos imigrantes à sociedade. Uma correta estratégia de integração tem, portanto, que abranger não só a integração dos imigrantes na economia local, como também a sua inclusão na sociedade, mediante uma participação positiva em todas as atividades e instituições que desta fazem parte integrante, de modo a colmatarem as suas necessidades básicas e a criarem uma relação harmoniosa com toda a comunidade, isto é, uma integração que requeira um esforço conjunto entre os imigrantes e a sociedade que os acolhe (Spencer, 2008). Para que isto se suceda será necessária não só a intervenção das entidades governativas supranacionais e nacionais no âmbito da elaboração de políticas de integração adequadas, mas também da eficácia da implementação e atuação destas políticas ao nível regional/local (Papademetriou, 2008). Costa (2016) afirma ainda que, ainda que seja o Estado quem estabelece as políticas de gestão relativas aos movimentos migratórios e aos processos de integração e princípios de cidadania e pertença a eles interligados, mais uma vez, não dependerá só dele a eficácia dessas políticas, pois o Estado não possui qualquer tipo de controlo sobre o nível de aceitação destas políticas por parte dos imigrantes nem sobre os seus comportamentos à chegada a um novo país. Só os indivíduos podem determinar as suas concepções de pertença a determinada comunidade. Apenas eles possuem poder de escolha sobre a maneira como efetivam, ou não, a manutenção das suas identidades e das características que lhe são subjacentes, e até que ponto se devem envolver, ou não, nas práticas e instituições da sociedade que os acolheu (Costa, 2016).

No caso particular dos refugiados, a integração é apresentada pela UNHCR (2002) como uma das três soluções de que estes indivíduos dispõem ao chegar a um novo local, sendo as outras o repatriamento opcional ou a reinstalação noutra país que não o primeiro onde foram acolhidos. Não obstante da urgência que outrora tiveram para se retirarem dos seus países de origem, é comum entre estas pessoas o desejo de, mais tarde, poder retornar a casa. Quando há essa possibilidade, a Agência da ONU para os Refugiados, com o apoio de outras entidades, viabiliza este regresso em segurança, apelidando o processo de repatriação voluntária. Contudo, quando a repatriação não é uma solução viável, existe a necessidade de se instalar e integrar estes indivíduos no primeiro país onde pediram asilo, de modo a poderem começar a recompor a sua vida. No momento em que nenhuma destas duas soluções se apresenta exequível, dá-se a reinstalação do refugiado num país terceiro, o qual será responsável pela sua correta integração. A integração poderá, assim, a longo prazo, ser observada como uma solução vantajosa para este grupo em específico. No *International Handbook to Guide Reception and Integration*, observa-se um conjunto de objetivos e estratégias que um programa de integração de refugiados eficaz e adequado deverá incorporar. Assim, e primeiro que tudo, estes programas deverão atender às especificidades de cada refugiado; deverão restabelecer as

necessidades básicas destes indivíduos ao nível financeiro, de emprego, da saúde, da educação e da habitação; facilitar a sua comunicação com o país de acolhimento, através do apoio de tradutores ou de oportunidades de aprendizagem da língua oficial; disponibilizar toda a informação necessária para que consigam orientar-se adequadamente na nova sociedade; promover o reencontro destes indivíduos com as suas famílias e ajudar na unificação familiar; promover um apoio adequado e relações de confiança entre estes e os profissionais que lhes prestam auxílio, procurando restaurar o sentimento de segurança e confiança no sistema político e nas instituições da sociedade civil; ressaltar e garantir os seus direitos enquanto humanos e cidadãos; reconhecer a importância da sua diversidade cultural e da manutenção e respeito das suas identidades culturais e práticas que lhes estão associadas; eliminar situações de discriminação, racismo e marginalização, de modo a gerar sociedades coesas e acolhedoras e, por último, incentivá-los a integrarem comunidades de refugiados capacitadas que os ajudem na sua adaptação ao novo país (UNHCR, 2002).

Em Portugal, atualmente, cabe ao Alto Comissariado para as Migrações, entre outras valências, não só cooperar na execução das políticas públicas no âmbito das migrações, como também apoiar e promover a integração e inclusão de imigrantes valorizando a sua diversidade e lutando contra a discriminação⁵⁴. Esta organização trabalha assim, a par com o Estado, com as outras organizações da sociedade civil e com os imigrantes, para poder proporcionar a estas pessoas uma integração coordenada e de sucesso na sociedade. São dois exemplos dos esforços que têm vindo a ser sustentados por estas, os Planos Nacionais de Integração de Imigrantes, postos em prática a nível nacional entre 2007-2013, e o Plano Estratégico para as Migrações que entrou em vigor em 2015 e se encontra ainda em execução⁵⁵. Já no caso particular dos Refugiados, é o Conselho Português para os Refugiados, em parceria com o Alto Comissariado para as Migrações, com o Serviço Nacional de Estrangeiros e Fronteiras e com outras instituições e organizações locais como as autarquias, que auxilia e conduz muitas das intervenções e dos programas de acolhimento e integração destes indivíduos. Neste âmbito, o Conselho Português para os Refugiados demonstra-se ativo no desenvolvimento de parcerias com outras organizações que apoiem a criação de projetos arrojados e empreendedores que tenham em conta as características específicas deste grupo de indivíduos⁵⁶. Questões como a receção; a habitação; a assistência à saúde física e psicológica; o acesso à educação; a aprendizagem da língua portuguesa; a certificação de qualificações e o devido acompanhamento dos indivíduos para que estes consigam aceder ao mercado de trabalho; a assistência legal e social, como a promoção da reunificação familiar e da participação cívica e cultural no âmbito da comunidade, são

⁵⁴ “ACM: Missão”, disponível em: <https://www.acm.gov.pt/pt/-/o-que-fazemos->

⁵⁵ “ACM: Políticas locais para acolhimento e integração dos imigrantes”, disponível em: <https://www.acm.gov.pt/pt/-/politicas-locais-para-acolhimento-e-integracao-dos-imigrantes>

⁵⁶ “Relatório de Atividades 2018. Lisboa: Conselho Português para os Refugiados”, disponível em: http://cpr.pt/wp-content/uploads/2019/04/CPR_Relatorio_2018_web.pdf

vistas em Portugal como o foque dos programas de integração destes indivíduos em situação de refúgio⁵⁷.

Ainda assim, e em particular no caso específico dos refugiados, a integração em Portugal tem-se revelado por vezes complicada. A falta de uma rede de articulação entre as entidades políticas e sociais responsáveis por dar o devido apoio a estas pessoas tem dificultado a obtenção e reconhecimento dos documentos necessários para que possam recompor a sua vida. Isto e a existência de um baixo número de refugiados no país poderão ter uma influência direta na forma como estes observam a sua experiência em Portugal (Santinho, 2013a). Outro ponto importante é a barreira da comunicação, a qual, apesar de tentar ser colmatada por Portugal através de programas de aprendizagem, torna-se ineficaz quando, por vezes, não existe o número de inscrições necessárias para levar o curso adiante⁵⁸. Lara, refugiada em Portugal, em entrevista ao jornal *Público*, em 2017, reconhece algumas destas dificuldades e admite uma mudança na imagem que tinha do país: “Desde o primeiro dia, adorámos o facto de termos vindo para Portugal e queremos ficar. Mas não esperávamos que as condições fossem estas”⁵⁹. Há, portanto, muito ainda que precisa de ser trabalhado neste âmbito, pois como observa a investigadora Lisa Matos em entrevista ao jornal *Público*, em 2018: “(...) o país não deve dar o passo seguinte em termos de acolhimento de novos refugiados sem ouvir da boca dos refugiados que cá estão o que não correu bem (...) se os refugiados não forem ouvidos, continuaremos a cometer erros, por mais boa vontade que haja”⁶⁰.

No entanto, um estudo do Eurobarómetro publicado em 2018 identifica Portugal como um dos principais países da União Europeia em que persiste a ideia de que a integração dos imigrantes é concretizada com eficácia. Para além disto, e de acordo com o estudo, para os portugueses, é ainda evidente a ideia de que uma integração de sucesso irá depender não só dos imigrantes como também da sociedade de acolhimento, chegando-se mesmo a alcançar 83% de respostas neste sentido⁶¹. A integração, seja de imigrantes como de refugiados, faz assim parte de uma troca justa em que estes trarão vantagens à sociedade que os acolheu, mas apenas se esta lhes proporcionar uma integração

⁵⁷ “Relatório de Avaliação da Política Portuguesa de Acolhimento de Pessoas Refugiadas: Programa de Recolocação”, disponível em: https://www.acm.gov.pt/documents/10181/27754/Relatorio_Acolhimento+Pessoas+Refugiadas_Dez.2017.pdf/d21546b3-7588-483d-92a3-fa8185d61b5b

⁵⁸ “Apoio que Portugal dá aos refugiados é casuístico, isolado, descoordenado”, disponível em: <https://www.publico.pt/2018/11/16/sociedade/noticia/apoio-portugal-refugiados-casuistico-descoordenado-isolado-1851242>

⁵⁹ “Quase metade dos 1500 refugiados que chegaram já deixou Portugal”, disponível em: <https://www.publico.pt/2017/10/16/sociedade/noticia/mais-de-metade-dos-1500-refugiados-que-chegaram-ja-deixou-portugal-1788767>

⁶⁰ “Apoio que Portugal dá aos refugiados é casuístico, isolado, descoordenado”, disponível em: <https://www.publico.pt/2018/11/16/sociedade/noticia/apoio-portugal-refugiados-casuistico-descoordenado-isolado-1851242>

⁶¹ “Special Eurobarometer 469: Integration of immigrants in the European Union”, disponível em: <https://ec.europa.eu/commfrontoffice/publicopinion/index.cfm/Survey/getSurveyDetail/instruments/special/surveyKy/2169>

adequada, tendo para isto que minimizar e melhorar as dificuldades encontradas pelos indivíduos à chegada a um novo país, trabalhando para que possam participar de forma plena em todos os âmbitos da sociedade (Comissão Europeia, 2013).

2.3.2 Modelos políticos de gestão da diversidade num contexto sociocultural

De todos os objetivos anteriormente discutidos, que devem compor uma integração adequada, importa para o presente estudo ter em consideração a importância da valorização da diversidade cultural dos imigrantes e refugiados, assim como a relevância da manutenção das suas identidades culturais para uma integração de sucesso. A UNHCR (2002:31) admite o valor da cultura neste processo declarando que “(...) integration is more likely to be successful in an environment in which new arrivals are able to maintain their cultural, racial, religious or ethnic integrity while at the same time being encouraged to participate in, and access the resources of, the receiving society”.

Neste âmbito, Romero (2010) identifica os seguintes modelos sociopolíticos de gestão da diversidade cultural, distribuindo-os por dois grupos: os que têm como intuito pôr em prática um processo de exclusão dos indivíduos e os que, por oposição, se apresentam como estratégia de inclusão, ou seja, de integração.

Quadro 2.1 - Modelos sociopolíticos de gestão da diversidade sociocultural.

Exclusão	Discriminação	Legal	Leis discriminatórias
		Social	Práticas Discriminatórias
	Segregação	Espacial	Guetos residenciais
		Institucional	Guetização escolar e sanitária
	Eliminação	Cultural	Etnocídio
		Física	Genocídio
Inclusão	Homogeneização	Assimilação	Anglicização; Arabização; Ladinização
		Fusão Cultural	Melting Pot
	A Diversidade Cultural como algo positiva	Pluralismo Cultural	Multiculturalismo
			Interculturalismo

Fonte: adaptação de Romero (2010)

No que diz respeito aos processos de exclusão do indivíduo culturalmente diferente, e como se pode verificar na Figura 2., o autor identifica a segregação, a discriminação e a marginalização (Romero, 2010). Tanto a segregação como a marginalização eram dois dos modelos identificados por Berry (1997) na sua teorização sobre o processo de aculturação (trocas culturais). Para este autor, a segregação era vista como a acção de isolamento da cultura imigrante por parte da sociedade de acolhimento. Já a marginalização correspondia a uma inexistência de trocas culturais de qualquer tipo, fosse com um grupo cultural exterior ou até mesmo dentro do seu próprio grupo cultural, correspondendo assim a uma perda total das referências culturais (Berry, 1997).

No quadro da inclusão, a assimilação assume-se como um dos primeiros modelos elaborados. Desenvolvida inicialmente no início dos anos 20 do século passado por estudiosos da Escola de Sociologia de Chicago, esta abordagem ganhou anos mais tarde um maior rigor e visibilidade com o trabalho de Milton Gordon no seu estudo sobre o processo de assimilação na América, em particular, nas correntes religiosas da altura (Asselin et al., 2006). De acordo com Malheiros (2011), este modelo certifica-se da inclusão das minorias na sociedade, através de uma acção de abandono efetiva dos seus elementos sociais e culturais distintivos em prol dos valores da sociedade de acolhimento. A desconsideração pelas características destas minorias presente nesta abordagem levou, posteriormente, a uma onda de desaprovação. Apesar disto, nas últimas décadas, tem sido verificável uma retoma de alguns dos princípios presentes na abordagem assimilativa em que, através do desenvolvimento de cursos linguísticos e culturais, alguns países da Europa têm vindo a tentar de novo impôr os seus valores nas minorias (Malheiros, 2011). Para Vala (2004), a abordagem assimilativa poderá ocasionar sentimentos contraditórios, tornando-se complicada a sua aplicação. Apoiando-se em estudos sobre a diferença e a semelhança identitária nas relações culturais entre grupos, o autor pressupõe que esta abordagem poderá não só ser considerada uma resposta por parte da sociedade de acolhimento ao medo da diferença, como também arriscar-se-á a suscitar nesta o medo de uma perda de identidade, decorrente do seu carácter homogeneizante, ou seja, da semelhança ocasionada entre os grupos (Vala, 2004).

Ao contrário do modelo assimilacionista, o modelo de fusão cultural mais conhecido como o processo de *melting pot*, não pressupõe a sobreposição das culturas minoritárias pelas culturas maioritárias mas, pelo contrário, reconhece de forma igualitária as várias culturas existentes num dado local, assumindo que, ao interagirem e entrarem em contacto entre si, poderão fundir-se, formando, consequentemente, novas e irreconhecíveis referenciações culturais (Giddens, 2008). As opiniões relativamente a este modelo são assim divergentes, pois, enquanto Giddens (2008) refere que, para alguns autores, esta fusão de culturas e todas as novas formas culturais que desta provêm são vistas como uma vantagem para as sociedades e para o desenvolvimento da diversidade, para Romero (2010),

por exemplo, apesar deste modelo ser uma evolução comparativamente ao modelo assimilacionista, para além de segmentar a diversidade, ainda compele os indivíduos a abdicarem, de certo modo, das suas culturas originais.

Por último, e de acordo com Romero (2010), num quadro da inclusão, considera-se o multiculturalismo e o Interculturalismo que se inserem nos modelos de pluralismo cultural. Estes modelos promovem a diversidade respeitando-a e integrando-a como parte vital da sociedade, através do incentivo por uma igualdade de direitos e responsabilidades entre todos os grupos, assim como a promoção do respeito pela diferença. O Multiculturalismo é o modelo que insere a diversidade cultural no panorâma das políticas públicas (Romero, 2010). Nas suas considerações sobre as múltiplas interpretações que o Multiculturalismo adquire, Vertovec e Wessendorf apontam-no, numa das suas vertentes, como um projeto político que, através da implementação de determinadas medidas orientativas para o método de ação dos governos e das estruturas sociais, poderá alcançar os resultados a que se propõe. Associado na sua forma positiva a ideais de igualdade, respeito e acesso pleno a todas as esferas da sociedade, o Multiculturalismo como modelo de integração assume, assim, o reconhecimento de todos os grupos culturais, minoritários ou não, tal como o respeito e direito à perservação de todas as suas características e elementos culturais de origem. Os autores sustentam ainda que, para além da necessidade de reestruturação das entidades locais e nacionais de modo a permitir o funcionamento adequado das políticas multiculturais, têm surgido também programas culturais comunitários com ênfase na reprodução da expressão cultural das minorias. Para além disto, o Multiculturalismo representa ainda a ideia geral de uma sociedade diversificada (Vertovec e Wessendorf, 2006).

Apesar de todas estas qualidades e de se apresentar como um avanço significativo em relação aos modelos anteriores, são verificáveis, cada vez mais, por vários estudiosos da matéria, críticas a este modelo. Machado (2002:20) é um destes autores que, debatendo o carácter fechado que o Multiculturalismo apresenta, destaca que, no âmbito do mesmo, “cada indivíduo tem uma comunidade, cada comunidade uma cultura e cada cultura um espaço próprio e fronteiras invioláveis”, não havendo, assim, apesar do respeito mútuo, nenhum tipo de interação entre os diferentes grupos culturais. Existe no Multiculturalismo uma ideia de que as trocas culturais entre grupos não podem existir fora do modelo de assimilação forçada, o que, ao invés de promover a liberdade e diversidade cultural na sua totalidade, acaba por restringi-la aos seus grupos de pertença, ou seja, a liberdade existe, mas apenas dentro de certos parâmetros organizados (Machado, 2002). Barbosa (2010) aborda precisamente este assunto, afirmando que a explicação para isto se encontra no excesso de relevância concedido à questão da diferença que, apesar de ser fulcral para uma manutenção eficiente das distintas identidades culturais, acaba por criar, concomitantemente, o efeito indesejado e contrário, separando estes grupos culturais entre si. Sen (2015) observa que este multiculturalismo que tem vindo a ser apoiado e posto em prática é na realidade um “monoculturalismo plural” ao invés de uma ideologia realmente

multicultural que proporcione liberdade de escolha cultural. Este monoculturalismo plural compartimenta, deste modo, as diferentes culturas, dando aso a uma concentração de comunidades étnicas que vivem no mesmo espaço social mas que, ainda assim, se encontram desconectadas umas das outras.

Destas críticas surge, assim, do ponto de vista de alguns estudiosos, a necessidade de um novo modelo que dê resposta a aspetos que, para eles, o Multiculturalismo falhou em alcançar. Este novo modelo, o Interculturalismo, não só legitima a premissa do Multiculturalismo sobre o reconhecimento e o respeito pela diferença cultural e a igualdade de direitos, como também descarta o procedimento passivo deste modelo que o antecedeu, alterando o comportamento das comunidades através da premissa da “interação sociocultural positiva”, ou seja, de um diálogo aberto a uma partilha cultural entre os diferentes grupos culturais que constituem a sociedade (Romero, 2010:33). Cantle (2015), como defensor deste modelo, reconhece a necessidade de colmatar a falta de contacto entre culturas que foi, durante muito tempo, motivada pelo Multiculturalismo. De acordo com este autor, o contacto é um dos principais fundamentos do Interculturalismo, pois é através deste que se poderá empreender uma mudança no comportamento das pessoas. A promoção de espaços com um ambiente seguro onde se possam proporcionar momentos de convívio e diálogo entre diferentes culturas torna-se, logo, num dos focos deste modelo, que poderá ser a chave para proporcionar o devido apoio a esta diversidade crescente (Cantle, 2015). Zapata-Barrero (2015) sublinha ainda que este contacto ou interação é trabalhado pelo Interculturalismo através não de uma exaltação do que é diferente e deve ser aceite em determinada comunidade cultural, mas sim de uma partilha do que é comum às culturas ou em muitos casos do que poderá vir a tornar-se comum e experimentado ou adoptado por todas as culturas.

Na óptica de Barbosa (2011), a Interculturalidade é exatamente o que as nações precisam para se tornarem lugares onde prevaleça: o respeito mútuo entre todas as culturas existentes, a coexistência e a interação pacífica entre indivíduos e grupos concernentes a diferentes cenários socioculturais e a liberdade destes poderem escolher qualquer cultura ou identidade independentemente das suas origens. Cantle (2015) observa este poder de liberdade de escolha cultural que o Interculturalismo promove como algo novo em relação ao Multiculturalismo. Para ele, a ideologia multicultural não só via a imigração e a diversidade dela derivada como o único factor que desafiava as identidades maioritárias, como incitava, ao separar as culturas, a uma identidade já destinada e, deste modo, constante, que não deveria sofrer intrusões de modo a não causar conflitos entre a pluralidade de identidades existentes. Já o Interculturalismo, de acordo com o autor, tem em conta os múltiplos factores que interferem com a identidade das culturas maioritárias, não atribuindo a culpa destas modificações à diversidade. A ideia já não está, portanto, em evitar a tensão e o conflito através do reconhecimento desinteressado do outro, mas sim em aceitar que o conflito e as alterações identitárias são, muitas das vezes, um efeito colateral real do cenário contemporâneo e de todos os seus múltiplos aspetos que, corretamente trabalhados, através da convivialidade e do exercício da cidadania ativa, poderão ter uma solução

pacífica (Cantle, 2015). Como especificou Ribeiro (2008 *apud* Gil, 2008:31): “Só há um futuro pacífico para a Humanidade se a Interculturalidade for viável (...) a Interculturalidade, mais do que uma estratégia de encontro ou de comunicação cultural, deve ter subjacente um projecto político de transformação social transnacional”.

Perante todas estas possibilidades, a que o Interculturalismo se propõe atender, será importante perceber as suas aplicabilidades e impactos, não só na teoria, mas também na prática, particularmente, no que diz respeito à intervenção e integração sociocultural de imigrantes e refugiados.

2.3.3 A responsabilidade da integração e o papel do terceiro setor

A questão da adaptação e da integração dos imigrantes requer, como já anteriormente foi referido, um esforço conjunto entre os imigrantes e todas as entidades e instituições que constituem parte integrante das respectivas sociedades de acolhimento. Para uma melhor compreensão de quais os agentes envolvidos no processo de integração e de que modo a responsabilidade deve ser distribuída por todos eles, atente-se ao diagrama adaptado de Spencer (2008):

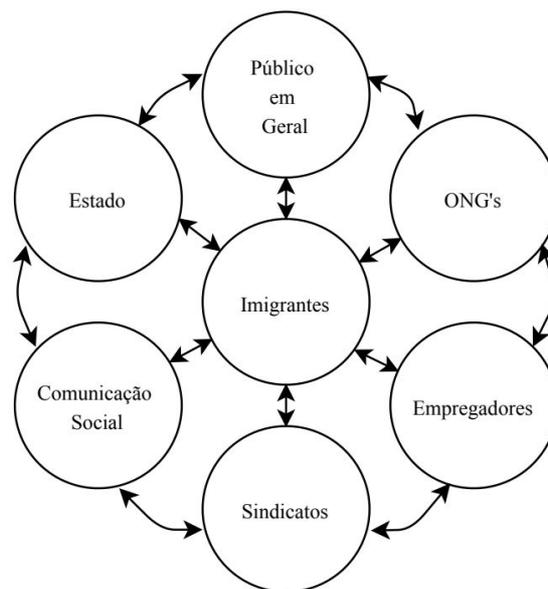


Figura 2.3 – Agentes de Integração

Fonte: adaptação de Spencer (2008)

Centrando os imigrantes no meio do diagrama, Spencer (2008) assume-os como um dos principais agentes responsáveis pela sua própria integração. É esperado, pela sociedade que os acolhe, que estes se esforcem para se integrar, respeitando as leis vigentes e aprendendo, no mínimo, a língua oficial do país, de modo a entrarem para o mercado de trabalho e tornarem-se indivíduos autónomos do Estado.

De acordo com Spencer (2008), o público no geral, ou seja, os restantes membros da sociedade, constituem igualmente um papel importante neste processo, pois é o comportamento e a reacção destes perante os imigrantes que, muito frequentemente, determina o clima da integração. Os imigrantes apenas se sentirão seguros e incluídos através de uma recepção acolhedora por parte da comunidade. De acordo com o autor, este clima poderá, em certa parte, ser também influenciado por matérias produzidas pela Comunicação Social, que detêm a responsabilidade de divulgar de maneira transparente e fiel todas as informações respeitantes a questões de imigração (Spencer, 2008).

Já o Estado, é quem define o plano de integração a ser implementado pelo país, criando as condições essenciais para que este se realize, orientando, para tal efeito, todos os organismos pertencentes à sociedade civil, como é o caso dos sindicatos, empregadores, associações e outras ONG's que terão, sem dúvida, um papel essencial na integração destas minorias (Spencer, 2008). De acordo com Papademetriou (2008:LVI), estes "(...) poderes difusos mas cruciais do sector não governamental (a sociedade civil), devem desempenhar, e desempenham efectivamente, os papéis mais críticos", uma vez que é ao nível local que a integração realmente conceberá resultados concretos consequentes das relações constantes entre os imigrantes e a comunidade local.

É neste âmbito de uma sociedade civil cada vez mais participativa e organizada como agente de apoio à inclusão que se enquadra, portanto, o Terceiro Setor, o qual, de acordo com Santos (1999), corresponde ao grande número de organizações que se diferenciam das restantes por não pertencerem nem ao Estado nem ao Mercado, pois ainda que muitas se apresentem como privadas e compreendam interesses públicos, não têm como objetivo lucrar, mas sim o alcance de determinados propósitos sociais de interesse comunitário. Dado o vasto leque de formatos que adquire e até mesmo as diferentes conjunturas políticas, sociais, culturais e históricas que reflecte, este Setor poderá ser conhecido por diferentes nomenclaturas, sendo estas: economia social; setor voluntário; organizações sem fins lucrativos ou organizações não governamentais (Santos, 1999).

Num estudo publicado em 2001 sobre o Terceiro Setor no âmbito português, Luís Reto identifica uma constante no trabalho destas organizações: todas elas atuam em prol de um objetivo, que passa por dar resposta a uma situação de adversidade ou a um problema específico, muitas das vezes local, referente ou aos membros participativos da organização ou à comunidade no geral (Reto, 2001). Deste modo, o trabalho destas organizações tenta assim solucionar cenários problemáticos, tornando-se importante a vários níveis: a nível económico, pois concebe produtos e presta apoios que respondam a necessidades em áreas não só sociais como também no âmbito da cultura, da educação ou da saúde; ao nível socioprofissional, pois contrata indivíduos que se apresentam em situações desfavoráveis, como é o caso do desemprego; ao nível da inclusão/integração, pois tenta encontrar soluções criativas e inovadoras para problemas de exclusão e, por último, ao nível do desenvolvimento local e comunitário, que se cumpre após um alinhamento de todos os outros níveis (Quintão, 2004). Constata-se, deste

modo, que “(...) a desintegração do tecido social torna-se ponto de partida para repensar a intervenção social” (Coutinho, 2002:78).

2.3.4 As organizações de âmbito cultural e social na intervenção por projeto

Hoje em dia, como percebido, a exclusão social manifesta-se de diferentes formas, o que requer, igualmente, diferentes meios de intervenção. Neste âmbito, e porque cada vez mais a exclusão deriva e afeta questões de carácter cultural e ideológico, as organizações e as associações de carácter cultural e social assumem, dentro do Terceiro Setor, um dos papéis determinantes no combate à exclusão, pois “by becoming spaces for deepening the understanding of different cultures and providing room for participative and creative encounters (...) play a pivotal role in connecting people and in building a more cohesive and open society” (European Union, 2014:5).

De acordo com Filipa Bolotinha, coordenadora da associação cultural Renovar a Mouraria, em entrevista à Acesso Cultura, a intervenção por parte destas organizações e associações, para produzir o efeito esperado, deverá ser pensada cuidadosamente em conjunto com o seu público-alvo, de modo a conseguir responder-se às suas verdadeiras necessidades e não a idealizações pré-concebidas de quais estas possam ser. Para isto, será essencial proporcionar iniciativas que promovam uma maior proximidade com a comunidade que se pretende abordar, proporcionando uma interação harmoniosa entre todos os intervenientes (Acesso Cultura, 2017).

Um dos métodos de intervenção que mais tem vindo a ser utilizado neste contexto é, sem dúvida, a intervenção por projeto. De acordo com Hespanha (2008), esta abordagem é de grande utilidade devido à sua maior proximidade com o local, que irá permitir: uma maior proximidade à realidade existente e o consequente incentivo à participação; uma intervenção integrada, baseada em relações estáveis e positivas entre todos os intervenientes, sejam eles os beneficiários, os responsáveis dos projetos ou os parceiros institucionais; uma maior flexibilidade de atuação e de adequação às realidades encontradas ao longo de toda a intervenção; uma maior liberdade de decisão e de administração dos recursos disponíveis sejam eles económicos, sociais ou políticos, de modo a garantir uma disseminação eficaz da informação, bem como a produção de novas ideias; um aumento da coesão ao nível da identidade e práticas locais e, por último, dado o carácter limitado do alcance dos objetivos nas abordagens por projeto, é também permitida uma análise da intervenção e reajuste das acções necessárias para o correto cumprimento destas metas dentro do tempo estipulado. Esta intervenção é ainda constituída, segundo o autor, pela sua qualidade individualizadora, que incentiva ao *empowerment*, fazendo dos beneficiários do projeto, sujeitos ativos no seu próprio processo de inclusão. Para isto, os projetos são configurados de modo a responder às necessidades e capacidades específicas de cada um dos seus participantes, motivando-os e proporcionando-lhes o essencial para se tornarem indivíduos autónomos e pró-ativos (Hespanha, 2008).

2.4. O papel inclusivo da cultura e dos projetos (inter)culturais

2.4.1 O papel inclusivo dos projetos culturais e artísticos

Como já se fez entender, a consideração pela cultura e pela identidade cultural dos imigrantes e refugiados é, sem dúvida, um dos fatores a ter em conta no seu processo de integração. Um estudo realizado por Netto, em 2008, na Escócia, prova a importância que tem, para os imigrantes e para o seu bem estar psicológico, a possibilidade de poderem manter contato com as suas tradições e com a sua herança cultural. Durante a sua pesquisa, Netto (2008) deu conta do interesse dos imigrantes, sobretudo os de primeira geração, em poder aceder às artes ligadas ao seu país de origem e de como esta sobrevivência cultural era, igualmente, uma questão de bem estar emocional, pois como referiu um dos seus entrevistados, “Culture is something I need to hold on to, to survive here, that is why it is scary when you don’t see it” (Netto, 2008:54). É importante ressaltar que, para além de benéfica e aludindo ou não à cultura dos indivíduos, a participação cultural é ainda um direito, tal como descrito não só no Art. 27.º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, como também no Art. 15.º do Pacto Internacional dos direitos Económicos, Sociais e Culturais adoptado pela União Europeia⁶². A Acesso Cultura (2017:7), instituição de renome na área cultural em Portugal, reconhece igualmente a capacidade revolucionária, inovadora e inclusiva de que a cultura se reveste, afirmando que “(...) quem trabalha neste sector não consegue imaginar de que forma este processo de inclusão poderá acontecer sem a Cultura”.

Será então conveniente fazer uma revisão, ainda que breve, da literatura existente tanto ao nível académico como político no quadro da União Europeia sobre de que modo a cultura, através de determinados projetos e iniciativas, poderá auxiliar na integração e inclusão dos grupos de imigrantes na sociedade de acolhimento. Para isto, torna-se pertinente perceber a relação causa/efeito entre os fenómenos de integração, inclusão e cultura, que têm sido debatidos ao longo dos anos em estudos realizados não só no âmbito das migrações, mas também de outros grupos socialmente excluídos. Porém, denota-se que, na maioria dos estudos apresentados a cultura é referenciada não só como uma via de expressão identitária conectada aos costumes, tradições e valores dos indivíduos, mas também como uma prática artística liberta de questões identitárias e desligada da herança cultural dos indivíduos com um carácter puramente criativo. Posto isto, esta revisão será assim dividida entre alguns dos estudos do papel inclusivo que a cultura assume como prática identitária, mas também como campo artístico e criativo, tanto no âmbito migratório, como noutros contextos.

⁶² “Declaração Universal dos Direitos Humanos”, disponível em: <https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por>; e “Pacto Internacional dos Direitos Económicos, Sociais e Culturais”, disponível em: <https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por>

Os estudos sobre a inclusão dos indivíduos socialmente excluídos ou em situações de marginalização, fora do contexto migratório, através de atividades de âmbito cultural, são assim diversas, tanto em Portugal como pelo resto do mundo, e podem, de acordo com a pesquisa efetuada, incidir em diferentes campos de estudo consoante os impactos e mudanças que ocasionam: na educação, em que as práticas artísticas e o uso da cultura podem motivar a frequência escolar dos participantes; melhorar o seu sucesso escolar e participação e ajudar na sua aprendizagem (Long et al., 2002; Gomes, 2015; Canudo, 2017); na economia, pois os estudos revelam efeitos no aumento da empregabilidade dos participantes, visto que alguns dos projetos culturais pressupõem a criação de postos de trabalho para os envolvidos ou incentivam a procura de emprego, enquanto outros comprovam um impacto no aumento dos investimentos não só em novos projetos artísticos mas também ao nível do desenvolvimento urbano e turístico do ponto de vista cultural, melhorando a imagem estigmatizada das cidades e dos grupos excluídos que lá vivem e, mais uma vez, aumentando os postos de trabalho para estes indivíduos (Matarasso, 1996; Goodland, Hamilton e Taylor, 2002; Grodach e Loukaitou-Sideris, 2007; Estevens et al., 2019); na saúde, pois a participação em atividades ou projetos terapêuticos no campo da arte e da cultura tem apresentado efeitos positivos ao nível da saúde psicológica dos seus participantes, ou seja, da sua disposição e satisfação relativamente a certos aspetos específicos das suas vidas (Matarasso, 1996; Matarasso, 1997; Silva, 2012); no desenvolvimento pessoal, em que são visíveis melhorias na auto-estima e na auto-confiança dos participantes, assim como no desenvolvimento de competências variadas ao nível profissional, da comunicação, da sociabilidade e das suas capacidades de *empowerment* (Matarasso, 1996; Matarasso, 1997; Goodland, Hamilton e Taylor, 2002; Long et al., 2002; Gomes, 2015; Canudo, 2017); e no desenvolvimento social e comunitário, onde estudos apontam para uma evolução positiva nas relações sociais dos participantes, entre si e com o resto da comunidade, um melhor entendimento do “outro” culturalmente diferente e um maior respeito entre toda a comunidade que se reflete, consequentemente, numa maior coesão social (Matarasso, 1996; Matarasso, 1997; Goodland, Hamilton e Taylor, 2002; Gomes, 2015; Canudo, 2017). Com isto, constata-se que as vias de estudo e os efeitos positivos do recurso à cultura em atividades e projetos inclusivos, tanto ao nível dos participantes como das comunidades, figuram-se vastos e abrangentes. É igualmente perceptível que, muitos destes estudos, não deduzem efeitos apenas relativos a uma dimensão específica, mas sim a várias em simultâneo. Contudo, e ainda que os resultados possam apresentar-se similares, importa aqui uma revisão mais pormenorizada de alguns dos estudos direccionados apenas a indivíduos com histórico migratório.

Neste sentido, e devido a experiências instáveis e de exclusão que muitos dos imigrantes e refugiados, em particular, vivenciam, alguns dos estudos mais comuns abordam o uso das expressões artísticas como método terapêutico de inclusão. Como exemplo, apresenta-se a pesquisa de Rosseau et al. (2005a) sobre a avaliação de teor quantitativo de um *workshop* cultural e criativo direccionado para crianças imigrantes e refugiadas integradas em escolas com um grande *background* cultural. Na sua

análise, as autoras salientam uma melhoria significativa por parte das crianças na maneira como lidam e exprimem os seus problemas emocionais, assim como na sua auto-estima (Rosseau et al., 2005a). Outro estudo, ainda do mesmo ano, efetuado por Rosseau et al. (2005b), analisa o impacto positivo que iniciativas deste género tiveram em duas crianças refugiadas que passaram por traumas e perdas derivadas da deslocação migratória. Foram, nestes casos, verificadas grandes melhorias ao nível das suas interações sociais, ao nível da auto-estima e da segurança e confiança para poderem partilhar abertamente as suas histórias, aumentando, assim, o sentimento de pertença para com o restante grupo (Rosseau et al., 2005b).

Já num formato mais abrangente, parece relevante abordar uma publicação feita, em 2009, pelo Teatro londrino Oval House, intitulada de “Participatory Arts with Young Refugees”, que explora a participação de refugiados em determinados projetos artísticos desenvolvidos no Reino Unido, no âmbito da fotografia, da música e do teatro. Em termos de impactos ocasionados nos projetos ligados à fotografia, orientados pela organização PhotoVoice, e em conformidade com a sua gestora Liz Orton (2009), são experimentados efeitos positivos tanto ao nível das relações sociais e da criação de um sentido de comunidade e coesão entre os participantes e os artistas, como também ao nível da auto-representação dos jovens integrantes dos projetos. O aumento da confiança e do sentimento de valorização destes jovens nas suas capacidades é também uma das mudanças mais evidentes ao longo dos projetos. A gestora identifica ainda a fotografia como um instrumento artístico útil para a facilitação do diálogo através de um distanciamento do jovem refugiado relativamente à sua imagem e história (Orton, 2009). Na organização Music for Change, são também trabalhados vários projetos comunitários que, de acordo com Douglas Noble (2009) gestor da organização, promovem uma compreensão do “Outro” e da diversidade existente por meio de *performances*, *workshops* e *ateliers* musicais tanto com a comunidade refugiada, como com a sociedade de acolhimento, em particular com jovens. Nestes projetos, segundo Noble (2009), foi possível reconhecer mudanças nos participantes refugiados ligadas ao seu desenvolvimento pessoal, como a auto-confiança, um melhoramento da autonomia, o reforço de competências a vários níveis; da saúde e bem-estar, como o alívio do *stress* e uma melhoria no humor; ligadas à sua educação, visto haverem melhorarias na capacidade de aprendizagem e, em particular, na compreensão da língua inglesa decorrente das inúmeras interações proporcionadas; e ao nível do desenvolvimento social e comunitário, em que foi possível criar pontes de comunicação entre os refugiados e os indivíduos da sociedade de acolhimento. Verificou-se igualmente uma mudança de mentalidades relativamente aos preconceitos instalados na comunidade, em que um jovem chegou mesmo a afirmar “I thought they were a bunch of people who came over to take our jobs, but I realise now that they are people trying to make their lives better” (Noble, 2009:19). O projeto teatral em análise na publicação é o “Living Here project” proporcionado pelo Teatro Oval House que, segundo Tina-Muir (2009), proporciona a jovens refugiados e recém-chegados a oportunidade de se envolverem nas artes dramáticas e cinematográficas, desenvolvendo

assim novas capacidades e melhorando o seu bem-estar. A investigadora destaca uma avaliação de sucesso, referindo que, ainda que se tenham verificado resultados noutros campos, como no desenvolvimento social, relacionado com a interação e com o entendimento mútuo entre os participantes, e no desenvolvimento pessoal, motivado pela utilização e prática da língua inglesa, foi numa perspetiva educativa que o projeto se focou e obteve os seus melhores resultados, acrescentando ainda que “Working with artistic forms promoted problem solving, creative thinking, self-direction, self-expression and critical thinking” (Muir, 2009:32).

Importa ainda salientar que são estudos como o de Martiniello e Lafleur (2008) que dão também conta da importância deste tipo de atividades artísticas na luta a favor de uma participação política mais justa por parte de migrantes, refugiados e outras minorias étnicas. As artes e a cultura afiguram-se, deste modo, como uma ferramenta não só de inclusão, mas também de reestruturação social, dando visibilidade a estes grupos e ajudando-os a lutar contra as dificuldades encontradas no novo país onde vivem. Os autores referem, assim, as variadas situações que poderão levar à necessidade destes grupos se expressarem através das artes e da cultura, indicando: a fraca oportunidade de participação política destes grupos pelos meios tradicionais; uma grande distanciação comunicacional entre as figuras e instituições políticas e os emigrantes; e, por último, a existência da necessidade não de substituir os meios convencionais, mas sim de os complementar, viabilizando uma participação política mais efetiva. São ainda referidas situações em que o próprio movimento político destes grupos é um meio, não de expressão, mas sim de criação cultural, e em que o tipo de expressão artística escolhido pelo imigrante para comunicar ou, neste caso, o produto artístico gerado, será influenciado por questões económicas, em que a música ganha o lugar da arte mais acessível (Martiniello e Lafleur, 2008).

Depreende-se, de todos os resultados, que as oportunidades de exploração da cultura enquanto campo de inclusão, em estudos sobre imigrantes e refugiados, têm se revelado promissoras e entusiasmantes. Consequentemente, são cada vez mais as linhas de investigação que surgem, neste formato de intervenção, por meio da cultura.

2.4.2 Os projetos (inter)culturais na inclusão de imigrantes e refugiados

Uma nova linha de investigação que tem sido aprofundada nos últimos anos, incide sobre a forma como a aplicação do Modelo Intercultural pelas organizações sociais e culturais nos seus projetos, poderá trazer benefícios acrescidos, proporcionando uma integração mais equilibrada, participativa e aberta à interação e ao diálogo entre culturas, isto é, um diálogo Intercultural. Um estudo realizado, em 2009, pela International Federation of Arts Councils and Culture Agencies, revela que, num inquérito a pessoas de todo o mundo sobre a sua perceção do diálogo intercultural por via das artes e da cultura, a maioria dos inquiridos assinalou a opção “A means to promote understanding and relationships between diverse ethnic, religious or language communities in my country” (Cliche e

Wiesand, 2009:8). É, portanto, esta ideia mais aprofundada da concretização da interculturalidade pelas artes e/ou pela cultura que será explorada.

Neste contexto em específico, a União Europeia teve um papel fundamental, pondo em prática certos estudos e publicando documentos relevantes para o tema. Assim, em 2012, em resultado do projeto Ariadne e com o apoio da União Europeia, surge um destes documentos, denominado “Art of adaptation – Manual of artistic tool for migrants”, no qual é aprofundado não só o papel da arte e da cultura na adaptação destes indivíduos, como também as vantagens que advêm do uso da Interculturalidade neste processo. São ainda explorados diversos casos de estudo de projetos e iniciativas inter-culturais em várias cidades da Europa - Atenas, Paris, Hungria, Madrid, entre outras - com imigrantes e refugiados. As iniciativas fazem uso de diferentes métodos artísticos, como as artes digitais, as artes plásticas, a dança, o teatro, a música e a escrita criativa, criando espaços de contacto e de diálogo intercultural, nos quais os participantes criam e desenvolvem novas capacidades, tanto sociais como pessoais. A grande maioria apresenta ainda uma abordagem terapêutica pela arte, onde são trabalhadas questões como a identidade cultural, o choque cultural, a perda, o trauma e muitas outras situações relacionadas com o processo migratório e a adaptação a um novo local. Os resultados são positivos e demonstram, no geral, a eficácia da participação e do desenvolvimento cultural na inclusão destes indivíduos (Ariadne, 2012).

Ainda a este respeito, em 2014, no plano de trabalho para a cultura, a União Europeia mandou elaborar um relatório que abordasse, tal como o nome revela, “The role of public arts and cultural institutions in the promotion of cultural diversity and intercultural dialogue”. Toda a pesquisa teve por base a identificação do que, de acordo com os investigadores, seriam os cinco aspetos principais que uma abordagem de intervenção intercultural de sucesso deve considerar, sendo estes: uma vasta e diversificada programação que atenda às especificidades locais; uma equipa de intervenção que represente a diversidade existente; um método de alcance do público vasto e eficaz, que faça a mensagem chegar e incentive à participação de uma grande parte da população; a criação de espaços de convívio seguros e hospitaleiros que permitam um diálogo de respeito entre todas as culturas e, em particular, uma organização que possua as capacidades interculturais necessárias para uma acção adequada e efetiva de todos os aspetos anteriores. Foram para isto apresentados 41 projetos de sucesso por toda a Europa, os quais enquadravam um ou mais destes aspectos na sua abordagem. Desta análise, os investigadores acuraram a existência proeminente de boas práticas pelas organizações de toda a Europa na utilização da cultura e das artes como método de intervenção inclusiva de minorias, em particular, na maneira como abordavam a sua programação, no alcance do público e na criação de espaços de convívio. Ainda assim, ficou em evidência a falha nas organizações em integrar pessoal diversificado nos seus quadros (European Union, 2014).

Em 2016, destaca-se o relatório “The Role of Culture and the Arts in the Integration of Refugees and Migrants”. Neste relatório, foram identificados 96 projetos/iniciativas culturais por toda a Europa

que tinham como intuito a promoção da integração destes grupos através das artes e da cultura. Destes 96 projetos, mais de um terço abordava duas formas de arte em simultâneo encaixando-se no tema “Art and Culture (Diverse)”, enquanto os outros se distribuíam por temáticas como o Teatro, a Arte Visual, a Literatura, Gastronomia, Tradição, Música, Mídia, Filmes e Design Urbano. Todos os projetos tinham, como objetivo, uma interação positiva entre os imigrantes e refugiados e as comunidades através do diálogo intercultural, assim como a dissolução de preconceitos mediante a promoção de uma visão positiva dos imigrantes e das vantagens decorrentes da valorização da diversidade cultural. Numa tentativa de perceber quais os impactos destas iniciativas nos seus participantes, os responsáveis pelo relatório chegaram à conclusão do baixo número de projetos que tinham realizado avaliações (6) e da dificuldade existente na medição e análise dos seus impactos como consequência da sua intangibilidade. Todavia, foi-lhes possível depreender, na generalidade, uma relação/efeito positivo entre as atividades artísticas e culturais e a integração dos participantes (McGregor e Ragab, 2016).

Já em 2017, foi criado um novo grupo de trabalho para escrever um relatório intitulado “How Culture and the Arts can promote Intercultural Dialogue in the context of the Migratory and Refugee crisis”. Neste relatório, não só foram abordados alguns dos princípios básicos e características que os bons projetos culturais e artísticos de inclusão devem compreender, como foi analisado o papel da interculturalidade na eficácia dos mesmos. Para isto, foram estudados mais de 200 projetos culturais e artísticos de âmbito Europeu que promovem não só um diálogo intercultural, mas também uma inclusão integrada. De uma forma mais geral, foram percebidas, por parte dos investigadores, fortes relações entre o desenvolvimento cultural e os objetivos dos projetos. No entanto, são identificadas falhas, em alguns dos projetos, relacionadas com o desenvolvimento das potencialidades transformativas do diálogo intercultural, das artes e da cultura, as quais são abordadas, na perspetiva dos investigadores, de um ponto de vista demasiado tradicional e sem grandes inovações. Para uma melhor compreensão desta questão, foi analisado o conceito de interculturalidade empregue nos projetos, o qual se percebeu ter sido aplicado através de diferentes e variadas abordagens que, na maioria das situações, foram baseadas em pequenos aspetos constituintes do conceito e não na sua definição integral. Importa ainda referir que mais de metade das organizações admitiram ter atingido os objetivos pretendidos, ainda que a maioria se tenha focado, para tal, nas intervenções empreendidas, e não nos verdadeiros resultados. Neste ponto, são destacados os projetos portugueses, os quais se afiguram, segundo os investigadores, como “(...) a notable exception to this, where evaluation appears to be embedded into both projects from the outset, with a focus on learning and reflection about practice being a core part of each initiative” (European Union, 2017:52).

Decorrente deste crescente mérito que Portugal tem ganho na área, mas também porque é em Portugal que se encontra o foque deste estudo, torna-se imprescindível, de seguida, uma breve passagem por alguns dos projetos implementados neste país Europeu.

2.4.3 Os projetos (inter)culturais de inclusão de imigrantes e refugiados em Portugal

Em Portugal, as organizações e as associações, tal como os profissionais no campo social e cultural, têm vindo a demonstrar uma atenção crescente nas formas de exclusão consequentes das migrações e na melhor maneira de as combater. A solução tem passado, com cada vez maior frequência, pela implementação deste género de projetos, tentando, de uma forma criativa e, às vezes, empreendedora, inserir estes grupos marginalizados na sociedade, apoiando-os e motivando-os a participar na vida social e cultural do país que os acolhe, proporcionando espaços de encontro que incentivem o diálogo intercultural e a eliminação de preconceitos. Prova desta crescente preocupação e interesse em ajudar são alguns dos projetos culturais de sucesso que têm vindo a aparecer nos últimos anos neste país, direcionados, em particular, para imigrantes e refugiados. Estes projetos, tal como os vastos estudos encontrados, são bastante diversificados e recorrem a diferentes formatos e a diferentes usos da cultura e das artes. Enquanto uns empregam a arte como um processo terapêutico e de capacitação, outros aproveitam-se da transformação social que esta pode provocar ao nível das mentalidades e das relações interculturais. Para além disto, são ainda alguns os projetos que recorrem à exteriorização da herança cultural não só das minorias, como também do país de acolhimento como pretexto para proporcionar espaços seguros e momentos de encontro e de diálogo entre as várias culturas.

Inserida nos projetos que aludem à arte e ao seu processo criativo como algo não só terapêutico mas, acima de tudo, transformador, encontra-se a iniciativa “Refúgio e Arte: Dormem mil cores nos meus dedos”. Com uma duração de dois anos, esta iniciativa foi providenciada pela Fundação Calouste Glubenkian, no âmbito do seu programa de Práticas Artísticas para a Inclusão Social⁶³. Como responsável pelo projeto, o Concelho Português para os Refugiados, refere que esta iniciativa teve por base o trabalho com refugiados e requerentes de asilo através de oficinas artísticas, tentando, desta forma, propiciar novos mecanismos que apoiassem a sua inclusão na sociedade através da aquisição de competências linguísticas, da valorização e estímulo das suas capacidades cognitivas e culturais e do combate a comportamentos preconceituosos existentes entre a população mais jovem. Ao longo do projeto, foram articuladas parcerias entre diferentes instituições escolares e artísticas que, em conjunto, trabalharam assim o valor da diversidade, comprometendo-se a melhorar as interações culturais, através de uma abordagem intercultural, no seio da sociedade portuguesa⁶⁴. Em declaração à Lusa, o director artístico do projeto, Sérgio Condeço, chegou mesmo a partilhar que, “(...) trabalhando com

⁶³ “Refúgio e Arte: Dormem mil cores nos meus dedos”, disponível em: <https://cpr.pt/portfolio/refugio-e-arte-dormem-mil-cores-nos-meus-dedos-2/>

⁶⁴ *Idem.*

arte, eles sentiam-se mais tranquilos” tal como que o “(...) exercício de estarem com calma a desenhar, também promovia a autoestima”⁶⁵.

Ainda nesta linha estratégica, está a iniciativa “RefugiActo”, que de acordo com a fundadora do projeto Isabel Galvão em entrevista à Acesso Cultura, disponibilizava aos refugiados participantes a hipótese de representarem, de uma forma cômica e através das artes dramáticas, as várias experiências e situações referentes ao seu processo de acolhimento e adaptação à chegada a um novo país. Isabel Galvão afirma mesmo que, ao longo do projeto, se tornou “(...) claro para todos que o teatro podia, de facto, dar a conhecer um outro lado da causa dos refugiados e ser uma voz activa, interventiva e transformadora” (Acesso Cultura, 2017:43). Prova desta afirmação é um estudo efetuado por Santinho (2013b:274), no qual, através de entrevistas e da observação no terreno, afirma que o valor deste projeto se centra nos seus efeitos ao nível figurativo e, de certa forma, “quase terapêutico”, onde os intervenientes podem experienciar sensações de libertação e de liderança sobre as suas próprias vidas; combatendo receios e inseguranças, dando voz às suas histórias e sendo apreciados por isso; fortalecendo a sua percepção de segurança; melhorando a sua auto-estima e partilhando as suas experiências de refugiado com os outros participantes, o que faz com que acabem por criar uma rede de apoio e uma sensação de grupo.

Esta ideia de proporcionar uma oportunidade de controlo sobre o modo como são contadas as suas histórias, mas também como forma de transformação de mentalidades e de quebra de preconceitos, poderá ainda ser encontrada nos objetivos de outros dois projetos de dimensão internacional abraçados por Portugal. Um deles é o projeto “SEE.TELL.LISTEN: Improving refugees’ digital literacy through photovoice and storytelling”, no qual Portugal aceitou participar em conjunto com outros quatro países da Europa. Ao abrigo do Programa Erasmus+ da Comissão Europeia e com o apoio do Concelho Português para os Refugiados, este projeto surgiu em 2018 e pretende apoiar a inclusão dos refugiados através não só da criação de oportunidades para estes exporem as suas experiências migratórias, como também através da sua qualificação digital, ao manusearem determinadas ferramentas necessárias à aplicação de abordagens artísticas como o *photovoice* e o *storytelling*⁶⁶. O outro é a “Enciclopédia dos Migrantes”, no qual a ideia passa por, mediante a divulgação das histórias pessoais dos migrantes, identificar e aceitar o seu papel na sociedade contemporânea, valorizando-o e tornando-o em algo palpável e real aos olhos de todos. Em parceria com outras organizações espalhadas por 6 cidades da Europa, entidades de Lisboa e do Porto reuniram, assim, ao longo do projeto, o testemunho de vários

⁶⁵ “Projeto de inclusão de crianças refugiadas pela arte em exposição na glubenkian”, disponível em: <https://www.dn.pt/lusa/projeto-de-inclusao-de-criancas-refugiadas-pela-arte-em-exposicao-na-gulbenkian--10470300.html>

⁶⁶ “SEE.TELL.LISTEN: Improving refugees’ digital literacy through photovoice and storytelling”, disponível em: <https://cpr.pt/portfolio/see-tell-listen-improving-refugees-digital-literacy-through-photovoice-and-storytelling/>

migrantes residentes nas suas imediações⁶⁷. De acordo com a Acesso Cultura (2017), uma das organizações participantes em Lisboa foi a associação Renovar a Mouraria, que recolheu cerca de 50 histórias de imigrantes com diferentes *backgrounds*. Inquirida sobre as reações dos participantes, Filipa Bolotinha, coordenadora da associação Renovar a Mouraria destacou, em entrevista, uma recepção positiva por parte dos mesmos: “Todos os participantes sentiram orgulho quando perceberam que queríamos ouvir a sua história e que esta poderia contribuir para mudar a forma como a generalidade das pessoas vê a imigração” (Acesso Cultura, 2017:21).

Já a criação de espaços de encontro e de diálogo através da utilização das diferentes heranças culturais é, como já se concluiu em pontos anteriores, um dos fatores diferenciadores do Modelo Intercultural e, conseqüentemente, dos projetos Interculturais. Em Portugal, os principais projetos que se enquadram neste formato não só englobam eventos pontuais e anuais, como englobam iniciativas que procuram o *empowerment* destes indivíduos através de pequenos negócios ligados à sua cultura gastronómica. Um destes eventos anuais de sucesso, é o festival “TODOS – caminhada de culturas”, que já conta com onze edições. Este festival realiza-se na cidade de Lisboa e tem como objetivo não só proporcionar um espaço de encontro que incite a um convívio intercultural entre habitantes portugueses e imigrantes de diferentes nacionalidades, como também estimular a imagem intercultural da cidade e evitar a formação de comunidades marginalizadas acabando com os *guettos* existentes⁶⁸. O Festival conta com exposições, workshops e oficinas artísticas que recorrem a diferentes áreas artísticas e culturais como o cinema, a música, a fotografia, a dança, o teatro, o circo, a culinária ou até mesmo momentos de conversa e visitas guiadas por determinados espaços de Lisboa marcados pela diversidade. As possibilidades são muitas e todos os anos o Festival abre espaço a novos artistas, novas ideias e novas partilhas⁶⁹. Em 2013, num estudo sobre a multiculturalidade desta zona da cidade, um participante do festival respondeu em entrevista: “Tenho assistido sempre a todos os festivais, desde o seu início, e tenho achado maravilhoso. Dá-nos outra perspetiva das várias culturas. (...)” (Carvalho, 2013:56). Estas novas perspectivas e impactos são já reconhecidas pelo criador da iniciativa, Miguel Abreu, que, numa entrevista realizada pela Acesso Cultura, em 2017, refere já ser passível de se verificar mudanças positivas a vários níveis, tanto nos imigrantes, como nos Lisboaetas e até mesmo na própria imagem da cidade de Lisboa como território intercultural. De acordo com o responsável, nos imigrantes, são os impactos emocionais e sociais os que mais sobressaem, em particular o aumento da auto-estima; um maior orgulho; um sentimento de pertença e um alargamento das suas redes sociais e profissionais. Nos Lisboaetas, os impactos figuram-se ao nível das relações sociais, em que uma maior intimidade entre habitantes se tem originado (Acesso Cultura, 2017).

⁶⁷ “Enciclopédia dos Migrantes (projeto)”, disponível em: <https://www.renovaramouraria.pt/enciclopedia-dos-migrantes-projecto/>

⁶⁸ “Todos: Festival”, disponível em: <https://www.festivaltodos.com/festival/#ctqLhZw7mVV>

⁶⁹ “Todos: Programa”, disponível em: <https://www.festivaltodos.com/programa/>

Ligadas à gastronomia, encontram-se várias iniciativas. Uma delas, conhecida como “Família do Lado”, chegou a Portugal em 2012. Originária da República Checa, esta iniciativa foi ganhando fãs em Portugal, tendo todos os anos novas entidades de variadas localidades por todo o país a promoverem-na e a participarem. Implementado pelo Alto Comissariado para as Migrações em parceria com as organizações promotoras, este projeto pretende, através de um almoço partilhado entre duas famílias em casa de uma delas, proporcionar um momento de diálogo e de partilha cultural entre imigrantes/refugiados e autóctones. Qualquer família se pode inscrever tanto para poder ser recebido como para ser anfitriã⁷⁰. Numa entrevista empreendida pelo Jornal Público, em 2013, no âmbito da segunda edição da iniciativa, Roman, um dos imigrantes em Portugal recebido por uma família portuguesa, assume a importância deste almoço como fonte de riqueza cultural, referindo: “Se não fosse este convívio, nunca íamos provar”⁷¹. A pluralidade cultural é, deste modo, celebrada, uma vez por ano, por meio de um convívio intercultural que permitirá aumentar os círculos sociais destes indivíduos e auxiliar na sua integração⁷². Outro projeto conhecido neste campo é o projeto “Marhaba – Oriente à Mesa” que, através da criação de um pequeno negócio gastronómico, apoia a integração de refugiados e requerentes de asilo na sociedade portuguesa. Este projeto teve início em 2017 e foi criado, com o apoio da associação “Crescer”, no âmbito do projeto “É UMA VIDA”, por homens e mulheres refugiados vindos, maioritariamente, do Médio Oriente e do Sudeste Africano. Com o intuito de partilhar as suas histórias e cultura através de uma cozinha diferente da qual os portugueses estão acostumados, os intervenientes do projeto têm-se dado a conhecer levando-o, assim, a vários eventos e espaços culturais de Lisboa, organizando refeições pontuais onde todos são bem-vindos, tal como indica a tradução da palavra “Marhaba”⁷³. Graças ao sucesso do projeto como serviço de catering, de acordo com a página de Facebook da iniciativa, está agora a ser pensado o alargamento do projeto para o Mercado de Benfica, onde terá o seu próprio espaço físico de convívio e refeição⁷⁴.

Destacam-se ainda, para além das já referidas, mais duas iniciativas que serão analisadas de forma mais pormenorizada no próximo capítulo: o projeto Speak Social e o projeto Mezze – Cozinha do Médio Oriente, projetos esses que, através do recurso à cultura e mediante diferentes abordagens, trabalham a integração/inclusão de imigrantes e refugiados, proporcionando, a eles e à comunidade, um espaço seguro que permite o diálogo e a troca intercultural.

⁷⁰ “Família do lado”, disponível em: <https://www.acm.gov.pt/pt/-/familia-do-lado>

⁷¹ “Uma família de São Tomé e outra de portugueses nascidos na Ucrânia juntaram-se à volta de um calulu”, disponível em: <https://www.publico.pt/2013/11/24/local/noticia/uma-familia-de-sao-tome-e-outra-de-portugueses-nascidos-na-ucrania-juntaramse-a-volta-de-um-calulu-1613778>

⁷² “Família do lado”, disponível em: <https://www.acm.gov.pt/pt/-/familia-do-lado>

⁷³ Relatório de Avaliação da Política Portuguesa de Acolhimento de Pessoas Refugiadas: Programa de Recolocação, disponível em: https://www.acm.gov.pt/documents/10181/27754/Relatorio_Acolhimento+Pessoas+Refugiadas_Dez.2017.pdf/d21546b3-7588-483d-92a3-fa8185d61b5b

⁷⁴ “Marhaba – o Médio Oriente à mesa: Página Inicial”, disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/projetomarhaba/>

3. Capítulo - Investigação Empírica

3.1. Projeto Mezze – Cozinha do Médio Oriente

3.1.1 A caracterização do projeto e a sua implementação

Situado em plena Lisboa no requalificado Mercado de Arroios, poderá encontrar-se, atualmente, o restaurante Mezze gerido pela organização Pão-a-Pão que, em sintonia com os restantes estabelecimentos que o circundam e com o próprio edifício (o qual nos anos 80 foi indicado como imóvel de interesse cultural)⁷⁵, convida a uma experiência onde a gastronomia e a cultura se conjugam. Numa fase inicial, o projeto não contava ainda com um espaço físico próprio, utilizando um espaço do mercado de Santa Clara, em Lisboa, para a realização de pequenos jantares comunitários de cariz solidário, que serviriam não só como angariação de receitas para ajudar os integrantes do projeto, mas também como experimentação para o futuro restaurante que se avizinhava⁷⁶.

Inaugurando o seu espaço oficial em Setembro de 2017, o projeto Mezze, vinha já a ser pensado desde 2016, onde, numa conversa informal entre amigos, a ideia surgiu. Francisca Gorjão, uma das responsáveis do projeto conta-nos, em entrevista, como foi:

(...) perguntámos à Alaa, que era então uma estudante de arquitetura síria, do que é que ela sentia mais falta da Síria, do que é que ela tinha mais saudades, e ela respondeu do pão, então foi essa resposta que nos levou depois a pensar num restaurante que é o Mezze⁷⁷.

Num momento em que muitos dos debates internacionais sobre as questões migratórias incidiam sobre os grandes fluxos de migração forçada e sobre a importância da integração destes indivíduos e das dificuldades que esta integração representava, não só para os próprios mas também para os Estados que os acolhiam⁷⁸, para Francisca Gorjão, a ideia foi fruto não só da ocasião, mas também de uma forte convicção pessoal:

⁷⁵ “Mercados”, disponível em: <http://www.jfarroios.pt/mercados/>

⁷⁶ “O pão que os sírios amassam em Lisboa é feito de recomeço”, disponível em: <https://observador.pt/especiais/o-pao-que-os-sirios-amassam-em-lisboa-e-feito-de-recomeco/>

⁷⁷ Entrevista ao sujeito R1

⁷⁸ Através de uma breve pesquisa entre o ano em que surgiu a ideia para o projeto e o ano em que ele foi implementado é possível verificar-se inúmeras notícias de carácter internacional relativamente à temática das migrações forçadas e da integração dos indivíduos pertencentes a esse grupo. É exemplo disso uma notícia da ONU, datada de 2017, com o título “Países cumpriram apenas metade da promessa de reassentar 500 mil refugiados sírios, diz ACNUR”, disponível em: <https://nacoesunidas.org/paises-cumpriram-apenas-metade-da-promessa-de-reassentar-500-mil-refugiados-sirios-diz-acnur/>

Foi sentir-me muito incomodada com um problema gravíssimo e com uma situação gravíssima que estava perante os meus olhos e sentir que estar só a observar não me era suficiente, precisava de agir também⁷⁹.

O Mezze não é, na verdade, um simples restaurante. É um projeto que visa a inclusão de refugiados do Médio Oriente através da sua integração no mercado de trabalho e da valorização das suas capacidades, mas também, e acima de tudo, da sua identidade cultural.⁸⁰ Ainda que o projeto se destine principalmente a refugiados, integra também pessoas que não usufruem deste estatuto, ou seja, os chamados imigrantes económicos. Isto acontece pois os responsáveis não vêem nessa distinção um reflexo absoluto da realidade pela qual os indivíduos passam, sendo para eles válidas as variadas motivações que levam à emigração por uma questão de sobrevivência, incluindo as económicas.⁸¹ Neste âmbito, Francisca Gorjão afirma mesmo que:

(...) neste momento no restaurante há uma pessoa que tem o estatuto de imigrante enquanto as outras têm o estatuto de refugiado, mas entre nós tentamos não diferenciar, porque essa é uma questão jurídica, um papel que reconhece um ou outro caso⁸².

Embora os decisores do projeto tentem, de certa forma, ter alguma abertura no seu público-alvo, acabam por focar-se, ainda assim, num pequeno nicho da população, o que requereu uma abordagem diferente na procura para contratação. Assim, as redes sociais, os media e certas parcerias foram, inicialmente, a forma mais efetiva de chegar às pessoas que viriam mais tarde a participar no projeto. Foi então fulcral para o projeto associar-se a determinadas instituições que desempenham um papel importante no apoio aos imigrantes e refugiados e que têm, à partida, um contacto prévio com muitas destas pessoas⁸³. Hespanha (2008) salienta a importância destas parcerias nas intervenções sociais contemporâneas referindo que as vantagens da sua aplicação são múltiplas, como por exemplo a possibilidade de gerir os recursos humanos e económicos de uma forma mais rentável para todos e de reunir e fazer circular ideias e conhecimentos que permitam uma abordagem mais eficiente e proveitosa focada num conjunto de propósitos comuns, o que, por sua vez, permite poupar nos recursos e inviabiliza a existência de várias intervenções centralizadas num mesmo problema, negligenciando outros. No âmbito do Mezze, Francisca Gorjão admite então as parcerias como essenciais:

⁷⁹ Entrevista ao sujeito R1

⁸⁰ “Mezze, pão a pão”, disponível em: <https://www.mezze.pt/sobre/pão-a-pão.html>

⁸¹ Entrevista ao sujeito R1.

⁸² *Idem.*

⁸³ *Idem.*

(...) fizémos parcerias logo à partida com algumas das associações de acolhimento, portanto informavam as pessoas de que este projeto existia e que era uma hipótese de trabalho para elas. Estou a referir-me, por exemplo, à JRC, que é o Serviço Jesuíta de Apoio aos Refugiados, ao ACM, que é o Alto Comissariado para as Migrações e ao Pomar, que é um programa da Câmara Municipal de Lisboa que também dá apoio. E, portanto, todas estas parcerias faziam e criavam aqui um fluxo que era interessante, isto sobretudo numa primeira fase, depois, estas parcerias continuaram a existir, mas o boca-a-boca tornou-se mais presente (...)⁸⁴.

No Mezze, as parcerias mostraram-se fundamentais não só para captar participantes, mas também financiamentos que ajudaram a alavancar o projeto tirando-o do papel e tornando-o real. Donativos de entidades como o Departamento de Estado Norte-Americano, que proporcionou a participação do projeto num concurso no qual saiu vencedor; a seguradora Fidelidade, que assegurou, num primeiro ano, os seguros gratuitamente; a Jerónimo Martins, a qual dispensou *vouchers* mensais de quantias consideráveis; e outras empresas que foram contribuindo com material para por o espaço físico funcional⁸⁵. O envolvimento da sociedade civil como um todo dava, assim, força e sentido ao projeto:

(...) nós quisémos envolver a comunidade de uma forma mais alargada porque também considerámos que não nos cabia a nós sozinhos resolver esta questão e que fazia mais sentido, sendo um projeto para a comunidade, envolver a comunidade (...) foram apoios muito consideráveis que tornaram o Mezze possível e que tornaram realmente o Mezze num projeto comunitário⁸⁶.

Voltando ao público-alvo, é ainda importante referir que o restaurante tem outro segmento de público: o público consumidor, o qual se pretende que abranja toda a população de acolhimento assim como qualquer outra pessoa de passagem em Portugal que tenha curiosidade em experienciar algo diferente a nível gastronómico. Ademais, devido ao seu crescente sucesso, o restaurante tem vindo a receber cada vez mais indivíduos na sua equipa. O que começou como um projeto com 12 pessoas, já chegou mesmo a ter 20 pessoas empregadas em simultâneo. Tal como noutras empresas, a equipa não é, portanto, fixa. Quando os indivíduos já se sentem capazes e autónomos o suficiente e demonstram querer experienciar outras oportunidades a nível profissional, os mesmos acabam por abandonar o projeto⁸⁷. Francisca Gorjão aborda este assunto de uma maneira muito positiva:

(...) o projeto não foi inicialmente desenhado para formar as pessoas, capacitá-las, dar-lhes um tempo de experiência e dizer-lhes: “olha, agora vais à tua vida e já tens asas, agora voas”. Não fizémos isso porque considerámos que, vindo de um contexto já muito instável, aquilo que as

⁸⁴ *Idem.*

⁸⁵ *Idem.*

⁸⁶ *Idem.*

⁸⁷ *Idem.*

peças precisavam quando chegavam a Lisboa era de estabilidade, por isso valorizámos isso (...) mas a verdade é que é importante depois através da experiência que conquistaram aqui conseguirem autonomizar-se e se de repente sentirem que já conseguem abrir um negócio seu tanto melhor o que já está aliás a acontecer. Há pessoas que passaram por aqui, estiveram aqui em formação e a trabalhar e a dar o seu melhor durante bastante tempo e já estão a tentar abrir os seus negócios⁸⁸.

Esta possibilidade de emponderamento e de capacitação é vista pela União Europeia como uma das principais características a ter em consideração no desenho de um projeto de inclusão sociocultural, pois só assim os projetos ajudarão as pessoas a adquirir as ferramentas necessárias para superar os seus problemas e ganhar a autonomia e a confiança essenciais para se expressarem no seu dia-a-dia e participarem na sociedade como parte de um todo (European Union, 2017).

A consecução de certos benefícios não previstos inicialmente no desenho do projeto são, no caso do Mezze, decorrentes de um trabalho bastante fluído e flexível que, sem grandes expectativas, se foi adaptando à medida que as situações ocorriam. Francisca Gorjão reflete sobre isto mesmo quando aborda a planificação inicial do projeto:

Não houve objetivos delineados, foi muito orgânico (...) como nós não conhecíamos o grupo, não sabíamos exatamente com que problemas nos iríamos defrontar, com que dificuldades. Sabíamos que este era um caminho, e portanto houve este objetivo geral de contribuir para a integração dando trabalho e valorizando as suas identidades e esta herança que toda a gente trás consigo para onde quer que vá e com isso ter um impacto e produzir uma transformação na comunidade. Depois o que iria decorrer daqui nós não sabíamos, portanto, não traçámos objetivos muito específicos (...) ⁸⁹.

É, na verdade, importante assumir-se esta possibilidade de poderem aparecer adversidades pelo caminho. Não obstante o êxito que o Mezze tem tido nos últimos anos, nenhum projeto é isento de dificuldades e obstáculos que, por vezes, persistem para além do processo de implementação, demorando algum tempo a serem trabalhados e resolvidos. São assinaladas pelos decisores do projeto adversidades que advêm essencialmente de questões culturais:

A primeira e a principal dificuldade que ainda hoje persiste é a língua, é a principal barreira (...) Aqui como todos falam árabe, é a língua de trabalho, aqui elas e eles não sentem tanta necessidade de aprender o português, excepto aqueles que trabalham no atendimento ao público, esses são muito mais rápidos a aprender a língua, mas para quem está na cozinha o processo é bastante mais lento e isso é uma dificuldade porque nós que gerimos o projeto precisamos constantemente de

⁸⁸ *Idem.*

⁸⁹ *Idem.*

comunicar e nós conseguimos fazê-lo mas um bocadinho à volta do básico e às vezes é preciso que venha alguém e que traduza e isso para gerir uma equipa é por vezes difícil⁹⁰.

Tal como se apresentou no capítulo do Enquadramento teórico e literário a questão linguística é uma das dificuldades mais percebidas pelos que trabalham diretamente com estes grupos. Oliveira, Faneca e Ferreira (2007:7), referindo-se às competências linguísticas afirmam mesmo que “Precisamos delas para interagir com as outras pessoas, para exercer uma profissão, para transmitir, receber e perpetuar conhecimentos, para expressar opiniões e sentimentos, para pedir informações, entre tantas outras funções (...) No caso específico dos imigrantes, a barreira linguística é, sem dúvida, o primeiro obstáculo, entre muitos, com que se deparam”. Já reportando à questão da falta de necessidade de aprender o português, referida por Francisca Gorjão em entrevista, relativamente aos participantes que trabalham na cozinha, Gardner and Lambert (1972, *apud* Oliveira, Faneca e Ferreira, 2007), assinalam que esta necessidade e interesse por parte dos indivíduos terá uma influência direta no sucesso da sua aprendizagem linguística.

Para além desta, foram ainda referidas por Francisca Gorjão outras dificuldades já superadas:

(...) depois, claro, há sempre algumas questões culturais, certas diferenças (...) por exemplo: foi um bocadinho difícil explicar porque é que era preciso pagar segurança social e impostos para serviços que eles diziam não precisar. Eles diziam “eu não tenho filhos, não preciso de pagar tantos impostos porque não vou usar a escola” ou “também não quero usar os hospitais” (...). Muitos dos contextos de onde eles vêm isto não acontece, não precisam de se pagar aqueles impostos específicos, e portanto, houve uma certa incompreensão de coisas deste género, mas, que já estão ultrapassadas⁹¹.

Por conseguinte, conclui-se que o projeto, ainda que tenha levantado alguns problemas e situações de incompreensão nos participantes, acabou por esclarecê-las e resolvê-las, aproximando os indivíduos da cultura de trabalho e da conduta civil portuguesa e, conseqüentemente, dando-lhes algumas noções importantes que os poderão ajudar a integrar-se mais harmoniosamente na sociedade que os acolheu. Como é mencionado pelo UHNCR (2002:31): “(...) refugees will also require opportunities to learn about laws, customs, role expectations and communication patterns in the receiving country”.

Após estes três anos de experiências e aprendizagens, Francisca Gorjão deixa em aberto o futuro do projeto rematando que este:

(...) tem-se mantido bastante inalterado, estamos agora no processo de o transformar, mas eu ainda não queria falar muito nisso porque está a ser desenhado (...) a verdade é que neste momento

⁹⁰ *Idem.*

⁹¹ *Idem.*

estamos a querer capacitar mais gente. Pronto, isto é uma dica para aquilo que queremos fazer no futuro⁹².

Já em 2017, em entrevista ao jornal *Público* a responsável referiu ter outros sonhos para o projeto, salientando a intenção de conseguir levar o Mezze a outras zonas do país⁹³.

3.1.2 A cultura e a Interculturalidade como modelo de integração/inclusão e de valorização da diversidade cultural

Tal como referido, o Mezze apresenta-se como um projeto de índole social em que a cultura se assume como o fio condutor de toda a ação. E ainda que não se considere um simples restaurante, o Mezze, na sua categorização mais formal, e tal como a responsável do projeto refere em entrevista, “É, sobretudo, um restaurante”⁹⁴. Um restaurante, em que é atribuída à gastronomia uma grande importância cultural. Francisca Gorjão atesta tudo isto expondo a intenção por detrás deste estabelecimento:

Nós quisemos pegar numa parte muito importante da identidade das pessoas que é a cozinha e usar isso como elemento de partilha e de ponte para a comunidade de acolhimento, mas também organizamos debates, workshops, alguns eventos, tudo coisas em que tencionamos aproximar ainda mais as duas partes⁹⁵.

Em entrevista, uma das participantes integradas no projeto, transmite a importância da gastronomia e a relação que tem com a sua identidade:

É importante para mim poder partilhar a minha comida e histórias sobre como a fazemos e como a comemos. Faz parte de quem eu sou. Faz-me sentir bem e ajuda-me a sentir mais perto de casa⁹⁶.

Assim, numa ementa especialmente elaborada para a ocasião, os participantes do projeto tiveram a oportunidade de trazer para Lisboa e para quem quisesse experimentar, os sabores do Médio Oriente, tal como as histórias que esses sabores carregam consigo. Uma das participantes dá conta desta partilha:

⁹² *Idem.*

⁹³ “A segunda casa da síria Fátima tem a porta sempre aberta”, disponível em: <https://www.publico.pt/2017/09/24/sociedade/noticia/a-segunda-casa-da-siria-fatima-tem-a-porta-sempre-aberta-1786217>

⁹⁴ Entrevista ao sujeito R1

⁹⁵ *Idem.*

⁹⁶ Entrevista ao sujeito P1

Acho que a ideia do restaurante é representar a comida do Oriente e a forma de comer, não só a comida. Muitas pessoas dizem-nos “nós não sabemos como comer isto” e normalmente os árabes comem com a mão, comemos muita comida com os dedos como as crianças, comemos também com um pouco de pão. O pão com molho como o Húmus e a Babaganoush, uma salada e um pouco de carne, isto é como é a nossa mesa sempre lá. Aqui, eu vejo as pessoas interessadas em perceber como se come esta comida⁹⁷.

Já uma cliente, em entrevista, lembrou a sua experiência de partilha no restaurante:

Falámos sobre a diferença entre os nossos cafés, o empregado explicou-nos que o café deles era diferente, era mais aguado que o nosso porque era filtrado de maneira diferente, de uma forma mais lenta pelo que me lembro. Falou da sobremesa que era uma sobremesa super super doce de pistachio, a qual ele referiu ser muito típica na Síria. Falou igualmente da bebida (...) um sumo de tamarilho (...) nós adorámos, tinha assim um sabor agridoce e ele disse que era também muito típico de lá⁹⁸.

Outro dos clientes entrevistados refere ter tido igualmente a oportunidade de travar conhecimento com as cozinheiras e aprender um pouco com elas no final da refeição:

(...) fomos para a cozinha falar com as cozinheiras (...) a perguntar alguns métodos de confeção de alguns pratos, sobre a mistura de especiarias que às vezes utilizavam em certos tipos de pratos e até mesmo o porquê de o fazerem e foi engraçado porque elas nem sabiam. Basicamente fazem de determinada maneira porque passa entre gerações e nunca pensaram fazê-lo de maneira diferente, o que torna tudo ainda mais genuíno⁹⁹.

A partilha é, de facto, um fator importante no projeto, que foi tido em consideração na escolha do nome e até mesmo na formulação da ementa. Prosseguindo a explicação, a palavra “Mezze” de origem turca¹⁰⁰, representa uma refeição de vários e pequenos pratos que têm, no seu âmago, a idealização da partilha. De modo a fazer juz ao nome, a concepção dos pratos exibidos na ementa consiste assim em pequenos petiscos para “partilhar com amigos e com a família”¹⁰¹. Em entrevista, um dos clientes, faz referência a estas questões e ao impacto que têm na sua percepção do projeto:

O que me agrada mais no projeto, ou seja, no restaurante, é a questão de poder provar a comida de um país feita por pessoas daquele país e também, realmente, a parte da partilha (...) A quantidade dos pratos é muito pequena, o que obriga as pessoas a não comerem um prato, mas sim a comerem

⁹⁷ *Idem.*

⁹⁸ Entrevista ao sujeito C2

⁹⁹ Entrevista ao sujeito C1

¹⁰⁰ “Definição de ‘Meze’ ”, disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/meze>

¹⁰¹ Entrevista ao sujeito R1

dois, três, quatro pratos. Se cada pessoa pedir quatro pratos diferentes, por exemplo, e toda a gente picar um bocado dos outros para experimentar tudo, há muito mais partilha¹⁰².

Embora o projeto tenha o intuito de divulgar a cultura do Médio Oriente, tentou-se, ainda assim, integrar na ementa alguns elementos referentes à cultura gastronómica da sociedade de acolhimento, entre estes o vinho¹⁰³, o qual, como é comumente sabido, devido à presença de álcool não é aceite em muitas das culturas Orientais.

A disposição do espaço foi outro elemento tido em consideração na promoção de um ambiente que incentivasse não só à partilha cultural e ao diálogo, mas, que proporcionasse igualmente uma sensação de segurança para quem lá entrasse. Isto é apontado mesmo por alguns dos clientes que denotam a importância da atenção dada a alguns elementos do local:

(...) achei interessante eles meterem os fornos à vista para nós podermos ver como é que eles fazem o pão, porque tu pensas aquele pão achatado que é amassado e que tem aquela forma estranha mas, afinal, tem uma explicação muito óbvia para ter aquela forma (...) e até a cozinha era aberta, nós entrávamos no restaurante e tinha aquelas mesas comunitárias super grandes com os bancos (...) o pessoal está todo sentado na mesma mesa e lembro-me que, como a cozinha era aberta, também conseguíamos ver os tachos as frigideiras e elas a cozinhar¹⁰⁴.

(...) sentámo-nos numa mesa com uma data de malta que não conhecíamos de lado nenhum, aquilo tem mais mesas, mas havia lá uma mesa muito grande comunitária em que a malta se sentava e ninguém se conhecia e isso é que também é fixe porque é um restaurante muito de partilha¹⁰⁵.

O Mezze tem ainda no seu espaço, ao dispôr dos participantes e de todos os clientes, vários livros escritos em árabe trazidos diretamente do Médio Oriente para as suas prateleiras.¹⁰⁶ Segundo Francisca Gorjão, isto serve para:

(...) eles próprios também podem manter uma ligação à sua cultura, portanto, a ideia é ter aqueles livros em que a pessoa chega, pega num livro para casa, lê, devolve e leva outro¹⁰⁷.

Para além de uma experiência de partilha gastronómica, o Mezze possibilita ainda um espaço aberto a debates ou outras trocas culturais. Neste âmbito, são organizados, de tempo a tempo, eventos

¹⁰² Entrevista ao sujeito C1

¹⁰³ “Mezze: uma casa síria, com certeza”, disponível em: <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/blog/mezze-uma-casa-siria-com-certeza-091817>

¹⁰⁴ Entrevista ao sujeito C2

¹⁰⁵ Entrevista ao sujeito C1

¹⁰⁶ Entrevista ao sujeito R1

¹⁰⁷ *Idem*.

variados como: conversas temáticas, *workshops*, jantares solidários, concertos ou até mesmo leitura de obras literárias populares. Todos estes eventos encontram-se sempre dentro do contexto do Médio Oriente tentando enquadrar o público participante na realidade cultural vivida pelos habitantes desta área geográfica¹⁰⁸. Dentro do formato das Conversas do Mercado, o primeiro debate recaiu, como não podia deixar de ser, sobre o assunto da Integração¹⁰⁹; houve também uma conversa sobre “A (grande) família Síria”, onde eram debatidos assuntos sobre a dinâmica familiar e relacional dos sírios, levantando-se questões sobre o namoro, o casamento e a comunicação entre pais e filhos e quais as mudanças que ocorrem nesses aspetos à chegada a um novo país¹¹⁰; uma conversa intitulada “Como se diz #MeToo em árabe?” em que se falaram sobre os movimentos feministas, a identidade e a posição social das mulheres na sociedade muçulmana¹¹¹; e, já organizado noutra espaço cultural, um debate intitulado “Porque me converti ao Islão?” que abordava, tal como o nome insinua, alguns hábitos de quem pratica o Islamismo¹¹². Francisca Gorjão relembra alguma destas conversas em entrevista:

(...) fizemos um debate sobre feminismo islâmico um bocadinho para desconstruir a ideia que uma mulher por usar véu não tem de ser uma pessoa submissa e que há varias razões para usar véu tal como há várias forças e vários movimentos de mulheres muçulmanas para se enmascarem (...) esse debate foi mesmo muito interessante porque tivemos várias mulheres muçulmanas mas com várias posições diferentes (...)

(...) fizemos também um, por exemplo, sobre a família, como é que uma família árabe que vem de um contexto muito particular se adapta e se transforma num contexto totalmente diferente, nomeadamente Síria versus Portugal e como é que ocorrem essas transformações.

(...) também houve um evento sobre o ramadão e o que significa este jejum e organizámos um visionamento de um filme, depois, um painel de portugueses que se tinham convertido ao islamismo falaram do seu processo de conversão e, por fim, um piquenique partilhado de quebra do jejum para as pessoas conversarem umas com as outras e, no fundo, receberem mais informação, porque esses debates servem precisamente para isso¹¹³.

No que toca aos *Workshops*, estes foram sobre comida síria ou até mesmo sobre a gastronomia de cidades específicas da Síria, como Aleppo. Nestes *workshops*, as cozinheiras do Mezze cederam assim alguns dos seus segredos culinários mais bem guardados e, no final, todos os participantes puderam

¹⁰⁸ “Mezze Portugal by Pão a Pão – integração de refugiados do Médio Oriente: Eventos Passados”, disponível em: https://pt-pt.facebook.com/pg/paoapao.associacao/events/?ref=page_internal

¹⁰⁹ “Eventos: Conversas no Mercado – O que é a Integração?”, disponível em: https://www.facebook.com/events/142524336457887/?active_tab=about

¹¹⁰ “Eventos: A grande família síria – Conversas no Mercado”, disponível em: https://www.facebook.com/events/195578131059992?active_tab=about

¹¹¹ “Eventos: Como se diz #MeToo em árabe?”, disponível em: https://www.facebook.com/events/330574427706007?active_tab=about

¹¹² “Eventos: Porque me converti ao Islão?”, disponível em: <https://www.facebook.com/events/335405690456310/>

¹¹³ Entrevista ao sujeito R1

experimentar as iguarias que confeccionaram¹¹⁴. Francisca Gorjão ressalta o porquê da escolha da temática gastronômica para os workshops:

Os workshops que temos têm sido sempre a haver com a gastronomia. Inicialmente, a ideia era diversificar também um pouco mais, mas verificámos que, na verdade, há uma apetência enorme pelos workshops de gastronomia, portanto, temos-nos mantido um bocadinho aí (...) normalmente fazemos um de dois em dois meses mais ou menos¹¹⁵.

Quanto aos jantares solidários, poderá salientar-se um sobre a Ghouta Oriental, em que o dinheiro reverteu para ajudar os civis que socorrem as vítimas do conflito¹¹⁶. Um dos primeiros concertos no Mezze foi o do Eduardo Paniagua Ensemble e dos seus músicos, que encheram o espaço de animação com o seu repertório de música árabe-andaluza¹¹⁷. Houve ainda mais dois eventos interessantes, o evento “A noite das Mil e Uma Noites”, em que foi possível não só participar numa conversa com direito a refeição à volta da temática do conhecido livro árabe “As Mil e Uma Noites”, como houve também um concerto com músicas tradicionais Sírias em que todos podiam dançar¹¹⁸; e o evento “Quando eu era pequenino” aberto a todas as nacionalidades, que pretendia proporcionar um momento para desconhecidos se conhecerem e trocarem memórias sobre a sua infância enquanto saboreavam um chá¹¹⁹.

Tendo em conta todas estas características que integram o projeto e o modo como a cultura é abordada nele, isto é, decorrente da viabilização de um espaço aberto a experiências e atividades conjuntas entre pessoas de diferentes culturas, o Mezze, é considerado pelos seus responsáveis, um projeto de cariz Intercultural¹²⁰. Francisca Gorjão aborda de uma forma muito pragmática a diferença entre os dois tipos de modelos de integração existentes que valorizam a diversidade abordando o porquê de, na sua opinião, o Interculturalismo ser o modelo que se enquadra melhor no projeto:

A diferença entre multiculturalismo e interculturalismo talvez corresponda um bocadinho à diferenciação entre inclusão e integração, sendo que o Interculturalismo está mais perto da inclusão, ou seja, as coisas tocam-se e vivem-se em conjunto e desenvolvem-se a partir daí, enquanto que em relação ao multiculturalismo há uma insistência mas não há necessariamente um

¹¹⁴ “Eventos: Workshop de cozinha síria”, disponível em: https://www.facebook.com/events/2295415840550237/?active_tab=about; “Eventos: Workshop de cozinha de Aleppo”, disponível em: https://www.facebook.com/events/2458944057546885/?active_tab=about

¹¹⁵ Entrevista ao sujeito R1

¹¹⁶ “Eventos: Jantar de apoio a Ghouta Oriental”, disponível em: https://www.facebook.com/events/191612371603256/?active_tab=about

¹¹⁷ “Eventos: Jantar-Concerto no Mezze/ Eduardo Paniagua Ensemble”, disponível em: https://www.facebook.com/events/173562969905695?active_tab=about

¹¹⁸ “Eventos: A Noite das Mil e Uma Noites”, disponível em: https://www.facebook.com/events/497279090751707/?active_tab=about

¹¹⁹ “Eventos: Quando eu era pequenino”, disponível em: https://www.facebook.com/events/492806687795408/?active_tab=about

¹²⁰ Entrevista ao sujeito R1

produto disso ou um resultado disso. Por todas as razões que eu já disse, tentamos que o Interculturalismo se aplique ao nosso projeto¹²¹.

O Mezze enquadra-se, assim, nalgumas das características do Interculturalismo que Cantle (2015) assinala como decisivas para a sua definição pois, segundo o autor, o Interculturalismo ao possibilitar a existência de “shared spaces, where people can encounter people who are different from themselves does change attitudes: it can disconfirm stereotypes, undermine prejudice and actually ensure that people are much more comfortable with diversity” (Cantle, 2015:8). O Mezze é, portanto, um bom exemplo desta afirmação, pois ao assumir-se como um espaço aberto a pessoas de todas as nacionalidades, etnias e culturas e ao propiciar-lhes não só uma experiência gastronómica como também a possibilidade de participação em eventos de foro cultural que tentam tornar as pessoas mais informadas sobre diferentes realidades culturais, valorizam e promovem a diversidade, o diálogo e a troca cultural.

Ainda no âmbito da Interculturalidade, importa perceber se é, ou não, importante, na opinião dos indivíduos intervenientes do projeto entrevistados, as pessoas numa situação de imigração manterem o contacto com a sua cultura de origem e, em simultâneo, envolverem-se com a cultura da sociedade que os acolheu. Para a responsável do projeto a resposta à questão é óbvia:

Claro que sim, porquê cortarem com a sua identidade? Isso trás o quê? Nós não queremos pessoas assimiladas, queremos diversidade e acho que a diversidade é que trás riqueza às sociedades, nós crescemos todos enquanto sociedade quando há vários elementos distintos, várias culturas (...) é importante que eles se sintam em casa e que tenham aqui bases suficientes para sentirem que isto é uma possibilidade de casa para eles, ainda que queiram, muitas das vezes, voltar para os seus países de origem, como é normal, mas enquanto cá estão e se escolherem Portugal como a sua casa, é bom que se sintam confortáveis¹²².

No caso dos clientes entrevistados, a opinião foi também positiva, indo de encontro à da responsável:

Sim, claro. Acho que se devem adaptar ao país e à cultura nova, mas sem nunca deixarem a sua cultura de origem, a não ser que esta vá contra os direitos humanos ou ponha em risco, de alguma forma, a vida de alguém. Acho até bom eles procurarem locais e sítios no novo país que sejam similares aos locais que tinham no seu país, como locais religiosos (igrejas, mesquitas, sinagogas), restaurantes com a sua comida típica; supermercados dedicados a produtos do seu país, por aí...

¹²¹ Idem.

¹²² Idem.

para manterem o máximo de ligação com o seu país. Se não os têm, serem empreendedores e criarem-nos¹²³.

A ideia que eu tenho é que infelizmente em Portugal os estrangeiros acabam por se adaptar muito ao país e mudam bastante a sua cultura. É bom sim envolverem-se na nossa cultura, mas é de valor e importante que tragam a sua o mais crua possível para que tenhamos a possibilidade de aprender e conhecer no seu estado mais puro¹²⁴.

Já no caso dos próprios indivíduos que viveram o processo de imigração, é interessante observar a sua própria experiência e postura pessoal relativamente ao assunto:

Eu gosto muito do meu país, gosto de continuar a ler coisas na minha língua, leio muito e gosto de fazer o pão que é algo do meu país e no Mezze posso fazê-lo. Mas também gosto de aprender sobre Portugal, gosto da vossa comida, do vosso café e do vosso peixe, apesar do sabor da comida ser diferente e ainda não me ter habituado¹²⁵.

Importante? Acho que depende de pessoa para pessoa. Há pessoas que estão tão absorvidas com a cultura do seu país que preferem não se agarrar a novas tradições aqui. Eu, por exemplo, adoro dançar e no meu país isso não é bem visto, é sinal de que sou uma mulher barata. Aqui posso fazê-lo à vontade, mas às vezes sou julgada pelos meus colegas, porque alguns são ainda muito tradicionais (...) Acho que é também importante dizer que o Mezze é ótimo porque, para aqueles que se sentem tão longe de casa, têm agora uma parte do seu país no Mercado de Arrois, o que é fantástico¹²⁶.

Poderá então considerar-se que as opiniões dos entrevistados são, no geral, e ainda que expressadas de forma diferente, positivas, isto é, uma mediação equilibrada entre as duas culturas a de origem e a de acolhimento, poderá ser uma opção viável para muitos dos indivíduos imigrantes aquando da sua chegada a um novo país, sendo até bem vista pela reduzida amostra entrevistada referente à sociedade de acolhimento. Ainda assim, reconhece-se fundamental salientar que a prática cultural destes imigrantes é apenas bem vista quando não se apresenta como uma violação dos direitos humanos tal como são percecionados, partilhados e defendidos na sociedade de acolhimento, como podemos perceber pela resposta do sujeito C2. Isto é igualmente defendido por outros intelectuais como Ayton-Shenker, o qual refere que “The right to culture is limited at the point at

¹²³ Entrevista ao sujeito C2

¹²⁴ Entrevista ao sujeito C1

¹²⁵ Entrevista ao sujeito P2

¹²⁶ Entrevista ao sujeito P1

which it infringes on another human right. No right can be used at the expense or destruction of another, in accordance with international law”¹²⁷.

Ainda da resposta do sujeito C2, importa destacar que este apontou como algo positivo a existência de locais e estabelecimentos dedicados a outras culturas, vendo neles e no próprio empreendedorismo imigrante uma solução eficaz para a inclusão mais harmoniosa deste grupo populacional, dado que poderá ser uma forma de se sentirem mais próximos do seu país. Isto vai de encontro às respostas dos dois participantes do projeto entrevistados (sujeito P1 e sujeito P2), nas quais é verificável que ambos vêem num local como o Mezze a possibilidade de, não só eles como outros imigrantes do Médio Oriente, poderem manter o contacto e sentir-se ligados à cultura do seu país de origem.

Faz-se ainda menção à resposta dada pelo sujeito P1 que dignifica a importância de se dar atenção à individualidade quando se abordam questões como estas, uma vez que a composição e importância dada às diferentes dimensões da identidade e à própria identidade como um todo irão depender, tal como apoia Giddens (2008), de uma decisão pessoal por parte do indivíduo. A experiência do sujeito P1 evidencia ainda que, por vezes, para algumas destas pessoas, a oportunidade de agregar novas tradições e hábitos ao seu dia-a-dia poderá ser algo bastante positivo e libertador.

Concluindo, a promovida pelo Mezze, permite a muitos destes indivíduos não só sentirem-se contactados com a sua cultura de origem, como envolverem-se com a cultura da sociedade que os acolheu e, de facto, para muitos dos entrevistados, a importância de existirem mais projetos como este e de apoiá-los torna-se óbvia:

É certamente uma mais valia eles poderem mostrar um pouco da sua cultura, da sua gastronomia, até a maneira como decoram o restaurante ou a maneira como eles servem a comida e a forma como interagem com as pessoas, tudo isso é uma troca cultural que acontece de forma espontânea nestes espaços, nos restaurantes. Acho que temos de incluir mais as outras comunidades e Lisboa, por exemplo, tem tantas comunidades diferentes que têm algo de novo e de bom para partilhar e para dar à cidade¹²⁸.

Quando vais lá comer não é um ato de caridade, é simplesmente estar a apoiar um projeto em que tu sentes que tem pernas para andar e que merece ser defendido como outro qualquer. É a mesma coisa que comprar produtos biológicos, eu nem sempre compro, mas, quando tenho oportunidade, faço-o, porque acho que é algo a fomentar e ir a esses restaurantes e apoiar projetos com conceitos como o do Mezze, isso fomenta ou dá mais força às pessoas que o fazem para continuarem e não desistirem (...) Este tipo de projetos são urgentes e são importantes¹²⁹.

¹²⁷ “The Challenge of Human Rights and Cultural Diversity”, disponível em: <http://web.archive.org/web/20150214191258/http://www.un.org/rights/dpi1627e.htm>

¹²⁸ Entrevista ao sujeito C2

¹²⁹ Entrevista ao sujeito C1

Ainda dentro deste tópico, um dos entrevistados ressalta mesmo que a atenção cedida à implementação deste género de projetos deveria não só focar-se nos centros urbanos, mas também noutras zonas do país como, por exemplo, localidades mais pequenas ou cidades mais interiores, rematando que “(...) os imigrantes não vão apenas para Lisboa ou para o Porto, eles estão em todo o lado”¹³⁰. Este comentário torna-se pertinente quando, após uma análise dos relatórios do SEF relativos a 2018 e 2019, se percebe que distritos como Castelo Branco, Braga, Viana do Castelo, Bragança e Viseu têm vindo a assumir um considerável aumento percentual de residentes estrangeiros¹³¹. Para além disto, tem-se ainda como exemplo do quão importante poderá ser este investimento noutras zonas de Portugal, o sucesso que pequenas cidades e vilas como Miranda do Corvo e Penela tiveram nos últimos anos no acolhimento e integração de refugiados¹³².

3.1.3 Os impactos dos projetos (inter)culturais nos seus intervenientes e na subsequente integração/inclusão dos imigrantes e refugiados

Como se veio anteriormente a depreender da resposta concedida pela responsável do projeto, o Mezze foi delineado com base no objetivo geral de apoiar a integração de imigrantes e refugiados oriundos do Médio Oriente. Assim, e não obstante o propósito que pretendiam atingir e as dificuldades de integração a que estas pessoas estavam sujeitas, os responsáveis do projeto decidiram não ser particularmente sensato realizarem-se igualmente avaliações do ponto de vista do impacto pessoal que o projeto estaria a ter nos participantes, pois a integração não só não é um processo linear, como é algo difícil de caracterizar¹³³. Nas palavras da responsável:

Nós nunca tivemos esse método se calhar mais científico de “ok propusemo-nos contribuir para a integração das pessoas, vamos lá tentar perceber se estão a ser integradas ou não” porque é um processo demorado e muito complexo com muitas variáveis. O emprego é uma delas e é importante, mas existem muitas outras e, portanto, essa avaliação nós não a fizemos¹³⁴.

A realidade é que, tal como defende o grupo de trabalho da União Europeia, a avaliação deve sempre ser enquadrada no desenho do projeto, adequando-se a mesma aos objetivos estabelecidos e valendo-se, para este fim, de evidências tanto de foro numérico como valorativo (European Union,

¹³⁰ Entrevista ao sujeito C2

¹³¹ “Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo 2017”, disponível em: <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2017.pdf>;
“Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo 2018”, disponível em: <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2018.pdf>

¹³² “Acolher refugiados em vilas ou cidades pequenas dá mais resultados que nos grandes centros urbanos”, disponível em: <https://www.noticiasdecoimbra.pt/acolher-refugiados-em-vilas-ou-cidades-pequenas-da-mais-resultados-que-nos-grandes-centros-urbanos/>

¹³³ Entrevista ao sujeito R1

¹³⁴ *Idem*.

2014). Num dos seus relatórios sobre a promoção da interculturalidade em situações de migração, a União europeia destaca mesmo que estes esforços de avaliação têm sido escassos e que poderão ter, posteriormente, um impacto bastante depreciativo na tentativa de implementação de projetos de cariz intercultural e de políticas nessa área, principalmente no que toca a tentar arranjar parcerias e incentivos públicos que os(as) possam ajudar a alavancar-se (European Union, 2017).

Assim, e não cabendo a este estudo avaliar o projeto, tentou caracterizar-se, para além dos impactos ocasionados nos clientes e na responsável do projeto, o impacto que este teve nos seus participantes e, daí, perceber se estes foram de encontro ao seu objetivo geral: a integração. A pertinência em caracterizar os impactos sentidos, para além dos refugiados e imigrantes, pelos restantes intervenientes do projeto, não só se prende com o facto de todos eles terem, de alguma forma, tal como defende Spencer (2008), um papel a desempenhar na integração destes indivíduos, mas também porque, tal como avança Francisca Gorjão em entrevista, todos eles são também considerados beneficiários do projeto:

(...) eu considero que beneficiei muito do projeto a nível pessoal, cresci muito. Acho que um cliente que venha aqui e almoçe ou jante aqui, também beneficia muito, portanto, beneficiários somos todos (...)¹³⁵

No entanto, a pertinência em perceber quais poderão ser as maiores dificuldades que os principais beneficiários do projeto enfrentam na sua chegada a um novo país, é grande. Nesta linha, foi possível identificar dois obstáculos comuns no discurso de dois dos participantes do projeto que foram entrevistados:

- A certificação de habilitações:

Eu no Iraque acabei a universidade, sou engenheira de eletricidade, mas aqui, ainda não trabalhei na minha área (...) aqui não reconhecem o meu diploma porque acho que tem que se fazer dois anos cá para ter equivalência¹³⁶.

(...) no Iraque, era professor de língua árabe, mas o meu certificado não serve aqui. Eu gosto de ensinar porque, quando era criança, queria ser professor, mas a vida quis outra coisa de mim (...)¹³⁷

- E a língua, na qual se percebe, através do discurso dos indivíduos, ser a dificuldade à qual dão mais ênfase:

¹³⁵ *Idem.*

¹³⁶ Entrevista ao sujeito P1

¹³⁷ Entrevista ao sujeito P2

No início, tive dificuldades na língua, claro. Não sabia falar nada de português, nem conhecia nenhuma língua parecida como o espanhol. O francês já conhecia um pouco melhor, mas quando cá cheguei, só falava árabe e inglês e foi mesmo difícil para mim¹³⁸.

No início, a língua foi difícil para mim. Era uma nova língua, eu falo outras línguas porque já tive que viver noutros países, quando saí do Iraque e antes de vir para Portugal, estive na Turquia e na Grécia. Mas a língua latina é diferente das outras línguas que aprendi. Eu vou ouvindo, já estou melhor, mas ainda é muito difícil para mim (...) Se nós vamos, por exemplo, à segurança social, precisamos de um tradutor, para ir ao hospital também¹³⁹.

Relativamente à questão da língua, conseguiu perceber-se, através de uma conversa com os participantes entrevistados, que algumas destas dificuldades foram, mais tarde, colmatadas pelo projeto:

(...) como eu também não sou deste país e esta não é a minha língua, nunca falei muito bem até começar a trabalhar aqui, ajudou-me mesmo muito na linguagem (...) Até os clientes às vezes ficam interessados, percebes? E dizem-me coisas como “como é que tu falas assim? Tu falas português muito bem, como?” Eu estou cá há três anos, não é impossível¹⁴⁰.

Estar aqui também me ajudou a falar com as pessoas. Agora, se elas nos ouvirem, já nos compreendem melhor e ajudam-nos também a falar melhor, até falam devagar e com calma para percebermos o que dizem¹⁴¹.

Esta oportunidade de transformação linguística proporcionada pelo projeto, é algo reconhecido até por um dos clientes que recorda, na sua ida ao Mezze, ter havido um momento de entre-ajuda entre si e o empregado:

Nós quando fomos lá, não me lembro da situação em particular, mas houve algo que nós dissemos que ele não percebeu o que era e nós tentámos explicar-lhe por outras palavras até ele compreender, e acredito que esta interação com o cliente os ajude bastante a evoluir na aprendizagem da língua porque só a falar é que as pessoas aprendem uma língua não é¹⁴².

Para além destas dificuldades comuns, foram mencionadas, por cada um deles, outras situações adversas como:

¹³⁸ Entrevista ao sujeito P1

¹³⁹ Entrevista ao sujeito P2

¹⁴⁰ Entrevista ao sujeito P1

¹⁴¹ Entrevista ao sujeito P2

¹⁴² Entrevista ao sujeito C2

- A entrada no mercado de trabalho:

Outra dificuldade que tive foi em encontrar trabalho, fiquei em casa sem trabalhar durante dois anos até vir para o Mezze trabalhar¹⁴³.

- E a articulação com as organizações portuguesas:

(...) com as organizações não correu muito bem, houve alguns problemas, mas depois no final resolveu-se (...) ¹⁴⁴

A dificuldade em contactar com organizações portuguesas na tentativa de resolver problemas burocráticos é referenciada por uma das participantes como algo que se tornou relativamente mais fácil com a ajuda dos responsáveis do projeto:

(...) eles tentam sempre ajudar, se alguém por exemplo precisa de arranjar papéis ou tratar de documentos, eles procuram a melhor maneira para arranjar. Eles se calhar podem contactar com mais facilidade e saber explicar coisas que outros aqui não sabem por não falarem bem português (...) ¹⁴⁵

Já no que toca à procura por emprego, a responsável do projeto chega mesmo a apontá-la como uma das maiores dificuldades que este grupo populacional enfrenta.¹⁴⁶ O Mezze pretende assim suprir esta falha e ainda, dentro do possível, proporcionar-lhes a conquista de novas competências. Como ressalta a responsável e muito bem:

(...) para todas elas este foi o primeiro trabalho (...) se falarmos com a Fata ou com a Xiraz que estão aqui desde o início, é claro que não são as mesmas pessoas que entraram, têm outras competências e, se quiserem sair e procurar um trabalho, agora já podem dizer “tive uma experiência profissional de três anos no Mezze” e isso já quer dizer alguma coisa¹⁴⁷.

Outras competências e impactos são ainda descritas pelos participantes neste âmbito, tais como:

- Mais agilidade e desenvoltura no trabalho de restauração:

¹⁴³ Entrevista ao sujeito P1

¹⁴⁴ Entrevista ao sujeito P2

¹⁴⁵ Entrevista ao sujeito P1

¹⁴⁶ Entrevista ao sujeito R1

¹⁴⁷ *Idem*.

É muito difícil às vezes porque temos muitas comidas diferentes que precisamos de preparar. Agora, também temos dois tipos de cozinha, a marroquina e a Síria e são mais coisas para fazer. Aprendi a trabalhar mais rápido (...)¹⁴⁸

- Competências de comunicação e interação:

Eu nunca trabalhei como empregada de mesa e há tantas coisas que eu aprendi aqui a atender pessoas, por exemplo, se um cliente chegar aqui maldisposto, ele vai descarregar em mim e eu tenho de manter a calma (...)¹⁴⁹

- Impactos ao nível da confiança e auto-estima:

No Iraque, no meu cargo, devia dar ordens, mas como nunca ninguém me deu a minha posição verdadeira¹⁵⁰, eu nunca dei ordens a ninguém, a mim é que me davam ordens. Aqui, quando eu comecei, claro que recebia ordens e ainda recebo, mas agora também já as comecei a dar porque agora já estou a trabalhar numa posição em que preciso de dar ordens, preciso de ter mais confiança em mim porque tenho mais responsabilidade¹⁵¹.

De volta aos obstáculos, a responsável do projeto acrescenta ainda outros que diz, posteriormente, terem um forte impacto na empregabilidade¹⁵². Situações como o preconceito são, para a entrevistada, das mais preocupantes:

(...) as pessoas quando chegam vindas de um país árabe em Guerra, em que as mulheres às vezes usam véus são depois cá vítimas de muitos preconceitos, para além de não saberem a língua, não saberem os costumes, não terem uma rede de apoio forte, portanto, arranjar emprego é um obstáculo enorme (...) Depois, os restos dos preconceitos continuam muitas vezes. Em geral, eles até dizem que os portugueses são bastante amáveis, mas claro que é sempre difícil na mesma¹⁵³.

Em entrevista, um dos clientes referiu mesmo, por vezes, instintivamente, fazer pré-julgamentos com base étnica e cultural:

(...) obviamente que, inconscientemente, posso ter um ou outro preconceito, ninguém é perfeito e quando vejo se calhar muitas pessoas de uma determinada etnia ou de uma determinada

¹⁴⁸ Entrevista ao sujeito P2

¹⁴⁹ Entrevista ao sujeito P1

¹⁵⁰ Em entrevista o sujeito P1 referiu que, no seu país de origem e dado o seu género (feminino), nunca recebeu um tratamento igual ao dos outros engenheiros do seu local de trabalho, não podendo exercer a sua profissão na plenitude ainda que tivesse, tal como os outros, as habilitações requeridas.

¹⁵¹ Entrevista ao sujeito P1

¹⁵² Entrevista ao sujeito R1

¹⁵³ *Idem.*

nacionalidade, às vezes sinto algum receio (...) porque se calhar tenho medo do desconhecido, tenho receio das culturas que não conheço, tal como muitas pessoas, e às vezes isso nem é justo, porque eles podem ser as pessoas mais extraordinárias (...) daí ser importante fazermos frente ao desconhecido e acabar com esses receios (...) Foi uma das coisas que também me fez lá ir, porque também ia ser bom para mim, porque conheci uma cultura nova e conheci outras realidades¹⁵⁴.

Já o outro cliente entrevistado, apesar de não se rever nesses preconceitos, admite a importância que a postura da sociedade de acolhimento tem na integração destas pessoas:

Eu sinceramente não tenho qualquer tipo de preconceito, fico feliz por essas pessoas acreditarem no nosso país para mostrar algo ou para tentarem fazer algum negócio (...) só que neste caso parte também um bocadinho dos portugueses abrirem a boca e a mente para provarem outras coisas e pensarem de maneira diferente, porque às vezes não é só o arroz de cenoura com bifes que a nossa mãe faz, mas há muito mais coisas para além disso e do que nos é conhecido e é fixe nós irmos procurar não só ligarmo-nos aquilo que nós gostamos, mas ir procurar outras culturas da gastronomia, da arte, de tudo¹⁵⁵.

Assim, o Mezze pretende não só integrá-los e incluí-los na sociedade portuguesa, como também desmistificar um pouco os preconceitos que cercam este grupo de pessoas, conferindo-lhes a oportunidade de se darem a conhecer e de demonstrarem de um modo subtil e bastante natural que há, na realidade, mais pontos em comum entre as duas culturas do que aquilo que se pensa¹⁵⁶. Para Francisca Gorjão, a mais valia do projeto passa mesmo por esta questão:

(...) é mais fácil nós estarmos a apresentar um prato de comida numa refeição belíssima e depois a pessoa saber “ah, eles são refugiados, mas olha que bom e que bem que cozinham”, ou seja, há uma qualquer transformação positiva por pequena que seja que ocorre e que não passa por estarmos a dizer que “não, porque os refugiados têm direitos a isto, aquilo e acolotro” se calhar é mais fácil transformar desta maneira, que é chegar aqui, comer, ver que as pessoas são exatamente iguais a nós¹⁵⁷.

Esta noção vai, de certo modo, de encontro à experiência vivida pelo cliente identificado como sujeito C2 que, durante a entrevista, afirmou que:

¹⁵⁴ Entrevista ao sujeito C2

¹⁵⁵ Entrevista ao sujeito C1

¹⁵⁶ Entrevista ao sujeito R1

¹⁵⁷ *Idem*.

(...) o estar a interagir com essas pessoas num ambiente tão agradável humaniza-as e faz algumas pessoas pararem e pensarem que eles são só pessoas como nós e que, se calhar, podíamos ser nós a passar por essa situação. Pelo menos foi o que eu senti¹⁵⁸.

Já relativamente à refeição, este cliente acrescenta ainda que:

Eu acho que correspondeu às expectativas no que toca à experiência gastronómica. Eu gostei muito e gostei de coisas que a maioria dos meus amigos não gostaram e não é uma comida assim tão diferente, alguns sabores até achei que eram muito parecidos com os nossos¹⁵⁹.

No caso do cliente identificado como sujeito C1, ainda que não seja perceptível uma transformação tão óbvia como a verificada no sujeito C2, é possível constatar o impacto positivo que a ida ao Mezze teve igualmente neste cliente:

(...) fui lá para experimentar comida diferente e acabei a gostar ainda mais do que aquilo que achava que ia gostar, tanto da comida, como daquele tipo de ambiente, um ambiente comunitário (...)¹⁶⁰.

No fundo, dar a conhecer estas pessoas e a sua cultura e ajudar a combater os preconceitos gerais relativos a pessoas imigrantes, e refugiadas em particular, fará com que, conseqüentemente, estes tenham mais facilidade em integrar-se¹⁶¹. Como menciona Spencer (2008), quando os indivíduos imigrantes são discriminados ou impedidos de se envolver na sociedade devido às suas opções culturais, terão muito pouca vontade de se dedicar e sentir incluídos na sociedade que os acolheu. Deste modo, torna-se fundamental dirigir esforços à questão do preconceito encarando-o como “(...) uma componente central e fundamental das estratégias de integração” (Spencer, 2008:9).

Em entrevista, uma das participantes assume que o projeto a ajudou a conhecer pessoas novas e a criar possíveis relações de amizade:

Uma vez tivemos um grupo de pessoas de diferentes países, todos imigrantes, e tinham uma amiga portuguesa, e por isso vieram comer aqui e até me disseram “olha, tu tens que ser parte do nosso grupo” (...) antes de trabalhar, eu estava mesmo numa aldeia, eu só conhecia os meus vizinhos, mas agora eu conheço toda a gente que aqui trabalha, por exemplo, quem vem cá entregar as bebidas ao restaurante e pessoas que vêm cá comer pela primeira vez e depois voltam¹⁶².

¹⁵⁸ Entrevista ao sujeito C2

¹⁵⁹ Entrevista ao sujeito C2

¹⁶⁰ Entrevista ao sujeito C1

¹⁶¹ Entrevista ao sujeito R1

¹⁶² Entrevista ao sujeito P1

Assim, dado o papel fundamental que a população do país de acolhimento tem, sem dúvida, para o bem-estar e para a integração destas pessoas e, não descurando o enquadramento que o projeto apresenta no âmbito da restauração, as plataformas de avaliação do consumidor (como o Zomato, Tripadvisor ou o Google) têm sido, de acordo com Francisca Gorjão, de grande utilidade não só para perceber o *feedback* dos clientes mas também para, caso haja necessidade, proceder-se a melhorias¹⁶³. Em entrevista, a responsável do projeto dá ainda um exemplo disto:

(...) por acaso, nunca nos aconteceu, mas imaginando que, numa semana, tínhamos só avaliações de 3 estrelas, isso era logo um reflexo de que alguma coisa estava a correr mal, porque se nós temos sempre 5 e 4, 5 e 4, seria mau sinal, portanto, há uma percepção muito imediata das pessoas àquilo que nós estamos a oferecer e, logo, ao trabalho da equipa¹⁶⁴.

Através destas avaliações *online*, poderá observar-se a percepção que os clientes têm do desempenho dos integrantes do projeto ao nível do atendimento e da confeção dos pratos, tal como podemos concluir através dos seguintes comentários:

É um 3.5. Tinha muita expectativa para este restaurante e talvez por isso sinto que tenha ficado aquém. O staff foi muito simpático e atencioso, no entanto, houve alguns erros no pedido, o que acabou por afetar a experiência. Aliado a isso, a carne estava para além do ponto e a salada não veio temperada. Talvez repita para tirar dúvidas!” (Comentário de 3*, 2020)¹⁶⁵.

Pratos interessantes, mas o sabor não era o melhor. Alguns vieram frios e a apresentação não era perfeita. Por outro lado, cobraram-nos um prato que não pedimos e ainda cobraram 4€ por duas espetadas minúsculas por estarem fora do menu. Não nos deram explicação e simplesmente fomos “obrigados” a pagar (Comentário de 2*, 2018)¹⁶⁶.

Para além disto, estas avaliações dão ainda para perceber que tipo de impacto o Mezze teve nos clientes e como qualificam as suas experiências de um modo geral. São dois exemplos notórios disso:

Após algum tempo de espera para obter uma mesa, e depois de nos sentarmos, podemos iniciar a viagem até ao médio oriente. A experiência é deliciosa, as cores, os sabores as texturas transportam-nos para outras paragens. Vale a pena arriscar nesta descoberta (Comentário de 5*, 2019)¹⁶⁷.

¹⁶³ Entrevista ao sujeito R1

¹⁶⁴ *Idem*.

¹⁶⁵ “Mezze: Opiniões”, disponível em: <https://www.zomato.com/pt/grande-lisboa/mezze-arroios-lisboa/reviews>

¹⁶⁶ *Idem*.

¹⁶⁷ “Mezze: Avaliações”, disponível em: https://www.tripadvisor.pt/Restaurant_Review-g189158-d12986309-Reviews-Mezze-Lisbon_Lisbon_District_Central_Portugal.html

O Mezze é dos restaurantes mais genuínos de gastronomia do Médio Oriente. Adorei os diversos mezzes (petiscos) e também a sobremesa. Este espaço tem uma zona interior e uma esplanada. O interior está decorado de forma minimalista, mas, com bom gosto. Tem um enorme balcão de madeira onde podemos observar as cozinheiras árabes a fazerem a sua magia. O serviço é normal. Vale a pena pela gastronomia e sabores! (Comentário de 4*, 2020)¹⁶⁸.

A par destas avaliações *online* por parte dos clientes, percebeu-se ainda crucial realizar-se, em Dezembro de 2019, avaliações internas relativamente ao desempenho dos empregados/participantes. De acordo com Francisca Gorjão, as avaliações aconteceram através de uma grelha de perguntas que, em conjunto com os responsáveis, foram debatidas e ponderadas para posterior conclusão¹⁶⁹.

Este trabalho conjunto entre os responsáveis e os restantes participantes do projeto é importante a vários níveis e ultrapassa por vezes questões de âmbito laboral. Nas palavras de uma das participantes:

O Mezze é muito mais do que arranjar um trabalho. A Francisca, a Rita e o Nuno, que são as pessoas que criaram o Mezze (...) dão-nos sempre conselhos de qual a melhor maneira para arranjar-mos a nossa vida aqui. São uma grande ajuda, são mesmo amigos¹⁷⁰.

Desta forma, depreende-se que o trabalho lado a lado e a promoção de um ambiente de entreajuda, possibilitam não só o cultivo de uma boa cultura de trabalho, como também a oportunidade destes indivíduos que se encontram num novo país sentirem que têm, naquele grupo de trabalho, uma boa rede de suporte.

3.2. Projeto Speak Social

3.2.1 A caracterização do projeto e a sua implementação

De origem portuguesa e de âmbito circunscrito, o projeto Speak Social nasceu em 2014 na cidade de Leiria. Inicialmente em atividade em apenas uma cidade, o Speak encontra-se já disponível em formato *offline* em mais 22 cidades espalhadas por Portugal e pelo Mundo. E em que consiste este projeto que tem vindo a crescer exponencialmente nos últimos anos? O Speak é um projeto inovador que, através de uma plataforma online, permite às pessoas inscreverem-se para poder não só dar a conhecer uma língua, como também aprender uma nova língua, existindo, para isto, duas possibilidades de inscrição: a do nível básico e a do nível conversacional para pessoas já com algum conhecimento prévio. Assim, as pessoas são divididas por grupos de línguas, onde podem participar

¹⁶⁸ “Mezze: Opiniões”, disponível em: <https://www.zomato.com/pt/grande-lisboa/mezze-arroios-lisboa/reviews>

¹⁶⁹ Entrevista ao sujeito R1

¹⁷⁰ Entrevista ao sujeito P1

até 18 de cada vez. Geridos por 2 participantes, ao qual se dá o nome de *buddys*, estes grupos juntam-se durante 90 minutos por semana no espaço de 12 semanas¹⁷¹. Atualmente, a inscrição nestes grupos de línguas é feita de forma gratuita, apesar de cada pessoa poder contribuir com a quantia monetária que achar meritória¹⁷². Segundo Rita Brito e Faro, uma das dez integrantes da equipa central responsável pelo projeto, ainda que a inscrição seja feita *online*, a verdadeira experiência do Speak irá acontecer presencialmente, permitindo acima de tudo:

(...) juntar pessoas migrantes, pessoas refugiadas e locais a viver na mesma cidade. (...) As pessoas juntam-se num ambiente informal para uma experiência de intercâmbio de línguas e culturas, derrubando barreiras, promovendo a diversidade, a igualdade e a compreensão intercultural¹⁷³.

Porque o Speak é mais do que a possibilidade de dar a conhecer e/ou aprender uma língua, é um projeto de inclusão que, de acordo com Rita Brito e Faro, visa:

(...) resolver o problema da exclusão social de migrantes e refugiados. (...) O SPEAK ataca as duas principais causas do problema: 1) a barreira linguística e 2) a falta de oportunidade de encontro para conhecer o “outro”¹⁷⁴.

O projeto nasceu, assim, da experiência e da percepção dos seus fundadores que, à medida que se mudavam para uma nova cidade, se iam apercebendo das dificuldades e das barreiras existentes à sua integração e, de igual forma, à de todos os outros estrangeiros¹⁷⁵. Em entrevista à *Revista Rua*, Hugo Aguiar co-fundador e CEO do Speak, reconhece isto mesmo:

(...) já vivi no estrangeiro e experienciei em primeira mão a dificuldade de integração numa nova cidade (...) Estar sensibilizado para o tema deu-me uma motivação extra para contribuir para a integração de outros (...)¹⁷⁶

Assim, pensando na integração destas pessoas e não descartando a importância da gramática para a aprendizagem de uma língua, o Speak investe, acima de tudo, na dinamização de jogos que proporcionem aos participantes a oportunidade de partilharem a sua cultura uns com os outros. É através destas dinâmicas que se pretendem atingir os objetivos delineados para o projeto, isto é: a

¹⁷¹ Entrevista ao sujeito R2

¹⁷² “How it Works”, disponível em: <https://www.speak.social/en/how-it-works-online/>

¹⁷³ Entrevista ao sujeito R2

¹⁷⁴ *Idem*.

¹⁷⁵ *Idem*.

¹⁷⁶ “Speak, quebrando as barreiras da inclusão social”, disponível em: <https://www.revistarua.pt/speak-quebrando-as-barreiras-da-inclusao-social/>

curto prazo, para além de adquirirem conhecimentos sobre uma nova língua, vão-se conhecendo, desconstruindo preconceitos e criando amizades que, no caso dos imigrantes e refugiados poderão fazer parte da sua rede de suporte e, a longo prazo, ajudá-los a alcançar um sentimento de pertença para com o novo país onde vivem. Como refere Rita Brito e Faro, “Aprender a língua é um meio e não um fim em si mesmo. A metodologia está feita para os participantes progredirem na criação de relação com o outro (...)”¹⁷⁷.

O Speak destina-se, assim, não só a pessoas imigrantes e refugiadas que estejam a começar a sua vida numa nova cidade, como também a qualquer outra pessoa que esteja disposta a conhecer novas pessoas e novas culturas. Tendo em conta a intenção do projeto em ligar indivíduos imigrantes e refugiados à população e à comunidade do local onde residem, todos podem e devem participar¹⁷⁸. Rita Brito e Faro salienta isto mesmo, acrescentando que, no que toca à população de acolhimento, poderão encontrar-se três perfis diferentes:

(...) aqueles que são completamente anti-imigração e até são preconceituosas, depois há aquelas que são completamente pró-imigração e valorizam a diversidade cultural e querem acolher comunidades imigrantes e depois há os *swingers*, que são aqueles que vão um bocadinho com a maré, não têm uma opinião muito definida (...)¹⁷⁹

Tendo consciência destes perfis e ainda que apreciassem que toda a gente, independentemente das suas ideologias, tivesse uma experiência positiva no Speak, assumem que o mais fácil será trabalhar, para além da população pró-imigração, a população *swinger*¹⁸⁰. Na opinião de Rita Brito e Faro:

(...) esses são os mais fáceis de agarrar e de trazer para o speak e passarem a serem prós de alguma forma, porque pessoas que são completamente anti-imigrações vai ser muito difícil mudá-lhes a opinião e, portanto, se nós conseguirmos ganhar os *swingers*, é muito mais forte do que estarmos a combater na outra ponta do espectro¹⁸¹.

A comunidade de acolhimento faz, desta forma, parte da solução e apenas com o seu empenho e participação se tornou possível pôr o projeto a funcionar e dar-lhe a dimensão que tem atualmente¹⁸². Para a equipa do Speak, esta é uma questão que tem sido negligenciada, mas que este projeto vem colmatar:

¹⁷⁷ Entrevista ao sujeito R2

¹⁷⁸ *Idem.*

¹⁷⁹ *Idem.*

¹⁸⁰ *Idem.*

¹⁸¹ *Idem.*

¹⁸² *Idem.*

Ensinar a língua do país de acolhimento é uma estratégia elementar que tem sido usada na Europa, mas não tem tido os resultados de integração desejados, porque não permite ao migrante dar a conhecer a sua língua e cultura e porque não conta com a participação de locais na solução. O SPEAK torna os beneficiários e a comunidade parte da solução¹⁸³.

Existe, portanto, um cuidado por parte da equipa responsável pelo projeto em promover uma partilha de forma igualitária entre toda a população, tenha ela, ou não, passado por processos de imigração. A ideia é suprimir “(...) o sentimento de que são apenas recetores, como na maioria das iniciativas de integração”¹⁸⁴. Conforme apoia Rita, no Speak todos podem ser anfitriões da sua cultura e da sua língua se assim o quiserem:

(...) os papéis são *inter-changible* porque eles podem trocar. Eu às segundas posso estar a ensinar português e, às quartas, posso estar a aprender árabe. Ao pormos as pessoas de igual para igual, permitimos que haja esta quebra de preconceitos e que estas pessoas estejam confortáveis e não estejam apenas a ser acolhidas mas sejam também eles próprios anfitriões (...)¹⁸⁵

Elogiando o envolvimento da comunidade portuguesa no projeto, Rita Brito e Faro destaca em entrevista que a maioridade dos grupos existentes são, de facto, de língua portuguesa, e são dados por *buddys* portugueses que têm vontade de partilhar a sua cultura e de ajudar esta população a integrar-se mais eficazmente¹⁸⁶. Neste âmbito, destaca-se a resposta dada por um dos participantes portugueses que afirma mesmo ter sentido que a sua participação como *buddy* fez a diferença:

Muitos dos alunos que tive estavam a aprender o português porque ou já estão cá a viver em Portugal ou já pensam em vir para cá viver. Estas aulas para eles eram muito importantes mesmo e, portanto, eu senti que contribuí para a integração deles cá em Portugal, seja para os que já cá estão, como para os que estão para vir¹⁸⁷.

A gestora refere ainda que esta adesão da comunidade varia muito de cidade para cidade e de país para país:

(...) na Alemanha não é tão fácil abrir grupos de alemão e trazer os locais para ensinar alemão. Este é um exemplo que tenho, provavelmente há outras cidades em que é igualmente difícil, mas

¹⁸³ *Idem.*

¹⁸⁴ *Idem.*

¹⁸⁵ *Idem.*

¹⁸⁶ *Idem.*

¹⁸⁷ Entrevista ao sujeito P4

pronto, depende um bocadinho, eu diria, que se calhar no Sul da Europa é mais fácil mobilizar a comunidade local a participar¹⁸⁸.

Rita Brito e Faro chega mesmo a concluir que “O Speak funciona apenas se a comunidade local se envolver”. Desta forma, a sua presença é visível não só através da sua atuação nos grupos de línguas, como também na cedência dos recursos necessários¹⁸⁹. Conforme Rita Brito e Faro:

O SPEAK criou uma solução que é liderada pela própria comunidade, tornando-a num dos recursos mais valiosos para que as atividades possam acontecer. Tudo acontece em espaços cedidos por parceiros, tais como faculdades, espaços de coworking, ou bibliotecas, que beneficiam em ter os seus espaços dinamizados com este tipo de atividades¹⁹⁰.

Como exemplo de alguns destes parceiros tem-se, a nível global: o Alto Comissariado para as Migrações; a Fundação Piaget; a Fundação Ageas e a Fundação Montepio. Já a nível local têm parceiros de domínios variados, como: associações como a Associação Renovar a Mouraria, a Associação mais cidadania, a Associação Fazer Avançar, a Associação de Refugiados de Portugal e a AMIGrante; organizações ligadas ao ensino como as associações de estudantes da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade Nova e da Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto e o Agrupamento de Escolas de Aveiro; e espaços de hotelaria/restauração e de convívio cultural como o Barzinho de Ribamar, o Bardotto, o Bar Stadstuin, o Barrito e o Atlas Hostel¹⁹¹. Destaca-se aqui, de todos estes parceiros, o Alto Comissariado para as Migrações, que tem um forte papel no angariamento de pessoas refugiadas para o projeto, pois, como refere Rita Brito e Faro, quando estas pessoas são recebidas pelo Alto Comissariado para as Migrações, “(...) no Kit de boas vindas tem lá a opção de se juntarem ao Speak (...)”¹⁹². Para além dos parceiros, as redes sociais e os media são também alguns dos meios que o projeto tem usado para chegar ao seu público¹⁹³.

Já no que diz respeito à dimensão e ao alcance do projeto, os créditos vão não só para a comunidade de acolhimento, mas também para os imigrantes e refugiados, pois o Speak dá ainda a oportunidade a qualquer pessoa que tenha a vontade e a determinação necessária de levar o projeto para uma nova cidade à sua escolha e gerir a comunidade Speak dessa cidade. Segundo Rita Brito e Faro, este é “(...) um modelo de franchising em que capacitamos as pessoas, lhes damos acesso à nossa tecnologia e elas tornam-se fundadoras do speak na sua cidade (...)”. Neste momento o Speak tem já *franchisings* em 22 cidades, nas quais possui equipas de cerca de 2 pessoas. Esta ideia veio colmatar uma das fragilidades encontradas no início do projeto, pois, inicialmente, o estabelecimento

¹⁸⁸ Enrevista ao sujeito R2

¹⁸⁹ *Idem.*

¹⁹⁰ *Idem.*

¹⁹¹ “SPEAK-Partners”, disponível em: <https://www.speak.social/pt/partners/www.rotajovem.com>

¹⁹² Entrevista ao sujeito R2

¹⁹³ *Idem.*

do Speak numa nova cidade dependia unicamente de um membro da equipa, o *project manager*, o qual após a criação e prosperação da comunidade Speak naquela cidade, passava à próxima, gerindo tudo à distância¹⁹⁴. Este modelo de crescimento foi, segundo Rita Brito e Faro, mais tarde visualizado como algo pouco exequível:

(...) o que percebemos é que era um modelo super lento com um crescimento muito lento, caro e bastante arriscado, porque se por acaso falhávamos no perfil do project manager, tínhamos logo uma grande parte do crescimento do speak comprometida (...) ¹⁹⁵.

Para além desta reformulação, o projeto sofreu ainda mudanças no início de 2020 com o aparecimento da pandemia mundial Covid-19, que impossibilitou a abertura de grupos de línguas de forma presencial e criou a necessidade de implementar um modelo de grupos online¹⁹⁶. De acordo com a gestora:

(...) de uma forma muito rápida em cinco dias mudámos a nossa tecnologia e a nossa metodologia para que os grupos pudessem acontecer através do Skype e, portanto, agora, em vez de estarmos em 23 cidades, estamos em todo o mundo desde que as pessoas se encontrem no mesmo fuso horário e tenham alguma flexibilidade para se ligar à mesma hora. Temos criado grupos através do Skype¹⁹⁷.

Ainda que esta se tenha apresentado como uma solução temporária, pois a proposta de valor do projeto passa por juntar pessoas da mesma cidade de forma presencial, a adesão foi tanta que se põe, neste momento, a possibilidade de manter este modelo a par do modelo offline¹⁹⁸. No final de Março, de acordo com o jornal *Público*, o Speak contava já com cerca de 30.000 mil inscrições e com a representação de 160 países¹⁹⁹. No entanto, colocando em relevo a particular necessidade de se investir mais na criação de grupos presenciais, a equipa pretende num futuro próximo conseguir, com a ajuda de toda a comunidade, levar o Speak para mais cidades e torná-lo “(...) uma rede de 100 cidades inclusivas até 2025”²⁰⁰.

¹⁹⁴ *Idem.*

¹⁹⁵ *Idem.*

¹⁹⁶ *Idem.*

¹⁹⁷ *Idem.*

¹⁹⁸ *Idem.*

¹⁹⁹ “Speak: projeto social abre aulas de línguas online gratuitas”, disponível em: <https://www.publico.pt/2020/03/26/p3/noticia/speak-escola-linguas-aulas-online-gratuitas-1909209>

²⁰⁰ Entrevista ao sujeito R2

3.2.2 A cultura e a Interculturalidade como modelo de integração/inclusão e de valorização da diversidade cultural

Para Edwards (2009:55), a língua é composta, não só pelas suas funcionalidades de comunicação, mas também por um conjunto de representações simbólicas que definem a sua conotação cultural e a precisam como “(...) an emblem of groupness, a symbol, a psychosocial rallying-point”. Assim, no Speak, a língua trata-se de um elemento simbólico, através do qual se poderá iniciar uma viagem pelo mundo cultural, pois como reconhece Rita Brito e Faro em entrevista, “A língua é só o princípio”²⁰¹.

Com cerca de 20 línguas disponíveis²⁰², é após a inscrição nestes grupos que tudo começa. Com a desculpa de aprender ou ensinar uma língua, dinâmicas e conversas vão surgindo, pessoas e culturas vão se conhecendo e estereótipos vão se dissipando. O próprio programa incentiva à partilha da cultura através da prática da língua:

(...) as pessoas que estão a aprender são de culturas diferentes e, nestes grupos, as pessoas têm oportunidade de falar sobre a sua cultura. Vamos imaginar que estamos a dar vocabulário sobre a casa, a nossa metodologia permite que as pessoas falem sobre como é que é uma casa típica no seu país, por exemplo (...) ²⁰³.

Muitas dos *buddys* organizam mesmo os grupos em torno de temáticas culturais sobre o seu país de forma a dar a conhecê-lo:

Dei uma aula cultural sobre eventos temáticos e tradicionais que nós tínhamos em Portugal durante o ano e falei-lhes sobre o carnaval aqui no norte em Podence, sobre os Caretos, e eles ficaram “woww”. A maior parte deles era tudo de países como o Paquistão, Índia, Turquia, Síria, portanto, de sítios completamente diferentes e, ainda assim, tinha também uma italiana e um rapaz da Argentina que ficaram muito admirados e interessados com o tipo de eventos que nós temos (...) ²⁰⁴.

Para além dos momentos proporcionados pelo programa e pela estrutura das aulas em si, sempre que surge oportunidade os participantes têm, por eles, a iniciativa de partilhar:

Eu tinha três alunos que eram do Paquistão e as aulas calharam no mês do ramadão, então, eles tiveram a explicar como é que era a rotina deles nesse mês, o que é que faziam e etc (...) para algumas pessoas que lá estavam na aula e que não faziam ideia das coisas que eles tinham de

²⁰¹ *Idem.*

²⁰² “Speak: projeto social abre aulas de línguas online gratuitas”, disponível em: <https://www.publico.pt/2020/03/26/p3/noticia/speak-escola-linguas-aulas-online-gratuitas-1909209>

²⁰³ *Idem.*

²⁰⁴ Entrevista ao sujeito P4

fazer, ficaram muito admirados de eles não poderem comer desde o sol nascer até o sol se pôr (...) E mesmo o perceber o que é que os faz fazer aquilo (...) ²⁰⁵.

Eu tento partilhar um pouco da minha cultura em todos os grupos que dou (...) pedia sempre aos outros participantes para me ensinarem algo da sua língua e do seu país e também lhes falava algumas coisas do português e mostrava coisas do meu país não só do porto que é de onde sou mas também do resto do país (...) havia aqui uma troca um intercâmbio cultural ²⁰⁶.

A importância desta partilha cultural é ainda sentida no discurso de alguns dos participantes em entrevista, tenham estes passado por um processo de imigração ou não:

(...) ao partilhar a minha cultura e saber que outras pessoas estão interessadas em conhecer mais o meu país fazia-me duas coisas, fazia-me sentir mais próxima do meu país e, por outro lado, obrigava-me também a manter-me informada (...) sou quase uma embaixadora do meu país a nível local, ao nível das pessoas que eu conheço. É uma responsabilidade, mas ao mesmo tempo é uma prenda (...) faz-me sentir melhor estando longe e assim não sinto nem penso tanto na distância ²⁰⁷.

Eu antes quase que me sentia um pouco retraída em dizer a minha nacionalidade porque pensava que iriam banalizar o facto de eu ser de um país mais pequeno e depois comecei a aperceber-me em conversas nas aulas que as pessoas até conheciam o Porto e Lisboa e diziam “já ouvi tanto falar e queria tanto ir lá” ou “dizem que é muito bonito” (...). Ouvir isto deu-me não só orgulho mas deu-me vontade de partilhar mais sobre o meu país com eles ²⁰⁸.

Esta partilha proporciona ainda a possibilidade não só de se conhecer os países a partir das suas diferenças, como também das suas parecenças, pois, de acordo com alguns dos participantes entrevistados, em muitas das conversas ocasionadas durante os grupos de línguas, chegava-se à conclusão que, às vezes, havia mais coisas em comum entre culturas distantes umas das outras do que muitos pressupunham, fossem estas relativas à gastronomia, a hábitos diários, horários e métodos de comércio, música ou mesmo a questões de âmbito linguístico ²⁰⁹. Atente-se ao exemplo gastronómico dado pelo sujeito P3 em entrevista:

²⁰⁵ *Idem.*

²⁰⁶ Entrevista ao sujeito P3

²⁰⁷ Entrevista ao sujeito P5

²⁰⁸ Entrevista ao sujeito P3

²⁰⁹ Entrevista ao sujeito P3 e Entrevista ao sujeito P4

Às vezes, em conversa, ficávamos a perceber que não temos hábitos assim tão diferentes por sermos de países diferentes. Quando falávamos de comida percebíamos que tínhamos pratos iguais, que a única coisa que mudava eram os nomes. Trocávamos muitas vezes receitas²¹⁰.

Rita Brito e Faro dá conta de todas estas dinâmicas de socialização acrescentando que não são a única forma de partilha, pois o Speak organiza ainda eventos ao longo do ano, de variados formatos, em todas as cidades e países em que está e onde todos são convidados a participar²¹¹. Muitos dos eventos envolvem, de uma maneira ou de outra, a questão da língua, sendo que um dos mais comuns é o evento “Language & Culture Exchange”, onde as pessoas se juntam aos pares, têm uma conversa durante 5 minutos numa língua que tenham em comum e, de seguida, trocam de par. Como descreve o sujeito P5, desta forma agradável “(...) fica-se a conhecer as pessoas já e também se aprende um bocadinho de línguas ou ajuda-se outra pessoa a praticar uma língua”²¹².

Pode ainda participar-se em eventos com dinâmicas e jogos variados, como é o caso dos eventos “Lisbon City Hunt”²¹³ e do evento “International Game Night”²¹⁴, e das noites de quizz, em que a cultura dos mais variados países é o tema da noite. Neste âmbito, o participante intitulado de sujeito P3, explica em entrevista a oportunidade que teve em organizar um evento deste género em conjunto com outra participante brasileira, o que fez com que “(...) o quizz incluísse todos os países lusófonos, o que correu muito bem e fez com que fosse o evento com mais pessoas de uma só língua a participar (...)”²¹⁵.

Organizam-se também viagens onde o intercâmbio cultural, o diálogo e o divertimento estão presentes em todos os momentos, destacando-se aqui o evento “Trip: Gerês”²¹⁶ e o evento “Speak Village”²¹⁷, o qual se realiza todos os anos e que Rita Brito e Faro define como “o maior evento que já se fez” e como “o evento mais importante para o Speak”²¹⁸.

Outros eventos populares são os gastronómicos, que podem materializar-se em refeições temáticas ou workshops, como é o caso do evento “Sabores da Páscoa”²¹⁹ ou o evento “SPEAK Gathering – Troca cultural e gastronómica”²²⁰ ou até mesmo encontros com direito a picnics, como

²¹⁰ Entrevista ao sujeito P3

²¹¹ Entrevista ao sujeito R2

²¹² Entrevista ao sujeito P5

²¹³ “Eventos Lisbon City Hunt”, disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/events/270566020288953/>

²¹⁴ “Eventos International Game Night”, disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/events/290356928500454/>

²¹⁵ Entrevista ao sujeito P3

²¹⁶ “Eventos Trip: Gerês”, disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/events/483156542113663/>

²¹⁷ “Eventos SPEAK Village: A Weekend of Discoveries”, disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/events/379644805873978/>

²¹⁸ Entrevista ao sujeito R2

²¹⁹ “Eventos Sabores da Páscoa//Easter Flavours”, disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/events/961043687386612/>

²²⁰ “Eventos SPEAK Gathering - Troca cultural e gastronómica”, disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/events/459910654046130/>

por exemplo o evento “Culturas, sorrisos e idiomas – Let’s picnic!”²²¹, os quais a participante instituída de sujeito P5, refere em entrevista serem “(...) eventos muito populares em que cada pessoa leva uma amostra gastronômica do seu país e, portanto, torna-se muito interessante ter assim uma pequena degustação de cada nação”²²².

Dão-se ainda o exemplo de eventos temáticos e workshops culturais bastante diversificados como o “Latin Dances Workshop”²²³; o “Japanese Culture Meeting”²²⁴; o “Mini-evento de Mandarim: Arte de Recorte de Papel e da Caligrafia Chinesa”²²⁵; e o “Emotional Liberation Workshop”²²⁶. Nesta linha de eventos, o participante Sujeito P5, refere ter-se envolvido na organização de dois eventos ligados à cultura do seu país:

(...) fizemos um evento para mostrar como é que era o Dia dos Mortos, que é uma celebração muito importante no México, fizemos um altar de mortos e maquilhámos as pessoas e foi um sucesso (...) uma coisa que para mim era super normalíssima “sim, nós pomos aqui um altar e sim, nós pomos aqui uma fotografia da pessoa que morreu e pomos comida” para as pessoas era tipo “uau” e foi muito bonito e portanto foi dos eventos que eu guardo mais próximo do meu coração²²⁷.

Rita Brito e Faro reconhece, em entrevista, todas estas dinâmicas de socialização e a decorrente partilha que se desenvolve no decurso das mesmas, acrescentando que “(...) é através delas que as pessoas de diferentes culturas vão permitir que haja essa troca (...) e é aí desse modo que nós incentivamos a que se dê o interculturalismo”²²⁸. Depreende-se, assim, que o interculturalismo é, assumidamente, o modelo de gestão da diversidade no qual o projeto Speak reconhece basear o seu trabalho. Neste âmbito, Rita Brito e Faro vê a interação como o fator central na escolha pelo Interculturalismo, algo que o Multiculturalismo, como igual modelo de aceitação da diversidade cultural, não soube por em prática²²⁹. Atente-se ao seu discurso em entrevista:

(...) imagino o Multiculturalismo como várias comunidades a viverem no mesmo espaço mas sem haverem trocas de experiências e sem conhecerem a cultura uns dos outros e haver comunidades se calhar um bocadinho segregadas na mesma cidade. Já o Interculturalismo é haverem várias

²²¹ “Eventos Culturas, sorrisos e idiomas – Let’s picnic!”, disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/events/256197775117654/>

²²² Entrevista ao sujeito P5

²²³ “Eventos Latin Dances Workshop”, disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/events/482132969399349/>

²²⁴ “Eventos Japanese Culture Meeting”, disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/events/509530843121691/>

²²⁵ “Eventos Mini-evento de Mandarim: Arte de Recorte de Papel e da Caligrafia Chinesa”, disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/events/578660232155496/>

²²⁶ “Eventos Emotional Liberation Workshop”, disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/events/2429010380682809/>

²²⁷ Entrevista ao sujeito P5

²²⁸ Entrevista ao sujeito R2

²²⁹ *Idem.*

peças a viverem as suas culturas e os seus costumes mas a interagirem e a viverem em comunidade²³⁰.

Esta noção do Interculturalismo como um modelo que promove a interação e que vê nela uma novidade, é defendida por diversos autores, entre os quais Zapata-Barrero (2015:12), que sublinha que este modelo trouxe consigo uma nova visão, a visão construtivista, na qual a interação “(...) motivates people because they will see that, through interaction, they will develop their cultural capacities and skills and will even develop their creativity”. Fazendo um paralelismo à realidade no Speak, podemos aqui encaixar como competências culturais as línguas que posteriormente incitam ao desenvolvimento de outras tantas competências. Zapata-Barreto (2015:3) alega ainda que o interculturalismo destaca também “(...) what is (or can be) shared between people or groups, rather than exhibiting what is unique and ‘must be recognised and respected’ among people who see each other in terms of ‘otherness’”. Esta particularidade do interculturalismo foi já observada no discurso dos participantes do Speak quando debatem a questão de, muitas das vezes, encontrarem pontos em comum entre distintas culturas. Veja-se mais um exemplo no qual estas similaridades são contempladas com satisfação:

(...) foi interessante porque chegámos mesmo à conclusão que em alguns países da América Latina havia muita coisa em comum com Portugal, ou seja, países que estão bem distantes uns dos outros e que têm uma língua diferente podem ter até bastantes parecenças²³¹.

Para além disto, e tal como já foi anteriormente referido, a existência de um espaço onde a partilha e o diálogo entre culturas seja uma possibilidade é visto por Cantle (2015) como essencial para uma prática Interculturalista. Esta visão é igualmente defendida por Rita Brito e Faro, que vai ainda mais longe, abordando não só a importância de existirem espaços como o Speak, como também a necessidade de se promover um equilíbrio no que toca à manutenção das identidades dos indivíduos imigrantes:

Acho que é sem dúvida importante permitir que as pessoas continuem a ter os seus costumes e não percam aquilo que eles são e a sua cultura e ao mesmo tempo envolverem-se com a sociedade de acolhimento. Acho que até psicologicamente tem um impacto gigante obrigar-se as pessoas a deixar aquilo que elas foram toda a vida e é possível combinar os dois e, portanto, se criarmos estes espaços em que celebramos a diversidade e permitirmos que estas pessoas partilhem aquilo

²³⁰ *Idem.*

²³¹ Entrevista ao sujeito P3

que é a sua cultura sem, como é óbvio, impor isso à comunidade local, acho que é o equilíbrio perfeito²³².

Este equilíbrio defendido por Rita Brito e Faro é visto pelos participantes portugueses entrevistados, como fundamental para uma inclusão significativamente mais eficaz:

(...) quando se vai para uma país novo, as pessoas devem-se adaptar minimamente à língua, à política, à comida, à cultura no geral (...). Eu, por exemplo, vivi em Itália (...) e tive de me adaptar. Não digo, claro, subjugar-me a tudo, porque também queria manter a minha cultura e os meus hábitos e queria que as pessoas soubessem que eu não era italiano, que era português, mas é de um modo geral criar aqui um equilíbrio²³³.

(...) inicialmente, eles têm aquela perspetiva de não querer deixar a cultura deles ao abrirem-se à nossa e acho que muitos já perceberam que não é por o fazerem que vão perder a deles, porque a nossa cultura e as nossas origens é algo que nunca se perde, é algo que se leva para a vida, mas vamos começar a levar um bocadinho da dos outros que nos rodeiam, também é algo muito natural e acho que estes projetos ajudam nisso (...) É claro que quando toca a nacionalidades diferentes, as pessoas são sempre mais reticentes, mas em projetos como estes vai naturalmente acontecendo²³⁴.

No que diz respeito aos participantes imigrantes entrevistados, a opinião não parece divergir, conseguindo perceber-se ter sido este o comportamento adoptado pelos sujeitos na sua chegada a Portugal:

(...) eu tenho um grupo de mexicanos aqui, embora sejamos muito muito muito pouquinhos, mas sabe bem às vezes estar com pessoas que nos compreendem e que não temos que nos explicar, mas, por outro lado, quando se está num lugar novo, tem de se aproveitar as coisas diferentes que este lugar novo oferece e, para isso, tens de sair da tua zona de conforto e tens de conhecer e pôr-te por aí (...) eu estou fascinada, mesmo passado 5 anos aqui, eu continuo a perguntar “mas olha porque é que isto acontece aqui assim e no México é diferente” é uma constante aprendizagem e é um constante questionário e é isto que enriquece as culturas (...)²³⁵.

É importante para mim poder continuar a ter contacto com a minha cultura, até porque nós não nos podemos desconectar das pessoas no nosso país (...) mas é necessário envolvermo-nos na cultura portuguesa também, aprender algumas coisas que são importantes, é uma coisa boa (...) e mais

²³² Entrevista ao sujeito R2

²³³ Entrevista ao sujeito P4

²³⁴ Entrevista ao sujeito P3

²³⁵ Entrevista ao sujeito P5

tarde isto também nos ajuda a fazer parte da integração de outras pessoas que vêm do mesmo país que nós²³⁶.

Percebe-se assim que, na perspectiva de todos os entrevistados, tanto os referentes à sociedade de acolhimento como os que experienciaram um processo de imigração, a proposta intercultural é a mais elegível, na medida em que existe um equilíbrio na forma como os imigrantes devem gerir as suas identidades ao nível cultural, envolvendo-se de uma forma controlada no modo de vida e na cultura da sociedade de acolhimento ao mesmo tempo que mantêm alguns aspetos da sua cultura referente ao seu país de origem. Contudo, é interessante observar-se no discurso do participante imigrante identificado como sujeito P5 que, muitas das vezes, existe ainda uma grande necessidade destes indivíduos procurarem pelos seus semelhantes numa tentativa de se sentirem num ambiente mais seguro e confortável que, no fundo, os faça sentir mais próximos do seu país. Esta procura por ligações com outros imigrantes no país de acolhimento é ainda, de alguma forma, considerada por outro dos participantes imigrantes, o sujeito P6, que aborda a aprendizagem da cultura do país de acolhimento não só como algo importante para a sua integração mas também como uma vantagem para conseguir apoiar, posteriormente, a integração de outros imigrantes com os quais tenha um possível contacto. Era a este apoio que Papademetriou (2008:XXVII) se referia quando abordava a pré-existência de comunidades imigrantes já instaladas no país de acolhimento que proporcionam, frequentemente, “(...) a assistência na integração inicial dos recém-chegados”.

Salienta-se ainda a resposta dada pela entrevistada nomeada de sujeito P3, referente à sociedade de acolhimento, que observa que a gestão das identidades é mais facilmente aceite quando se dá às pessoas a oportunidade de interagirem por iniciativa própria e de, espontaneamente, aprenderem e adquirirem certas características culturais que antes lhes eram estranhas. A entrevistada menciona ainda a implementação de projetos como o Speak, como uma boa estratégia para que esta aprendizagem natural se suceda sem constrangimentos e livre de preconceitos étnicos e nacionalistas. Nesta linha, outros partilham da mesma opinião relativamente à existência de mais projetos como este:

É importante não só haver este tipo de projetos em que as pessoas têm a liberdade de escolher se querem participar, como também deviam ser incutidas e disseminadas iniciativas que valorizem a diversidade cultural no âmbito do mercado de trabalho (...) haver intercâmbios entre empresas ou sedes das empresas, organizarem-se workshops, dar a oportunidade das pessoas se conhecerem e adquirirem novos conhecimentos linguísticos e até mesmo haver diversidade na contratação dos funcionários e na chefia para de alguma forma se fomentar esta valorização da diversidade²³⁷.

²³⁶ Entrevista ao sujeito P6

²³⁷ Entrevista ao sujeito P4

(...) acho que faz todo o sentido continuar a trabalhar-se em oferecer e em fornecer e em criar espaços onde essa troca cultural possa existir de uma forma respeitosa e tolerante, mas sim, acredito que é nesta troca de culturas e nesta troca de visões que as pessoas ficam mais ricas, e se as pessoas ficam mais ricas, evidentemente também a sociedade e as culturas vão se tornando mais fortes²³⁸.

A diversidade na contratação de pessoal, visível no discurso do sujeito P4, tem sido já debatida em alguns estudos no âmbito da União Europeia, em particular, no campo da cultura e das organizações e instituições de cariz cultural. Num dos seus relatórios é, desta forma, defendido que para que estas instituições possuam uma devida compreensão das necessidades da sociedade, é fundamental que os seus recursos humanos sejam um reflexo da diversidade existente (União Europeia, 2014). Já relativamente à afirmação do sujeito P5, que relaciona a existente diversidade e troca cultural com o desenvolvimento das sociedades, poderá informar-se que, tal como foi apurado num relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, em 2004, esta associação não é assim tão linear, pois, na verdade, “Não existe uma relação clara, boa ou má, entre diversidade e desenvolvimento”²³⁹.

Ainda no que se refere à relevância da implementação de mais projetos como este, um dos imigrantes entrevistados, o sujeito P6, refere ter visto no Speak um bom exemplo, que o inspirou a querer ajudar outras pessoas na mesma situação que ele, tendo mesmo chegado a criar um grupo no Facebook que permite aos utilizadores criar uma rede de suporte que os apoie na procura por emprego em Portugal. Esta experiência fê-lo ainda perceber que “(...) as pessoas querem ter um trabalho, mas não querem aprender a língua, assim é muito difícil e, por isso, eu apoio muito o Speak por ter criado esta iniciativa”²⁴⁰.

3.2.3 Os impactos dos projetos (inter)culturais nos seus intervenientes e na subsequente integração/inclusão dos imigrantes e refugiados

Como já ficou elucidado, o grande objetivo do Speak passa, acima de tudo, não por proporcionar a aprendizagem de línguas, mas sim por apoiar a inclusão de imigrantes e refugiados através da promoção de momentos de partilha com a restante população, pois, nas palavras de Rita Brito e Faro, a ideia destas pessoas “(...) se encontrarem com um objetivo comum, num ambiente informal, em que culturas são partilhadas e valorizadas, é uma das formas mais eficazes de promover a inclusão social”²⁴¹. Com isto em mente, o Speak delineou dois objetivos que achou serem essenciais para se

²³⁸ Entrevista ao sujeito P5

²³⁹ “Relatório do Desenvolvimento Humano 2004: Liberdade Cultural num Mundo Diversificado”, disponível em: <http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2004-portuguese.pdf>

²⁴⁰ Entrevista ao sujeito P6

²⁴¹ Entrevista ao sujeito R2

atingir este propósito final: a aprendizagem da língua e a criação de redes de suporte, que posteriormente contribuiriam igualmente para colmatar outras dificuldades como por exemplo o acesso facilitado a empregos e a serviços essenciais²⁴².

Assim, e indo um pouco mais além, tentou perceber-se o impacto que a iniciativa teve não só nos participantes imigrantes entrevistados e na sua inclusão, mas também na pequena amostra de entrevistados referente à sociedade de acolhimento, isto é, de participantes portugueses. Esta análise faz sentido não só pelo papel que, como salienta Spencer (2008), a população de acolhimento tem na integração da população imigrante, mas também porque, tal como já foi referido, a participação da comunidade no projeto é, no ver dos seus responsáveis, fundamental, e irá ter um grande peso no alcance de resultados²⁴³. Neste sentido, importa perceber primeiro que tudo, tal como no projeto anterior, quais os obstáculos sentidos pelos imigrantes à sua inclusão e se os objetivos delineados e os impactos sentidos dão, de facto, resposta a estas dificuldades.

Decorrente da sua experiência de trabalho, Rita Brito e Faro identifica facilmente quais são as principais dificuldades com que este grupo populacional se depara:

Eu diria que os principais problemas que os refugiados enfrentam no processo de integração, os mais macro, pelo menos, eu diria que é o choque cultural e a barreira linguística e isso aliado, também, à falta de suporte que depois vai trazer bastantes outros problemas²⁴⁴.

Assim, e uma vez que a língua acaba por ser uma das principais barreiras à inclusão que o Speak pretende ajudar a contornar, é já de certa forma esperada que esta seja também uma das grandes dificuldades que os seus participantes mais sentem quando chegam a Portugal:

(...) achei que ia ser muito fácil aprender a língua e pronto, não foi, e quando isto acontece, uma pessoa começa a questionar-se a ela própria porque toda a gente diz “para ti, que falas espanhol, deve ser muito fácil” e eu “pois, devia ser muito fácil, mas não é” e então a pessoa começa a pensar, bem, se calhar sou eu que tenho algum impedimento de aprendizagem (...) ²⁴⁵.

A minha maior dificuldade foi a língua, sem dúvida. Eu comecei a aprender português devido a esta barreira, porque onde quer que vivas durante um longo período tens de tentar aprender a língua²⁴⁶.

Neste contexto, em entrevista, o Speak foi, sem dúvida, reconhecido pelos participantes como um fator-chave na superação desta adversidade:

²⁴² *Idem.*

²⁴³ *Idem.*

²⁴⁴ Entrevista ao sujeito R2

²⁴⁵ Entrevista ao sujeito P5

²⁴⁶ Entrevista ao sujeito P6

(...) melhorei as capacidades de comunicação oral e escrita. Obviamente, a prática da língua também trás outros benefícios, como aprender outras línguas, porque é inevitável no speak quando estás com participantes de todo o mundo. Acabas por aprender uma palavra em japonês, uma palavra em russo, uma palavra em árabe e pronto, esse tipo de pequenos pormenores que surgem sempre na troca de culturas²⁴⁷.

Para ser muito honesto, os buddies são espetaculares e muito úteis. Para as pessoas que não sabem a língua, é uma mais valia, pois a pronúncia é uma coisa muito importante no português (...) teve realmente um impacto na minha adaptação, pois fiquei mais habilitado a conversar e interagir com as pessoas e, principalmente, com os portugueses²⁴⁸.

Um dos imigrantes entrevistados (sujeito P5), revelou ainda dificuldades não só em criar a sua própria rede de suporte informal, mas também ao nível da auto-estima:

(...) no início, quando vim para Portugal, trabalhava em casa remotamente e, então, não tinha muitas oportunidades para sair e conhecer pessoas e começar a fazer o meu próprio círculo de amizades (...) e, por outro lado, foi o sentir-me um bocadinho como um peso (...) ²⁴⁹.

Tal como se pode observar no discurso do entrevistado, a criação de uma rede social de apoio é, neste sentido, de suma importância. No Speak, os participantes parecem ter tido a possibilidade de estabelecer ligações de amizade de uma forma bastante natural:

Bem, eu conectei-me com muitas pessoas, incluindo os buddies (...) Eu ainda tenho conexão com todas as pessoas que conheci através do projeto Speak²⁵⁰.

(...) inscrevi-me para ser buddy. Depois, disseram-me que iria uma espanhola dar as aulas comigo em espanhol, combinei encontrar-me com ela (...) e pronto, fui envolvendo-me cada vez mais e esta pessoa espanhola tornou-se uma das minhas melhores amigas e fizemos também um grupo de amizade com os portugueses que assistiam o curso (...) e fiz assim um grupo de amigas muito fixe, muito giro e moravam todas na mesma cidade que eu, em Leiria (...) ²⁵¹.

As facilidade em se estabelecerem ligações que o Speak proporciona, é ainda corroborada pelos participantes portugueses que admitem em entrevista continuar a manter contacto com pessoas de diferentes nacionalidades com as quais partilharam momentos:

²⁴⁷ Entrevista ao sujeito P5

²⁴⁸ Entrevista ao sujeito P6

²⁴⁹ Entrevista ao sujeito P5

²⁵⁰ Entrevista ao sujeito P5

²⁵¹ Entrevista ao sujeito P6

Sim, fiz várias amizades, fiquei com o contacto do pessoal dos grupos com o qual tive as aulas e, de vez em quando, falamos, fazemos uma chamadinha (...) e já lhes disse para virem a Portugal e ao Porto e que os recebo, e eles disseram o mesmo quando for à cidade onde estão ou ao país deles, que me recebem e nos encontramos, porque também é isso que o Speak faz, promover a amizade entre as pessoas²⁵².

Fiz, acima de tudo, muitos amigos e contactos sociais. As pessoas com quem estive no meu segundo grupo de línguas ainda falo com eles todas as semanas, alguns estão em Portugal, outros estão nos seus países (...) Falamos de coisas que já nada têm haver com o projeto (...) umas colegas de Londres até já me disseram que quando lá for fico com elas²⁵³.

Relativamente à auto-estima e apesar de os motivos variarem, as mudanças nos participantes imigrantes foram também notáveis:

(...) foi a primeira vez que eu participei como voluntária num projeto e esse sentimento de tornar-me uma pessoa útil, para mim, mudou tudo, porque comecei a sentir-me mais confiante na minha vida e a pensar que não estou aqui como um peso, estou aqui também a dar alguma coisa positiva para a sociedade e então comecei a emponderar-me e essa parte foi muito boa para mim²⁵⁴.

(...) como estou a aprender a língua portuguesa, novas palavras, novas expressões, quando saio à rua já não sinto nenhuma hesitação para perguntar às pessoas como é que me devo pronunciar, sinto-me mais confiante²⁵⁵.

Após as suas participações no Speak, tanto os participantes imigrantes como os portugueses salientam ainda a aquisição de novas competências a vários níveis. Atente-se ao discurso de alguns dos entrevistados:

Senti-me mais confiante e mais à vontade para conseguir ler algumas coisas dos documentos necessários para tratar das coisas da imigração, nunca na totalidade, mas já é algo bom²⁵⁶.

Adquiri novas competências, não só profissionais, como pessoais, a nível da comunicação, como ensinar, ganhar destreza e interagir com as pessoas e como saber lidar com realidades diferentes e respeitá-las. Foi bom²⁵⁷.

²⁵² Entrevista ao sujeito P4

²⁵³ Entrevista ao sujeito P3

²⁵⁴ Entrevista ao sujeito P5

²⁵⁵ Entrevista ao sujeito P6

²⁵⁶ *Idem.*

²⁵⁷ Entrevista ao sujeito P4

A nível profissional, aprendi muito sobre publicitar eventos e tentar chegar às pessoas através das redes sociais (...) Ao nível da capacidade de comunicação, também melhorei bastante, por exemplo, nas aulas online. Temos de ser muito efusivos para conseguir chegar às pessoas do outro lado e fazê-las também querer ouvir-nos (...) Não tenho também tanto medo de falar com as pessoas (...) desde que entrei para o speak tenho mais vontade de interagir e gosto em fazê-lo (...) Ajudou-me realmente bastante²⁵⁸.

Um dos participantes imigrantes entrevistados, durante a sua experiência no Speak, chegou mesmo a mudar-se para outra cidade e a fundar uma nova comunidade, tornando-se assim parte da equipa de embaixadores do projeto em Portugal. Com esta oportunidade, o sujeito admite ter ganho uma boa bagagem profissional:

(...) aprendi imenso e continuo a aprender todos os dias: gestão de voluntários, como criar eventos, como fazer emails para as pessoas e como fazer que as instituições tenham interesse no programa, ou seja, é aprendizagem por todos os lados, é uma coisa impressionante, é a maior escola que já tive. Tem sido muito satisfatório (...) ²⁵⁹.

Para além de tudo isto, este participante identificado como sujeito P5, admite ainda outras três dificuldades relacionadas com o que, já anteriormente, Rita Brito e Faro tinha identificado como choque cultural²⁶⁰. Estas diferenças culturais são observáveis pelo entrevistado:

- No âmbito social:

(...) nós mexicanos e, em geral, os países latino-americanos, somos mais calorosos e, portanto, somos muito de contacto físico e estamos habituados sempre a muitos abraços e muitos mimos, principalmente da parte da família e pronto, aqui não é assim e embora sejam dos países mais calorosos da Europa, mesmo assim não chega àquele nível de calorosidade a que estamos habituados (...) ²⁶¹.

(...) uma coisa mais banal era o facto de que a cumprimentar as pessoas eu tinha sempre muito stress e é uma coisa muito tonta porque eu ficava super nervosa. Por exemplo, quando chegava a uma festa, eu não percebia se tinha de cumprimentar todos com um beijinho ou ninguém, ou só um

²⁵⁸ Entrevista ao sujeito P3

²⁵⁹ Entrevista ao sujeito P5

²⁶⁰ Entrevista ao sujeito R2

²⁶¹ Entrevista ao sujeito P5

olhar geral (...) lembro-me que isso me causava muita, muita ansiedade, porque nós no México cumprimentamo-nos sempre, mas só com um beijinho, é mais prático (...) ²⁶².

- E no ambiente profissional:

(...) outra questão que me fez assim um bocadinho de choque cultural foi na parte do trabalho (...) porque eu vinha de um ambiente de trabalho em que as pessoas davam formações e havia um acompanhamento das pessoas que se integravam em novas empresas (...) e pronto, eu estava a espera que alguém me viesse explicar o que é que era preciso eu fazer e esse momento nunca chegou infelizmente e, obviamente, não existia aquele sentido de satisfação de estar no meu trabalho, existia sim uma frustração (...) depois, explicaram-me que é uma realidade na indústria portuguesa (...) e esta cultura empresarial foi um grande choque cultural sem dúvida ²⁶³.

Ainda que o sujeito P5 tenha apontado algumas características da cultura portuguesa que lhe tenham causado alguma incompreensão, o sujeito P6 afirma que, no seu caso, com exceção da língua, não existiram problemas a este nível, pois, na sua opinião, em Portugal, “A cultura é melhor que em qualquer outro país da Europa. Portugal é o país onde a minha família pode viver facilmente” ²⁶⁴.

Em entrevista, Rita Brito e Faro faz um apanhado geral do feedback dos participantes admitindo que, muitas das vezes, neste processo de aprendizagem e de troca cultural preconceitos são também quebrados:

(...) sem dúvida que os testemunhos são sempre de “hoje aprendi que nesta determinada cultura isto significa isto e eu nunca na vida imaginaria ou tinha esta opinião e deixei de ter” (...) saem muito mais ricas e quebram preconceitos e não estavam à espera disso ²⁶⁵.

Esta transformação na comunidade pode confirma-se através do discurso de um dos participantes portugueses entrevistado:

Apercebi-me que muitos dos estereótipos que nós temos e que se calhar eu também tinha, sobretudo com os brasileiros, não têm nada haver com a realidade. Aprendi que depende das pessoas e não das suas nacionalidades ²⁶⁶.

Com o intuito de depreender se os objetivos estariam ou não a ser alcançados e qual o impacto que o projeto estaria a ocasionar nos seus intervenientes, o Speak adoptou um modelo de avaliação por

²⁶² *Idem.*

²⁶³ *Idem.*

²⁶⁴ Entrevista ao sujeito P6

²⁶⁵ Entrevista ao sujeito R2

²⁶⁶ Entrevista ao sujeito P3

questionário que é enviado aos inscritos após a sua participação em, no mínimo, um dos grupo de línguas²⁶⁷. Este tipo de avaliação é, para além de interessante, extremamente importante, pois vem suprir uma das falhas encontradas nos últimos anos na avaliação de projetos culturais, onde se percebe que, a maioria das iniciativas culturais, têm efetuado avaliações de uma perspectiva pouco utilitária. Neste âmbito, a atenção tem recaído, sobretudo, nos *outputs*, e não nos *outcomes* dos projetos, ou seja, o desenho da avaliação tem tido em consideração maioritariamente questões relacionadas com o alcance e a qualidade das iniciativas ao invés de se tentar perceber o seu real impacto e quais as mudanças que as iniciativas trouxeram aos seus participantes (União Europeia, 2017).

Realçando esta prática avaliativa em entrevista, Rita Brito e Faro dá conhecimento de alguns dos resultados obtidos nos questionários relativamente aos objetivos delineados a curto prazo:

Ao fim de 12 semanas no Speak, 82% dos participantes melhoram o seu conhecimento de uma nova língua (...) 73% dos participantes faz pelo menos 1 novo amigo, dos quais 72% continuam a encontrar-se com estes amigos fora das atividades Speak. Para além disso, 45% dos participantes pediram ajuda a pessoas que conheceram no Speak²⁶⁸.

A longo prazo, a inclusão dos participantes é medida não só através do cumprimento destes dois objetivos, como também de um indicador: o sentimento de pertença à sociedade de acolhimento. Neste sentido, Rita Brito e Faro acrescenta que:

(...) 82% dos participantes no Speak aumentaram o seu sentimento de pertença à cidade onde vivem atualmente²⁶⁹.

Indo ao encontro deste resultado conseguido pelo Speak, encontra-se a resposta de um dos participantes entrevistados que afirma que, sem o apoio do projeto, a sua integração em Portugal não teria sido tão agradável:

Olhando um bocadinho para trás e analisando os anos que tenho aqui em Portugal, não tenho dúvida nenhuma que eu não teria continuado cá em Portugal se não tivesse sido pelo Speak, ou seja, se eu não tivesse encontrado o speak no meu caminho, eu duvido muito que em algum momento tivesse conseguido sentir-me bem e sentir-me integrada²⁷⁰.

²⁶⁷ Entrevista ao sujeito R2

²⁶⁸ *Idem.*

²⁶⁹ *Idem.*

²⁷⁰ Entrevista ao sujeito P5

3.3. Os fatores de sucesso para a implementação de projetos socioculturais de inclusão

Estas duas iniciativas analisadas são a prova real de que é possível implementar projetos inclusivos de cariz sociocultural com sucesso. No entanto, para que isto acontecesse, foi necessária uma certa atenção a determinados fatores, pois independentemente de qual o contexto em que estes projetos operem, quando se fala em projetos de inclusão subentende-se o trabalho com uma parte da população mais fragilizada que requer por parte dos profissionais que com eles trabalham, algumas competências específicas. Para além disto existem ainda certos caminhos a seguir que se percebem fundamentais para pôr de pé estes projetos, principalmente no tratamento de questões de caráter migratório.

Para começar, ambas as gestoras referentes aos dois projetos analisados, mencionaram em entrevista ser essencial ouvir-se o público-alvo dos projetos e quais os seus problemas não se tirando, assim, logo à partida, conclusões precipitadas. Como diz Francisca Gorjão “(...) em vez de se querer dar a resposta sem se fazer a pergunta é fundamental fazer-se a pergunta”²⁷¹, ao qual Rita Brito e Faro remata neste sentido e em consonância ser essencial “(...) ouvir, fazer perguntas e não saltar para conclusões”.²⁷² Tudo isto é também defendido por representantes de outros projetos como é o caso de Filipa Bolotinha que, em entrevista à Acesso Cultura, reconhece ter que se “(...) trabalhar directamente com os participantes na procura das melhores estratégias de intervenção”, ou seja, o projeto é assim delineado não apenas para estas pessoas mas com a sua ajuda (Acesso Cultura, 2017:24).

Neste âmbito, a gestora do Speak revela ainda que a atenção dada às particularidades do grupo beneficiário embora seja importante em qualquer tipo de projetos, torna-se ainda mais necessária naqueles em que se trabalha com pessoas de diferentes culturas das quais se desconhece muitas das vezes o contexto e as realidades que as envolvem²⁷³. Com isto, e embora o contexto sociocultural destas pessoas seja importante para o desenho do projeto e dos seus objetivos, Francisca Gorjão refere que não se deve diferenciá-las do resto da população e encará-las com base nas suas diferenças grupais, isto é “(...) não olhar para as pessoas como eles e o outro”²⁷⁴. Para além disto, é ainda fundamental perceber-se a origem dos seus comportamentos e tentar ao máximo separar-se o que é motivado pela sua conjuntura cultural e o que é, simplesmente uma postura individual marcada por questões de nível pessoal, pois de acordo com Francisca Gorjão:

(...) às vezes as pessoas fazem uma coisa não porque são sírios de Aleppo mas porque elas próprias é que são assim e há uma tendência muito grande de olhar para os tais beneficiários como grupos

²⁷¹ Entrevista ao sujeito R1

²⁷² Entrevista ao sujeito R2

²⁷³ *Idem.*

²⁷⁴ Entrevista ao sujeito R1

homógeneos (...) pessoas que vieram da mesma cidade, que tiveram que fazer o mesmo percurso para cá chegar são efetivamente duas pessoas completamente distintas (...)²⁷⁵

Rita Brito e Faro salienta ainda que os fatores “reciprocidade” e “emponderamento” estão interligados e devem ser tidos em consideração no planeamento de qualquer projeto que pretenda integrar um grupo mais fragilizado²⁷⁶. Nas palavras da gestora, o Speak é um bom exemplo disto:

(...) ao invés de termos uma solução que funciona apenas num sentido e em que temos a comunidade local a assumir aquilo que são as prioridades de integração destas pessoas e a dar as aulas temos um projeto em que damos também espaço aos imigrantes e aos refugiados para darem também as aulas e serem eles próprios a mostrarem o valor que podem trazer à nova comunidade e desta forma estamos a emponderá-los e a fazer com que eles façam parte do seu próprio processo de integração (...)²⁷⁷

Esta noção é também partilhada num dos relatórios da União Europeia que reconhece que, em contextos migratórios, a participação ativa e igualitária por parte da população beneficiária do projeto e da restante comunidade é, de facto, um fator essencial para a consideração de uma boa prática (European Union, 2017).

Ademais, no que toca à consecução de boas práticas na implementação e capacitação deste tipo de projetos, é também importante, no ver de Francisca Gorjão, a atenção a outro detalhe: a questão da sustentabilidade. E em que termos? A resposta é de fato interessante. De acordo com a responsável do Mezze: “É aquela típica expressão de *não dê o peixe dá a cana*”, ou seja, os apoios iniciais são importantes na sustentação de qualquer projeto, mas após ultrapassada a fase inicial é bom que este se sustente sozinho e que os participantes tenham a capacidade de dirigi-lo adequadamente para que continue tudo a funcionar neste sentido²⁷⁸. Tome-se o Mezze como modelo:

O nosso projeto beneficia muito de ser um projeto autossustentável e portanto não estamos dependentes de apoios, foi necessário no início para a arrancar mas a partir do momento em que abrimos portas conseguimos pagar os custos (...) é evidente e há projetos mais assistencialistas e terá sempre que haver de alguma forma mas se podermos encontrar um projeto não assistencialista é melhor.²⁷⁹

Para finalizar, considera-se o conselho deixado por Rita Brito e Faro que é sobre “(...) o *traid-off* entre manter o foco e ser flexível (...)”. Com isto, a gestora explica a importância que tem os

²⁷⁵ *Idem.*

²⁷⁶ Entrevista ao sujeito R2

²⁷⁷ *Idem.*

²⁷⁸ Entrevista ao sujeito R1

²⁷⁹ *Idem.*

responsáveis por este tipo de projetos terem a capacidade de se ir adaptando às circunstâncias que vão, muitas das vezes aparecendo, sem que para isso tenham de largar por completo o foco do projeto²⁸⁰. Rita dá ainda uma demonstração desta situação mediante a sua experiência com o Speak:

(...) nós estávamos mega focados a organizar grupos para pessoas que vivem na mesma cidade e que nós queríamos que construíssem relações entre si pois é essa a proposta de valor do speak, e portanto queríamos manter esse foco e de repente o aparecimento do covid-19 não permite que nós façamos isto e nós aí temos de decidir ok se calhar isto não tem haver com perder o foco, tem haver com ser flexível, não vamos deixar de ajudar estas pessoas vamos fazer o melhor que podemos nestas circunstâncias que é ligar pessoas online mesmo que não sejam da mesma cidade.²⁸¹

A importância desta questão é aparentemente partilhada por outros profissionais que lhe fazem referência. Em entrevista à Acesso Cultura, David Fleming, conhecido pelo seu trabalho na área museológica e, em particular na luta pela inclusão, aborda isto mesmo, assumindo que ao longo dos seus anos de trabalho teve, frequentemente, de superar certos contratemplos que iam no decurso das iniciativas, alterando os resultados finais. De acordo com o intelectual deve, sem dúvida, fazer parte de uma boa prática “Estar aberto e preparado para mudar” (Acesso Cultura, 2017:57). Para além disto, Nicole van Dijk, conhecida igualmente no âmbito da museologia, acrescenta ainda que em várias situações as pessoas envolvidas nos projetos pretendem/precisam, com a execução do projeto, de obter diferentes coisas e que, por isso mesmo tudo deve estar em aberto devendo “(...) existir sempre uma ligação entre o que se pretende alcançar como profissional (...) e o que as pessoas com quem estamos a trabalhar querem alcançar” (Acesso Cultura, 2017:64).

Como se observa, são ainda alguns os cuidados e/ou escolhas que se recomenda ter em atenção no decurso de iniciativas como estas. Não obstante, e concluindo-se que todos estes conselhos se baseiam na experiência anterior destes profissionais, a prática é, sem dúvida, a melhor forma de se aprender e se desenvolver o leque de competências necessário porque, na realidade e ainda que muitos destes conselhos sejam amplamente aplicáveis a qualquer modelo de projeto, cada caso é um caso único e é no terreno que tudo acontece.

²⁸⁰ Entrevista ao sujeito R2

²⁸¹ *Idem.*

3.4. Discussão de Resultados

3.4.1 Resultados da 1ª questão de investigação

Quadro 3.1 – Comparação dos dois projetos relativamente à 1ª questão de investigação

<p>Questão: De que modo estes projetos foram implementados e de que forma abordam a inclusão dos imigrantes e refugiados?</p> <p>Bloco temático abordado: A caracterização dos projetos e a sua implementação</p>	
Projeto Mezze	Projeto Speak
Data de Início: 2017	Data de Início: 2014
Localização: Lisboa	Localização: 22 cidades espalhadas por Portugal e pelo resto do Mundo
Categorização formal: Restaurante de comida do Médio Oriente	Categorização formal: Projeto de Ensino e Aprendizagem de Línguas
Origem Motivacional: De uma conversa dos fundadores com uma imigrante Síria e de uma motivação pessoal derivada do cenário mundial migratório instável e controverso que se vivia à data.	Origem Motivacional: Sensibilização dos fundadores relativamente à temática da integração migratória derivada das suas experiências a nível pessoal.
Promove: A inclusão de imigrantes e refugiados do Médio Oriente, integrando-os no mercado de trabalho e proporcionando-lhes a oportunidade de darem a conhecer parte da sua identidade cultural.	Promove: A inclusão de imigrantes e refugiados através de uma conexão e de um intercâmbio linguístico e cultural com a comunidade de acolhimento.
Público-Alvo: Imigrantes e refugiados enquanto participantes e a população geral enquanto clientes.	Público-Alvo: Imigrantes e refugiados e toda a restante população geral.
Número de Intervenientes: 3 responsáveis e uma equipa de colaboradores (participantes) que vai variando entre 12 pessoas a 20 pessoas de cada vez.	Número de Intervenientes: Equipa central constituída por 10 pessoas; franchisings em 22 cidades que detêm, cada um, 2 pessoas em média na equipa; 30000 participantes.
Captção do Público: Os imigrantes e refugiados são captados através de parcerias com instituições e através do conhecido <i>boca a boca</i> . Este tipo de comunicação, a par das redes sociais e dos media, é também o utilizado para conseguir clientes.	Captção do Público: Alguns imigrantes e refugiados são captados através de parcerias com instituições enquanto os restantes participantes são alcançados através das redes sociais e media.
Parcerias e Apoios: Instituições de apoio a imigrantes e refugiados; associações sociais e culturais; instituições turísticas; fundações mutualistas; entre outros.	Parcerias e Apoios: Instituições de apoio a imigrantes e refugiados; fundações mutualistas; associações sociais e culturais; associações escolares e instituições de ensino; espaços culturais; instituições hoteleiras como bares, restaurantes e hotéis; entre outros.
Objetivos delineados: A longo prazo: facilitar a integração e a inclusão destes indivíduos na sociedade de acolhimento, proporcionando-lhes um trabalho, valorizando a sua herança cultural e produzindo uma mudança de mentalidade na comunidade.	Objetivos delineados: A curto prazo: facilitar aos imigrantes e refugiados a aprendizagem da língua do país de acolhimento e promover a criação de uma rede de suporte informal; a longo prazo: promover a inclusão destes indivíduos através da formação de um sentimento de pertença à comunidade.
Dificuldades de execução: Questões de caráter	Dificuldades de execução: O modelo de gestão

cultural como a dificuldade de comunicação decorrente de barreiras linguísticas e incompreensões relativas à cultura de trabalho e conduta civil portuguesa.	de crescimento empregue não se demonstrava vantajoso e, a dada altura, com o aparecimento da Covid-19 o modelo de aulas offline era também impraticável.
Reformulações sofridas: Não sofreu até à data reformulações.	Reformulações sofridas: O modelo de gestão de crescimento foi alterado para um modelo de <i>franchising</i> e o modelo de aulas passou de offline para online.
Ambições futuras: Levar o Mezze a outras partes do país e capacitar mais gente.	Ambições futuras: Ter, até 2025, comunidades Speak em 100 cidades.

Fonte: Autoral com base na análise das entrevistas.

Neste bloco temático foram dados a conhecer os projetos, o seu processo de implementação e de que forma pretendiam trabalhar a inclusão dos imigrantes e refugiados.

Após a sua consecução concluí-se que neste âmbito os projetos tiveram uma origem motivacional semelhante, baseada em experiências relacionadas com o processo migratório, dos fundadores do projeto ou de pessoas ligadas aos fundadores dos projetos. Além do mais, estes projetos são ambos muito mais complexos do que aparentam ser, usando-se de formatos acessíveis e do interesse da comunidade geral – como restaurantes e plataformas de aprendizagem de línguas - para trabalhar a inclusão de imigrantes e refugiados, ajudando-os a aproximarem-se da comunidade através de um intercâmbio e valorização da sua diversidade cultural. Ainda assim atente-se que, neste caso, o Mezze tem em consideração a integração no Mercado de trabalho, algo que o Speak não providência de forma direta.

Relativamente ao público-alvo, enquanto no Mezze este se subdivide entre os imigrantes e refugiados enquanto possíveis colaboradores e a restante população enquanto consumidores, no Speak o público-alvo, ou seja, os participantes no geral, são tanto os imigrantes e refugiados como toda a restante população, ou seja, não existe uma diferenciação, o que, como já foi referenciado pode ser considerado como uma mais-valia. Sobre a forma como estes captam o seu público, as evidências apresentam-se idênticas, tendo as parcerias, os media e as redes sociais assumido-se de extrema importância na divulgação do projeto. Neste âmbito a única exceção surge no projeto Mezze em que a comunicação conhecida por *boca-a-boca* se mostrou de grande utilidade.

Já as parcerias e os apoios foram importantes em ambos os projetos servindo não só para a captação do público, como também para a disponibilização de apoios financeiros e materiais. Aqui o Speak ganha notoriedade por se apresentar como o projeto que mais investiu nos seus parceiros, dado que abrange um grande formato de entidades.

Na sua dimensão, o Speak apresenta não só uma equipa maior como conseguiu um alcance de público igualmente superior comparativamente ao Mezze, derivado não só dos seus anos de atividade, mas também porque apresenta um modelo de crescimento baseado em *franchisings* que permite a

qualquer participante fundar uma nova comunidade. A isto acrescenta-se o facto de, atualmente, com as aulas online, se conseguir chegar a um número de participantes bastante mais vasto e disperso.

O Speak exhibe ainda uma delineação muito mais minuciosa dos objetivos, tendo chegado mesmo a definir o que pretendia alcançar a curto prazo, ao contrário do Mezze que detém um método de trabalho bastante mais orgânico.

É também interessante perceber-se que as dificuldades encontradas são bastante diferentes de um projeto para o outro. Enquanto no Mezze estas passaram por questões de caráter cultural, no Speak foram única e exclusivamente de foro administrativo. Esta diferença talvez se deva ao registo de negócio mais familiar apresentado pelo Mezze, onde existe um contacto mais próximo dos responsáveis com os participantes e logo aí, decorrente deste contacto, outras questões mais particulares do contexto cultural dos participantes vão surgindo e conhecendo-se, ao contrário do Speak em que, praticamente, tudo é tratado através da sua plataforma online, não havendo tanto a necessidade deste contacto direto da equipa com os participantes. Rita Brito e Faro dá conta deste processo proferindo que “Os buddies inscrevem-se na plataforma e depois nós às vezes é que temos contacto direto com eles (...)”²⁸². Salienta-se ainda que o Mezze insere os seus participantes diretamente no mercado de trabalho, o que também exige uma determinada atenção a outras questões de âmbito legal que podem sempre gerar novas dificuldades.

Em referência às reformulações do projeto constata-se que o Speak, ao contrário do Mezze, foi sofrendo, ao longo do tempo, algumas reformulações derivadas dos problemas anteriormente encontrados. No Mezze este não foi um procedimento necessário dado que todas as dificuldades encontradas eram pontualmente resolvidas.

Ambos detêm ambições futuras parecidas, ligadas ao crescimento, sendo que o Speak apresenta um plano futuro mais objetivo e, de certa forma, mais ambicioso.

Resposta à questão colocada: Após esta análise consegue entender-se não só grande parte do processo de implementação pela qual os projetos passaram como também que, foi através da criação de formatos simples e interessantes ao público que estes chegaram à comunidade, tanto imigrante como de acolhimento, definindo uma missão, visão e objetivos que promovam o envolvimento de toda a população, valorizando o diálogo e a diversidade cultural existente.

²⁸² Entrevista ao sujeito R2

3.4.2 Resultados da 2ª questão de investigação

Quadro 3.2 – Comparação dos dois projetos relativamente à 2ª questão de investigação

<p>Questão: Qual é o modelo de integração da diversidade cultural implementado nos projetos? Será a abordagem intercultural e a valorização da diversidade cultural a melhor forma de incluir os indivíduos imigrados na sociedade de acolhimento?</p> <p>Bloco temático abordado: A cultura e a Interculturalidade como modelo de integração/ inclusão e de valorização da diversidade cultural</p>	
Projeto Mezza	Projeto Speak
<p>Identidade cultural é demonstrada através da: Experiência gastronómica; livros disponibilizados; dos diversos workshops e eventos culturais realizados.</p>	<p>Identidade cultural é demonstrada através da: Aprendizagem de línguas; dos diversos workshops e eventos culturais realizados.</p>
<p>Experiência gastronómica: Cozinha do Médio Oriente, em particular, Síria e Marroquina.</p>	<p>Aprendizagem de línguas: Cerca de 20 línguas.</p>
<p>Workshops e eventos culturais: Workshops gastronómicos; conversas e debates temáticos; jantares temáticos solidários; concertos; leitura de obras literárias populares; entre outros.</p>	<p>Workshops e eventos Culturais: Intercâmbios linguísticos e culturais; dinâmicas e jogos variados; viagens; passeios; refeições temáticas; workshops gastronómicos, <i>workshops</i> de artes plásticas, dança de relaxamento; entre outros.</p>
<p>Multiculturalismo vs Interculturalismo: A responsável do projeto entrevistada conhece os dois modelos teóricos de integração e reconhece o Interculturalismo como o modelo empregue.</p>	<p>Multiculturalismo vs Interculturalismo: A responsável do projeto entrevistada conhece os dois modelos teóricos de integração e reconhece o Interculturalismo como o modelo empregue.</p>
<p>Características interculturais do projeto: Espaço seguro de encontro; interação; diálogo e partilha cultural.</p>	<p>Características interculturais do projeto: Espaços seguros de encontro; interação entre culturas; diálogo e partilha cultural; significação das semelhanças e não apenas das diferenças.</p>
<p>Manutenção das identidades dos imigrantes: Tanto a responsável pelo projeto, como os clientes e os próprios imigrantes entrevistados apontaram ser importante, nestes casos, manter-se um equilíbrio entre o contacto com a cultura de origem e o envolvimento na cultura do país de acolhimento.</p>	<p>Manutenção das identidades dos imigrantes: Tanto a responsável pelo projeto, como os clientes e os próprios imigrantes entrevistados apontaram ser importante, nestes casos, manter-se um equilíbrio entre o contacto com a cultura de origem e o envolvimento na cultura do país de acolhimento.</p>
<p>Projetos inclusivos de cariz intercultural: Os entrevistados referem a importância de haver mais projetos como estes sendo que um chega mesmo a chamar a atenção para a necessidade de se implementarem estes projetos fora dos centros urbanos.</p>	<p>Projetos inclusivos de cariz intercultural: Os entrevistados assumem a importância de existirem mais projetos iguais sendo que um deles vai mais além, acrescentando que esta valorização da diversidade cultural devia ter-se em consideração não só através da implementação de projetos como também no domínio profissional, como por exemplo na contratação de recursos humanos.</p>

Fonte: Autoral com base na análise das entrevistas.

A cultura identitária é abordada em ambos os projetos de forma indiscriminada, ainda que no Mezza o foco seja a gastronomia e no Speak a língua, acabam por ser inconscientemente partilhados muitos mais elementos culturais do que estes. De facto, existem mesmo parecenças no que toca a alguns dos

eventos e workshops realizados pelas duas iniciativas, tais como: os workshops gastronômicos, as refeições temáticas, entre outros. No entanto, enquanto no Mezze os eventos realizam-se em menor número e a maioria são realizados no seu próprio espaço, no caso do Speak os eventos dispersam por vários espaços concedidos pelos parceiros do projeto envolvendo, ainda mais, a comunidade.

Relativamente aos modelos teóricos de integração da diversidade existentes, ambas as responsáveis entrevistadas demonstram ter um conhecimento prévio destes, das suas diferenças e das suas semelhanças e reconhecem que o modelo que melhor se adequa aos projetos é o Interculturalismo. São assim perceptíveis certas características interculturais nos projetos, não só pelas responsáveis mas também na própria análise construída. Existem características comuns aos dois projetos, como: a existência de um espaço de encontro seguro; a interação; o diálogo; a partilha cultural e depois, foi também possível dar conta no discurso dos participantes entrevistados do projeto Speak a existência de outra característica: a exaltação das semelhanças existentes entre as culturas e não apenas das diferenças.

No geral, em ambos os projetos, todos os entrevistados independentemente da sua posição relativamente ao projeto (responsável, cliente/participante referente à sociedade de acolhimento, participante imigrante), responderam positivamente em relação à necessidade de uma intermediação da identidade cultural por parte de pessoas que tenham passado por processos migratórios, ou seja, que realmente e embora essa postura vá depender de pessoa para pessoa, seja positivo as pessoas manterem certos traços culturais que lhes são característicos sem, ainda assim, deixarem de se envolver na cultura do novo país onde se encontram.

Neste âmbito e do ponto de vista da inclusão, os entrevistados de ambos os projetos vêem nestas iniciativas uma boa prática, admitindo que devam existir mais, sendo que no Mezze um dos entrevistados chama a atenção para a necessidade de existirem mais projetos destes em zonas mais periféricas ou interiores do país, enquanto um dos entrevistados do Speak refere que a promoção destas práticas deve também ser incrementada na cultura de trabalho.

Resposta à questão colocada: O modelo de gestão da diversidade implementado nos projetos é, sem margem para dúvidas, o modelo Intercultural. Ainda que não se possa afirmar nada com certezas absolutas, esta análise deixa já algumas pistas relativamente à real importância que a abordagem intercultural e a valorização da diversidade poderão ter na inclusão destas minorias. Prova desta imagem otimista são todas as características positivas que se concluí que este modelo providência aos projetos, o agrado dos participantes e clientes entrevistados relativamente a estes elementos e as suas opiniões positivas no que se refere à aplicação do modelo intercultural na manutenção das identidades.

3.4.3 Resultados da 3ª questão de investigação

Quadro 3.3 – Comparação dos dois projetos relativamente à 2ª questão de investigação

<p>Questão: Existem obstáculos de âmbito cultural e social que dificultem a integração e inclusão dos imigrantes e refugiados na sociedade portuguesa? Que impacto têm estes projetos na eliminação desses obstáculos e na promoção da inclusão junto destes indivíduos?</p> <p>Bloco temático abordado: Os impactos dos projetos (inter)culturais nos seus intervenientes e na subsequente integração/inclusão dos imigrantes e refugiados</p>	
Projeto Mezza	Projeto Speak
<p>Recapitulando os objetivos: Facilitar a integração e a inclusão destes indivíduos na sociedade de acolhimento, proporcionando-lhes um trabalho, valorizando a sua herança cultural e produzindo uma mudança de mentalidade na comunidade.</p>	<p>Recapitulando os objetivos: Promover e apoiar a inclusão destes indivíduos através do desenvolvimento de um sentimento de pertença à comunidade e facilitando-lhes a aprendizagem da língua do país de acolhimento e a criação de uma rede de suporte informal.</p>
<p>Dificuldades de integração dos imigrantes do ponto de vista da responsável: A língua; a entrada no mercado de trabalho; a inexistência de uma rede apoio e o preconceito.</p>	<p>Dificuldades de integração dos imigrantes ponto de vista da responsável: O choque cultural; a barreira linguística e a falta de suporte.</p>
<p>Dificuldades de integração do ponto de vista dos participantes imigrantes: A certificação de habilitações; a língua de acolhimento; a entrada para o mercado de trabalho e a articulação com as organizações portuguesas.</p>	<p>Dificuldades de integração do ponto de vista dos participantes imigrantes: A língua; a falta de uma rede de suporte informal; a falta de auto-estima (sensação de inutilidade) e o choque cultural.</p>
<p>Avaliação feita pelos responsáveis: Não foram feitas avaliações do ponto de vista da inclusão, mas sim do desempenho dos participantes enquanto colaboradores. Esta avaliação foi feita através de um debate entre colaboradores e responsáveis com o apoio de uma grelha de perguntas. As plataformas online de avaliação do consumidor têm também um grande impacto nesta avaliação.</p>	<p>Avaliação feita pelos responsáveis: Modelo de avaliação por questionário com resultados bastante satisfatórios: após a frequência num grupo de línguas 82% dos participantes melhoraram a língua; 73% fez novos amigos e 82% aumentaram o sentimento de pertença à cidade onde vivem.</p>
<p>Impactos e mudanças positivas sentidas pelos participantes imigrantes: Na língua; na articulação com entidades portuguesas e no tratamento de questões burocráticas; na entrada para o mercado de trabalho; na confiança e auto-estima; e na aquisição de novas competências ao nível da comunicação e do desempenho no trabalho e na formação de novas amizades.</p>	<p>Impactos e mudanças positivas sentidas pelos participantes: Na língua; na auto-estima e confiança; na formação de novas amizades; novas competências ao nível da comunicação e de desenvoltura a nível profissional; e no tratamento de questões burocráticas relacionadas com a imigração.</p>
<p>Impacto na comunidade de acolhimento: Desmistificação de preconceitos.</p>	<p>Impacto na comunidade de acolhimento: Desmistificação de preconceitos.</p>
<p>Impacto geral na integração/inclusão destes indivíduos: Os imigrantes entrevistados demonstram que a sua entrada para o projeto foi, de fato, um grande apoio para a sua integração/inclusão na sociedade de acolhimento.</p>	<p>Impacto geral na integração/inclusão destes indivíduos: Os imigrantes entrevistados demonstram que a sua entrada para o projeto foi, de fato, um grande apoio para a sua integração/inclusão na sociedade de acolhimento.</p>

Fonte: Autoral com base na análise das entrevistas.

Em ambos os projetos as responsáveis entrevistadas parecem ter uma noção fundamentada dos obstáculos à integração que os imigrantes sentem num novo país. As opiniões de cada uma das entrevistadas parecem ainda ir de encontro não só às reais dificuldades experienciadas pelos participantes imigrantes como também aos objetivos do projeto em que estão inseridas. Isto demonstra que o delineamento dos objetivos foi cautelosamente pensado de forma a corresponder à realidade que estes indivíduos vivenciam durante o seu processo de integração e que, de certa forma, precisa de ser favoravelmente alterada.

Já a atenção dada à avaliação dos objetivos definidos vê-se diferente de um projeto para outro. Enquanto no Mezze não existiu, por parte dos responsáveis, uma avaliação ou medição do impacto e das mudanças nos participantes relativas à integração e inclusão que se tinham proposto a apoiar, o Speak, por outro lado, dá conta da importância de se avaliar e medir impactos aplicando um questionário em todos os participantes após a sua frequência num grupo de línguas de 12 semanas.

Após a condução de entrevistas aos participantes dos dois projetos e da sua respetiva análise depreende-se que, em ambos os projetos, estes admitem terem sentido mudanças e impactos a vários níveis e que, estes impactos vão não só de encontro às dificuldades e obstáculos sentidos por eles no âmbito da sua integração como também dos objetivos definidos para os projetos. Isto serve igualmente para a transformação e o impacto ocasionado nos participantes e clientes pertencentes à sociedade de acolhimento.

Ainda no que diz respeito a estas mudanças e impactos sentidos pelos participantes entrevistados importa salientar que, o Mezze consegue apoiar estes indivíduos em algo fundamental que o Speak, também por não fazer parte dos seus objetivos, não consegue: a inserção no mercado de trabalho. Além do mais, no geral, os entrevistados de ambos os projetos apontam que a sua participação nas iniciativas foi bastante importante e benéfica para o seu bem-estar e para a sua integração em Portugal.

Resposta à questão colocada: Existem sim certas dificuldades e obstáculos à integração que os imigrantes e refugiados sentem durante o seu processo de habituação à sociedade portuguesa, são estas: a articulação com as organizações portuguesas; a certificação de habilitações; a entrada para o mercado de trabalho; a falta de auto-estima (sensação de inutilidade); a inexistência de uma rede de suporte informal; a língua; o choque cultural e o preconceito. Desta forma, os projetos apresentam de um modo geral impactos benéficos em praticamente todos estes níveis fazendo-os sentir, a longo prazo, mais incluídos no novo país.

3.4.4 Resultados da 4ª questão de investigação

Quadro 3.4 – Comparação dos dois projetos relativamente à 2ª questão de investigação

Questão: Quais são os fatores de sucesso a ter em consideração na implementação deste tipo de projetos?
Bloco temático abordado: Os fatores de sucesso para a implementação de projetos socioculturais de inclusão
Fatores-chave de acordo com as duas responsáveis entrevistadas
1. Não se tirar conclusões precipitadas ouvindo-se o público-alvo e tendo-se em conta os seus pontos de vista no desenho dos projetos.
2. Não julgar ou diferenciar o público-alvo relativamente à restante população.
3. Saber separar-se os comportamentos derivados de questões pessoais e da individualidade da pessoa de questões decorrentes do seu contexto cultural.
4. Sempre que possível, é bom que o projeto seja auto-sustentável.
5. Saber manter-se o foco mas, ainda assim, ser-se flexível quando necessário.
6. Os fatores de reciprocidade e emponderamento devem sempre fazer parte do desenho e da metodologia do projeto.

Fonte: Autoral com base na análise das entrevistas.

Resposta à questão colocada: Em entrevista, ambas as responsáveis apontaram, cada uma, dois ou três fatores-chave que acham ser essencial ter-se em consideração na implementação deste formato de projetos e que, após uma análise e devido agrupamento se refletiram nestes 6 pontos.

Conclusão

Esta investigação reflectiu sobre a importância e a influência que os projetos culturais de âmbito Intercultural poderão ter na gestão da realidade migratória nas sociedades atuais e no combate às dificuldades e obstáculos que se têm vindo a observar na integração e inclusão dos indivíduos que passam por estes processos migratórios, sejam esses obstáculos sentidos tanto ao nível cultural, como ao nível social.

Com esse objetivo, analisaram-se dois projetos culturais que se afirmam como vocacionados para a inclusão de imigrantes e refugiados e de cariz Intercultural, com origem portuguesa, que têm vindo a ganhar algum destaque nos últimos anos pelas suas formas de atuação inovadoras: o projeto “Mezze – Cozinha do Médio Oriente” e o projeto “Speak Social”. Assim, e através da realização de entrevistas aos seus responsáveis e a alguns dos seus participantes / clientes e da sua respetiva análise, conseguiu-se, em síntese:

1. Conhecer os projetos, os seus processos de implementação e as suas principais características. Aqui pode destacar-se a percepção da importância que as parcerias tiveram não só como alavanca financeira, mas também na angariação de participantes, de espaços e de materiais. Percebeu-se, igualmente, o papel de peso que os projetos propiciaram à comunidade, tornando-a num agente ativo de inclusão destas minorias no tecido social português.

2. Outro ponto fundamental da análise respeitou à forma como a cultura foi abordada e se esta abordagem tivera por base a Interculturalidade. Neste ponto, depreendeu-se que a cultura foi abordada numa perspetiva identitária, onde a promoção da sua valorização foi ponto de partida para um diálogo e uma troca entre pessoas com distintos *backgrounds* culturais. Estas trocas, entre outras características explícitas no projeto, evidenciam, sem margem para dúvidas, a existência de uma abordagem com ênfase na Interculturalidade. As opiniões expressas pelos entrevistados são também bastante positivas relativamente a esta abordagem de um ponto de vista da manutenção das identidades e da integração da diversidade, em particular, através de projetos e iniciativas culturais.

3. Através das entrevistas aos participantes, foi possível adquirir também algum conhecimento sobre as dificuldades que os indivíduos imigrados experienciaram durante o seu processo de integração, particularmente no âmbito social e cultural, e de como estes projetos se encontravam alinhados e tiveram em conta estas dificuldades, conseguindo, de uma forma geral, colmatá-las e, desta forma, ajudá-los a sentirem-se mais integrados e incluídos no novo país que os acolheu e onde vivem.

4. Por último, percebeu-se que todos os projetos culturais de inclusão, quer contemplem pessoas imigrantes ou outras, e com ou sem uma abordagem intercultural, devem ter em consideração certos fatores-chave para alcançarem o sucesso e se mostrarem eficazes.

Todos estes dados, que foram conseguidos na tentativa cumprida de encontrar respostas aos objetivos secundários definidos para a pesquisa que foi realizada, possibilitaram uma conclusão mais fundamentada relativamente à pergunta de partida: É a implementação de projetos de cariz (inter)cultural uma mais valia para o processo de inclusão dos imigrantes e refugiados?

Poderá, de acordo com o estudo concretizado, apontar-se a esta questão uma resposta afirmativa, pois todos estes dados permitem deduzir que este formato de projetos, com base num modelo de integração da diversidade, quando bem aplicado e explorado, como no caso dos projetos analisados, consegue proporcionar certas transformações positivas, tanto na comunidade de acolhimento como nos imigrantes e, posteriormente, auxiliar e levar à sua efetiva inclusão. Acrescenta-se ainda que estes projetos que valorizam a diversidade cultural, não só se apresentam eficazes, como, de acordo com a pequena amostra de entrevistados, são ainda bem recebidos pela comunidade de acolhimento. Os resultados sugerem, portanto, que o investimento em projetos desta natureza apresenta-se como uma aposta viável e apelativa.

Como limitações deste trabalho, assinala-se o facto de que esta investigação se fundamenta apenas em dois casos de estudo e numa amostra reduzida de entrevistados, sendo por isso importante ter-se em consideração que os resultados da análise à informação recolhida, ainda que valiosos para o âmbito do estudo e para futuras abordagens à implementação de projetos culturais de integração e inclusão de imigrantes e refugiados, não poderão ser entendidos como totalmente representativos de um universo mais vasto. Isto acontece porque todas as respostas dos entrevistados partem das suas vivências individuais e opiniões pessoais e essas não poderão ser percecionadas como algo generalizado. Ainda que, de certa forma, inevitável, inicialmente considerou-se ser possível colmatar esta limitação através da definição de uma amostra representativa, concomitantemente significativa e rica em perspectivas, entrevistando-se um número considerável de participantes e tentando-se, inclusivamente, que estes se apresentassem diversificados não só ao nível do género, como também da idade e das habilitações literárias e profissionais. Contudo, em virtude de dificuldades várias que se foram colocando ao longo do processo de investigação, tal acabou por não ser possível de se concretizar. Este facto foi sentido principalmente no caso do projeto Mezze, em particular nas entrevistas aos refugiados/imigrantes, no qual as dificuldades passaram por barreiras do foro linguístico, dado que uma maioria significativa dos participantes do projeto, sendo sírios, iraquianos e de outras nacionalidades cuja língua oficial é o árabe, não falavam português ou inglês. Ainda assim, tentou-se arranjar outras soluções que pudessem atenuar esta dificuldade, mas, de novo, novas dificuldades surgiram, entre as quais o pedido de uma contrapartida financeira avultada pela realização da entrevista por parte de um dos participantes, ao qual não foi possível dar resposta. Estas questões acabaram, deste modo, por afetar a investigação não só no que concerne ao número de entrevistas realizadas, mas também no que diz respeito à falta de possibilidade de extrair conteúdo mais significativo delas.

Considera-se igualmente relevante salientar que este estudo, ainda que não seja uma novidade para o âmbito das investigações no campo das migrações e das relações interculturais, poderá fornecer novas pistas sobre a temática e dados fundamentados que possam ser utilizados em investigações futuras. Expõe também a relevância que estes projetos podem assumir numa integração mais harmoniosa da diversidade e, conseqüentemente, a importância de se redirecionarem mais investimentos e forças para a aplicação de políticas e projetos na esfera da interculturalidade. Pode ainda servir de guia para quem no futuro pretenda aprofundar conhecimentos sobre a implementação destes projetos com vista a concretizá-los de uma forma ainda mais eficaz.

Já numa linha de investigação futura, e visto que tal não constou entre os objectivos da realização desta investigação, seria interessante tentar definir-se um modelo de avaliação e aplicá-lo nestes projetos, como por exemplo, uma avaliação baseada na “Teoria da Mudança”, teoria esta que tem sido cada vez mais utilizada para se compreender as transformações ocasionadas por iniciativas de âmbito social. A pertinência desta avaliação surge da percepção da inexistência de uma avaliação dos resultados por parte dos responsáveis no caso do projeto Mezze e ainda porque, tal como se referiu ao longo desta dissertação, a ausência de avaliações neste tipo de projetos tem sido uma falha identificada por entidades já em estudos anteriores.

Fontes e Bibliografia

Fontes

Imprensa

- ACNUR, 2016. Reunião da ONU reforça compromisso para proteger refugiados e assegurar direitos dos migrantes. Em: *ACNUR Brasil*. Agência da ONU para Refugiados, 19 de Setembro [consult. 2020-04-05]. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2016/09/19/reuniao-da-onu-reforca-compromisso-para-protoger-refugiados-e-assegurar-direitos-dos-migrantes/>
- BOAVENTURA, Inês, 2013. Uma família de São Tomé e outra de portugueses nascidos na Ucrânia juntaram-se à volta de um calulu. Em: *Público*. Inês Boaventura, 24 de Novembro [consult. 2020-05-24]. Disponível em: <https://www.publico.pt/2013/11/24/local/noticia/uma-familia-de-sao-tome-e-outra-de-portugueses-nascidos-na-ucrania-juntaramse-a-volta-de-um-calulu-1613778>
- CORDEIRO, Ana Dias, 2017. Quase metade dos 1500 refugiados que chegaram já deixou Portugal. Em: *Público*. Ana Dias Cordeiro, 16 de Outubro [consult. 2020-03-13]. Disponível em: <https://www.publico.pt/2017/10/16/sociedade/noticia/mais-de-metade-dos-1500-refugiados-que-chegaram-ja-deixou-portugal-1788767>
- FARIA, Natália, 2018. Apoio que Portugal dá aos refugiados é “casuístico, isolado, descoordenado”. Em: *Público*. Natália Faria, 16 de Novembro [consult. 2020-03-13]. Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/11/16/sociedade/noticia/apoio-portugal-refugiados-casuistico-descoordenado-isolado-1851242>
- FERREIRA, Andreia Filipa, 2019. Histórias: Speak, quebrando as barreiras da inclusão social. Em: *Revista Rua*. Andreia Filipa Ferreira, 31 de Julho [consult. 2020-08-15]. Disponível em: <https://www.revistarua.pt/speak-quebrando-as-barreiras-da-inclusao-social/>
- GUTERRES, António, 2014. Remarks by António Guterres, United Nations High Commissioner for Refugees. Conference on the Syrian Refugee Situation – Supporting Stability in the Region. Berlin, 28 October 2014. Em: *UNHCR: The UN Refugee Agency*. UNHCR: The UN Refugee Agency, 28 de Outubro [consult. 2020-04-11]. Disponível em: <https://www.unhcr.org/admin/hcspeeches/544fb4189/remarks-antonio-guterres-united-nations-high-commissioner-refugees-conference.html>
- LORENA, Sofia, 2017. A segunda casa da síria Fátima tem a porta sempre aberta. Em: *Público*. Sofia Lorena, 24 de Setembro [consult. 2020-07-10]. Disponível em: <https://www.publico.pt/2017/09/24/sociedade/noticia/a-segunda-casa-da-siria-fatima-tem-a-porta-sempre-aberta-1786217>
- LUSA, 2019. Projeto de inclusão de crianças refugiadas pela arte em exposição na Glubenkian. Em: *Diário de Notícias*. Lusa, 22 de Janeiro [consult. 2020-05-25]. Disponível em: <https://www.dn.pt/lusa/projeto-de-inclusao-de-criancas-refugiadas-pela-arte-em-exposicao-na-gulbenkian--10470300.html>
- MATIAS, Pedro, 2020. Speak: projeto social abre aulas de línguas online gratuitas. Em: *Público*. Pedro Matias, 26 de Março [consult. 2020-08-15]. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/03/26/p3/noticia/speak-escola-linguas-aulas-online-gratuitas-1909209>
- MOURA, Catarina, 2017. Mezze: uma casa síria, com certeza. Em: *Time Out*. Catarina Moura, 20 de Setembro [consult. 2020-07-15]. Disponível em: <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/blog/mezze-uma-casa-siria-com-certeza-091817>
- MSF, 2016. Acordo entre UE e Turquia pode agravar a crise. Em: *Médicos Sem Fronteiras*. Médicos Sem Fronteiras, 21 de Março [consult. 2020-04-06]. Disponível em: <https://www.msf.org.br/noticias/acordo-entre-ue-e-turquia-pode-agravar-crise>
- NOTÍCIAS DE COIMBRA, 2018. Acolher refugiados em vilas ou cidades pequenas dá mais resultados que nos grandes centros urbanos. Em: *Notícias de Coimbra*. Notícias de Coimbra, 28 de Maio [2020-07-23]. Disponível em: <https://www.noticiasdecoimbra.pt/acolher-refugiados-em-vilas-ou-cidades-pequenas-da-mais-resultados-que-nos-grandes-centros-urbanos/>
- ONU, 2017. Países cumpriram apenas metade da promessa de reassentar 500 mil refugiados sírios, diz ACNUR. Em: *Nações Unidas*. Nações Unidas, 4 de Abril [consult. 2020-05-03]. Disponível em:

<https://nacoesunidas.org/paises-cumpriram- apenas-metade-da-promessa-de-reassentar-500-mil-refugiados-sirios-diz-acnur/>

ONU, 2018. Pacto Global sobre os Refugiados: Em que aspecto é diferente do pacto dos migrantes e como ajuda as pessoas forçadas a fugir?. Em: *ONU NEWS. United Nations Organizations News*, 16 de Dezembro [consult. 2020-04-5]. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2018/12/1652121>

OTÃO, Susana, 2016. O pão que os sírios amassam em Lisboa é feito de recomeço. Em: *Observador*. Susana Otão, 25 de Dezembro [consult. 2020-07-02]. Disponível em: <https://observador.pt/especiais/o-pao-que-os-sirios-amassam-em-lisboa-e-feito-de-recomeco/>

SANTOS, Catarina, 2015. Portugal recebe poucos refugiados e, regra geral, recebe-os mal. Em: *Rádio Renascença*. Catarina Santos, 11 de Setembro [consult. 2020-04-12]. Disponível em: <https://rr.sapo.pt/2015/09/11/pais/portugal-recebe-poucos-refugiados-e-regra-geral-recebe-os-mal/noticia/33491/>

Websites e outras plataformas de uso institucional

ACM, [s.d.]. Família do Lado. Em: *ACM - Alto Comissariado para as Migrações*. Alto Comissariado para as Migrações [consult. 2020-05-25]. Disponível em: <https://www.acm.gov.pt/pt/-/familia-do-lado>

ACM, Website [s.d.]. Políticas Locais para Acolhimento e Integração de Migrantes. Em: *ACM Alto Comissariado para as Migrações*. Alto Comissariado para as Migrações [consult. 2020-04-21]. Disponível em: <https://www.acm.gov.pt/pt/-/politicas-locais-para-acolhimento-e-integracao-dos-imigrantes>

ACM, Website, [s.d.]. Missão. Em: *ACM Alto Comissariado para as Migrações*. Alto Comissariado para as Migrações [consult. 2020-04-21]. Disponível em: <https://www.acm.gov.pt/pt/-/o-que-fazemos->

CPR, Website [s.d.]. SEE.TELL.LISTEN: Improving refugees' digital literacy through photovoice and storytelling. Em: *CPR - Conselho Português para os Refugiados*. Conselho Português para os Refugiados [consult. 2020-05-25]. Disponível em: <https://cpr.pt/portfolio/see-tell-listen-improving-refugees-digital-literacy-through-photovoice-and-storytelling/>

CPR, Website, [s.d.]. Refúgio e Arte: Dormem mil cores nos meus dedos. Em: *CPR – Conselho Português para os Refugiados*. Conselho Português para os Refugiados [consult. 2020-05-25]. Disponível em: <https://cpr.pt/portfolio/refugio-e-arte-dormem-mil-cores-nos-meus-dedos-2/>

JUNTA DE FREGUESIA DE ARROIOS, Website [s.d.]. Mercados. Em: *Junta de Freguesia de Arroios*. Junta de Freguesia de Arroios [consult. 2020-07-02]. Disponível em: <http://www.jfarroios.pt/mercados/>

MARHABA, Facebook, 2019. Marhaba – o Médio Oriente à mesa. Em: Página inicial | Facebook Marhaba, 13 de Dezembro [consult. 2020-07-15]. Disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/projetomarhaba/>

MEZZE, Facebook [s.d.]. Eventos: A grande família síria – Conversas no Mercado. Em: *Mezze Portugal by Pão a Pão – integração de refugiados do Médio Oriente*. Mezze [consult. 2020-07-15]. disponível em: https://www.facebook.com/events/195578131059992?active_tab=about

MEZZE, Facebook [s.d.]. Eventos: A Noite das Mil e Uma Noites. Em: *Mezze Portugal by Pão a Pão – integração de refugiados do Médio Oriente*. Mezze [consult. 2020-07-15]. Disponível em: https://www.facebook.com/events/497279090751707/?active_tab=about

MEZZE, Facebook [s.d.]. Eventos: Como se diz #MeToo em árabe? Em: *Mezze Portugal by Pão a Pão – integração de refugiados do Médio Oriente*. Mezze [consult. 2020-07-15]. Disponível em: https://www.facebook.com/events/330574427706007?active_tab=about

MEZZE, Facebook [s.d.]. Eventos: Conversas no Mercado – O que é a Integração?. Em: *Mezze Portugal by Pão a Pão – integração de refugiados do Médio Oriente*. Mezze [consult. 2020-07-15]. Disponível em: https://www.facebook.com/events/142524336457887?active_tab=about

MEZZE, Facebook, [s.d.]. Eventos Passados. Em: *Mezze Portugal by Pão a Pão – integração de refugiados do Médio Oriente*. MEZZE [consult. 2020-07-15]. Disponível em: https://pt-pt.facebook.com/pg/paoapao.associacao/events/?ref=page_internal

MEZZE, Facebook, [s.d.]. Eventos: Jantar de apoio a Ghouta Oriental. Em: *Mezze Portugal by Pão a Pão – integração de refugiados do Médio Oriente*. Mezze [consult. 2020-07-15]. Disponível em: https://www.facebook.com/events/191612371603256/?active_tab=about

MEZZE, Facebook, [s.d.]. Eventos: Jantar-Concerto no Mezze/ Eduardo Paniagua Ensemble. Em: *Mezze Portugal by Pão a Pão – integração de refugiados do Médio Oriente*. Mezze [consult. 2020-03-15]. Disponível em: https://www.facebook.com/events/173562969905695?active_tab=about

MEZZE, Facebook, [s.d.]. Eventos: Porque me Converti ao Islão? Em: *Mezze Portugal by Pão a Pão – integração de refugiados do Médio Oriente*. Mezze [consult. 2020-07-15]. Disponível em: <https://www.facebook.com/events/335405690456310/>

MEZZE, Facebook, [s.d.]. Eventos: Quando eu era pequenino. Em: *Mezze Portugal by Pão a Pão – integração de refugiados do Médio Oriente*. Mezze [consult. 2020-07-15]. Disponível em: https://www.facebook.com/events/492806687795408/?active_tab=about

MEZZE, Facebook, [s.d.]. Eventos: Workshop de cozinha de Alepo. Em: *Mezze Portugal by Pão a Pão – integração de refugiados do Médio Oriente*. Mezze [consult. 2020-07-15]. Disponível em: https://www.facebook.com/events/2458944057546885/?active_tab=about

MEZZE, Facebook, [s.d.]. Eventos: Workshop de cozinha síria. Em: *Mezze Portugal by Pão a Pão – integração de refugiados do Médio Oriente*. Mezze [consult. 2020-07-15]. Disponível em: https://www.facebook.com/events/2295415840550237/?active_tab=about;

MEZZE, Tripadvisor, [s.d.]. Avaliações. Em: *Tripadvisor Mezze*. Tripadvisor, [s.d.], [consult. 2020-07-17]. Disponível em: https://www.tripadvisor.pt/Restaurant_Review-g189158-d12986309-Reviews-Mezze-Lisbon_Lisbon_District_Central_Portugal.html

MEZZE, Website, [s.d.]. *Mezze – pão a pão*. Mezze [consult. 2020-05-03]. Disponível em: <https://www.mezze.pt/sobre/pão-a-pão.html>

MEZZE, Zomato, [s.d.]. Opiniões. Em: *Zomato Mezze*. Zomato [consult. 2020-07-17]. Disponível em: <https://www.zomato.com/pt/grande-lisboa/mezze-arroios-lisboa/reviews>

RENOVAR A MOURARIA, Website, 2015. Enciclopédia dos Migrantes [projeto]. Em: *a associação Renovar a Mouraria*. Renovar a Mouraria, 2 de Dezembro [consult. 2020-05-25]. Disponível em: <https://www.renovaramouraria.pt/enciclopedia-dos-migrantes-projecto>

SPEAK SOCIAL, [s.d.]. SPEAK-Partners. Em: *Speak Social*. Speak social [consult. 2020-07-17]. Disponível em: <https://www.speak.social/pt/partners/www.rotajovem.com>

SPEAK SOCIAL, Website, [s.d.]. How it Works. Em: *Speak Social*. Speak Social [consult. 2020-07-18]. Disponível em: <https://www.speak.social/en/how-it-works-online/>

SPEAK, Facebook [s.d.]. Eventos Emotional Liberation Workshop. Em: *Speak Facebook*. Speak [consult. 2020-08-15]. Disponível em <https://pt-pt.facebook.com/events/2429010380682809/>

SPEAK, Facebook [s.d.]. Eventos: Culturas, sorrisos e idiomas – Let’s picnic! Em: *Speak Facebook*. Speak, [consult. 2020-08-15]. Disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/events/256197775117654/>

SPEAK, Facebook, [s.d.]. Eventos: Latin Dances Workshop. Em: *Speak Facebook*. Speak [consult. 2020-08-15]. Disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/events/482132969399349/>

SPEAK, Facebook, [s.d.]. Eventos: International Game Night. Em: *Speak Facebook*. Speak [consult. 2020-08-15]. Disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/events/290356928500454/>

SPEAK, Facebook, [s.d.]. Eventos: Japanese Culture Meeting. Em: *Speak Facebook*. Speak [consult. 2020-08-15]. Disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/events/509530843121691/>

SPEAK, Facebook, [s.d.]. Eventos: Lisbon City Hunt. Em: *Speak Facebook*. Speak [consult. 2020-08-15]. Disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/events/270566020288953/>

SPEAK, Facebook, [s.d.]. Eventos: Mini-evento de Mandarim: Arte de Recorte de Papel e da Caligrafia Chinesa. Em: *Speak Facebook*. Speak [consult. 2020-08-15]. Disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/events/578660232155496/>

SPEAK, Facebook, [s.d.]. Eventos: Sabores da Páscoa/Easter Flavours: A Weekend of Discoveries. Em: *Speak Facebook*. Speak [consult. 2020-08-15]. Disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/events/961043687386612/>

SPEAK, Facebook, [s.d.]. Eventos: SPEAK Gathering - Troca cultural e gastronómica. Em: *Speak Facebook*. Speak [consult. 2020-08-15]. Disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/events/961043687386612/>

SPEAK, Facebook, [s.d.]. Eventos: SPEAK Village: A Weekend of Discoveries. Em: *Speak Facebook*. Speak [consult. 2020-08-15]. Disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/events/379644805873978/>

SPEAK, Facebook, [s.d.]. Eventos: Trip Gerês. Em: *Speak Facebook*. Speak [consult. 2020-08-15]. Disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/events/483156542113663/>

TODOS, Website, [s.d.]. Festival. Em: *Todos*. Todos [consult. 2020-05-24]. Disponível em: <https://www.festivaltodos.com/festival/#ctqLhZw7mV>

TODOS, Website, [s.d.]. Programa. Em: *Todos*. Todos [consult. 2020-05-24]. Disponível em: <https://www.festivaltodos.com/programa/>

Documentos referentes a legislação internacional

ACNUR, 1951. Convenção de Genebra relativa ao estatuto dos refugiados [consult. 2020-04-05]. Disponível em: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf

ACNUR, 1984. Declaração de Cartagena [consult. 2020-04-05]. Disponível em: <https://www.acnur.org/cartagena30/pt-br/declaracao-de-cartagena-sobre-refugiados/>

COMISSÃO EUROPEIA, 2014. Sistema Europeu Comum de Asilo [consult. 2020-04-05]. Disponível em: https://ec.europa.eu/home-affairs/sites/homeaffairs/files/e-library/docs/ceas-factsheets/ceas_factsheet_pt.pdf

CONSELHO EUROPEU, 2016. Declaração UE-Turquia, 18 de março de 2016 [consult. 2020-04-05]. Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/pt/press/press-releases/2016/03/18/eu-turkey-statement/>

COUNCIL OF EUROPE, 1960. Conventions: Details of Treaty No.031- European Agreement on the Abolition of Visas for Refugees. Em: *Council of Europe*. Council of Europe [consult. 2020-04-05]. Disponível em: <https://www.coe.int/en/web/conventions/full-list/-/conventions/treaty/031>

COUNCIL OF EUROPE, 1980. Conventions: Details of Treaty No.107 - European Agreement on Transfer of Responsibility for Refugees. Em: *Council of Europe*. Council of Europe [consult. 2020-04-05]. Disponível em: <https://www.coe.int/en/web/conventions/full-list/-/conventions/treaty/107>

ONU, 1948. Declaração Universal dos Direitos Humanos [consult. 2020-05-15]. Disponível em: <https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por>

ONU, 1966. Pacto Internacional dos Direitos Económicos, Sociais e Culturais [consult. 2020-05-15]. Disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/educacao_para_a_Defesa_a_Seguranca_e_a_Paz/documentos/pacto_internacional_sobre_direitos_economicos_sociais_culturais.pdf

ONU, 1967. Declaração das Nações Unidas sobre o Asilo Territorial [consult. 2020-04-05]. Disponível em: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Declaracao_UNU_Asilo_Territorial.pdf?file=fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Declaracao_UNU_Asilo_Territorial

ONU, 1967. Protocolo de 1967 Relativo ao Estatuto dos Refugiados [consult. 2020-04-05]. Disponível em: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Protocolo_de_1967.pdf

ONU, 1974. Convenção da organização de unidade Africana (OUA) que rege os aspectos específicos dos refugiados em África [consult. 2020-04-05]. Disponível em: http://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/convencao_refugiados_oua.pdf

UNESCO, 1982. *Declaración de México sobre las Políticas Culturales: Conferencia Mundial sobre las Políticas Culturales*, México, 26 de julio - 6 de agosto. [S.I.]: [s.n.] [consult. 2020-04-13]. Disponível em: https://culturalrights.net/descargas/drets_culturals400.pdf

UNESCO, 2001. *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*. Declaração adoptada no âmbito da Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura na sua 31.ª sessão, a 2 de Novembro. [S.I.]: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization [consult. em 2020-04-13]. Disponível em:

http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/diversity/pdf/declaration_cultural_diversity_pt.pdf

UNESCO, 2005. *Convention on the Protection and Promotion of the Diversity of Cultural Expressions*, Paris, 20 October. [S.I.]: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization [consult. 2020-04-13]. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000142919>

Fontes Estatísticas

EUROPEAN UNION, 2018. *Special Eurobarometer 469: Integration of immigrants in the European Union*. [S.I.]: European Union [consult. 2020-03-13]. Disponível em: <https://ec.europa.eu/comfrontoffice/publicopinion/index.cfm/Survey/getSurveyDetail/instruments/special/surveyKy/2169>

IOM, 2013. *World Migration Report 2013: Migrant Well-Being and Development*. Geneva: International Organization for Migration [consult. 2020-03-24]. ISBN 9789290686682. Disponível em: https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr2013_en.pdf

IOM, 2017. *World Migration Report 2018*. Geneva: International Organization for Migration [consult. 2020-04-06]. Disponível em: https://www.iom.int/sites/default/files/country/docs/china/r5_world_migration_report_2018_en.pdf

IOM, 2019. *World Migration Report 2020*. Geneva: International Organization for Migration [consult. 2020-03-23]. ISBN 9789290687894. Disponível em: https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr_2020.pdf

RAMOS, Alice, Ana LOUREIRO e João GRAÇA, 2016. *Migrações e Refugiados: Atitudes e Percepções dos Europeus*, Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais [consult. 2020-04-12]. Boletim Atitudes Sociais dos Portugueses, 4. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/26525/1/ICS_ARamos_Migracoes_ResearchBrief.pdf

SEF, 2010 – 2019. *Relatórios estatísticos anuais* [consult. 2020-04-12]. Disponível em: <https://sefstat.sef.pt/forms/relatorios.aspx>

SEF, 2018. *Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo 2017*. Oeiras: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras [consult. 2020-04-12]. Disponível em: <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2017.pdf>

SEF, 2019. *Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo 2018*. Oeiras: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras [consult. 2020-04-12]. Disponível em: <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2018.pdf>

SEF, 2020. *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2019*. Oeiras: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras [consult. 2020-04-12]. Disponível em: <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2019.pdf>

UNHCR, 2018. *Desperate Journeys – January to December 2018*. Geneva: United Nations High Commissioner for Refugees [consult. 2020-04-11]. Disponível em: <https://data2.unhcr.org/en/documents/details/67712>

UNHCR, 2018. *Global Trends: Forced Displacement in 2017*. Geneva: United Nations High Commissioner for Refugees [consult. 2020-04-11]. Disponível em: <https://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/5b27be547/unhcr-global-trends-2017.html>

UNHCR, 2019. *Desperate Journeys - January – September 2019*. Geneva: United Nations High Commissioner for Refugees. [consult. 2020-04-8]. Disponível em: <https://data2.unhcr.org/en/documents/details/71703>

UNHCR, 2019. *Global Trends: Forced Displacement in 2018*. Geneva: United Nations High Commissioner for Refugees [consult. 2020-04-11]. Disponível em: <https://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/5d08d7ee7/unhcr-global-trends-2018.html>

WIKE, Richards, Bruce STOKES, Kate SIMMONS, 2016. Europeans Fear Wave of Refugees Will Mean More Terrorism, Fewer Jobs. Em: *Pew Research Center: Global Attitudes & Trends*. Pew Research Center, 11 de Julho [consult. 2020-03-25]. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/global/2016/07/11/europeans-fear-wave-of-refugees-will-mean-more-terrorism-fewer-jobs/>

Outras Fontes

- ACM, 2017. *Relatório de Avaliação da Política Portuguesa de Acolhimento de Pessoas Refugiadas: Programa de Recolocação*. [Lisboa?]: Alto Comissariado para as Migrações, IP. [consult. 2020-04-21]. Disponível em: https://www.acm.gov.pt/documents/10181/27754/Relatorio_Acolhimento+Pessoas+Refugiadas_De_z.2017.pdf/d21546b3-7588-483d-92a3-fa8185d61b5b
- AYTON SHENKER, Diana, 1995. The Challenge of Human Rights and Cultural Diversity. Em: *United Nations*. United Nations, Março [consult. 2020-07-23]. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20150214191258/http://www.un.org/rights/dpi1627e.htm>
- COLLINS DICTIONARY, [s.d.]. Definição de ‘Meze’. Em: *Collins Dictionary*. Collins Dictionary [consult. 2020-07-10]. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/meze>
- CPR, 2019. *Relatório de Atividades 2018*. Lisboa: Conselho Português para os Refugiados [consult. em 2020-04-12]. Disponível em: http://cpr.pt/wp-content/uploads/2019/04/CPR_Relatorio_2018_web.pdf
- OIM, 2009. *Glossário sobre Migração*. Genebra: Organização Internacional para as Migrações [consult. 2020-03-23]. Disponível em: <https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf>
- PNUD, 2009. *Relatório de Desenvolvimento Humano 2009 - Ultrapassar Barreiras: Mobilidade e desenvolvimento humanos*. Coimbra: Edições Almedina, S.A. [consult. 2020-03-23]. Disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/library/idh/relatorios-de-desenvolvimento-humano/relatorio-do-desenvolvimento-humano-2009.html>
- PNUD, 2004. *Relatório do Desenvolvimento Humano 2004: Liberdade Cultural num Mundo Diversificado*. Lisboa: Mensagem – Serviço de Recursos Editoriais Lda. [consult. 2020-04-17] Disponível em: <http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2004-portuguese.pdf>
- UNESCO, 2009. *Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural: relatório mundial da UNESCO, resumo*. [S.I.]: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization [consult. 2020-04-13]. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000184755_por

Bibliografia

- ACESSO CULTURA, 2017. *A Inclusão de Migrantes e Refugiados: O Papel das Organizações Culturais*. [Lisboa?]: Acesso Cultura [consult. 2020-05-15]. Disponível em: <https://acessocultura.org/publicacao-migrantes-refugiados-2/>
- ACIDI, [s.d.]. *Imigração Os Mitos e os Factos*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural, I.P. [consult. 2020-04-20]. Disponível em: <https://www.acm.gov.pt/documents/10181/233158/Imigração++os+Mitos+e+os+Factos.pdf/f4b20e3f-d309-470a-ae6b-bee48ee7de7b>
- AGAMBEN, Giorgio, 2000. *Means without end: Notes on Politics*. London: University of Minnesota Press, 20 [consult. 2020-03-26]. Theory Out of Bounds, Vol. 20. ISBN 0816630356. Disponível em: https://monoskop.org/images/3/3c/Agamben_Giorgio_Means_without_end_notes_on_politics_2000.pdf
- APPADURAI, Arjun, 1990. Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy. *Theory, Culture & Society*. Nottingham: SAGE Publications, 7 (2), 295-310 [consult. em 2020-04-12]. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/026327690007002017>
- ARARTEKO, 2006. *Respuesta as las necesidades básicas de las personas sin hogar y en exclusión grave*. [S.I.]: ARARTEKO [consult. 2020-04-21]. Disponível em: http://www.ararteko.eus/RecursosWeb/DOCUMENTOS/1/1_9_3.pdf
- ARIADNE, 2012. *Art of adaptation - Manual of artistic tool for migrants*. Hungary: Art for Intercultural adaptation in new environment project [consult. 2020-05-24]. Disponível em: https://issuu.com/artemis/docs/ariadne_emanual_english
- ASSELIN, Olivier et al., 2006. Social Integration of Immigrants with Special Reference to the Local and Spatial Dimension”. Em: Rinus Penninx, Maria Berger e Karen Kraal (orgs.), *The Dynamics of*

- International Migration and Settlement in Europe A State of the Art*. Amsterdam: IMISCOE Joint Studies, Amsterdam University Press [consult. 2020-04-21]. Disponível em: <https://www.imiscoe.org/docman-books/279-penninx-et-al-2006/file>
- BARBOSA, Manuel Gonçalves, 2011. Educação e imaginário intercultural: recomposição do papel da sociedade civil. *Estudos RBEP*. Brasília: [s.n.], 92 (232) [consult. 2020-04-22]. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/34135/1/RBP-Art.2012.pdf>
- BARBOSA, Manuel, 2010. Educação e Desafios da Multiculturalização: Uma Pedagogia da Sociedade Civil. *Cadernos de Pesquisa*. [S.I.]:[s.n.], 40(141), 993-1023 [consult. 2020-04-21]. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742010000300016>
- BERRY, John W., 1997. Immigration, Acculturation, and Adaptation. *Applied Psychology: An International Review*, [S.I.]: [s.n.], 46 (1), 5-68 [consult. 2020-04-21]. Disponível em: <https://www.ucd.ie/mcri/resources/Dermot%20Ryan%20Reading.pdf>
- BLACK, Richard, 2001. Fifty Years of Refugee Studies: From Theory to Policy. *The International Migration Review Special Issue: UNHCR at 50: Past, Present and Future of Refugee Assistance*. New York: Sage Publications, Inc., 35 (1), 57-78 [consult. 2020-03-24]. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2676051>
- CANTLE, Ted, 2015. Interculturalism: ‘Learning to Live in Diversity’. Em: Marco Antonsich (org.), Interculturalism versus multiculturalism – The Cantle-Modood debate. *Ethnicities*. [S.I.]: Sage, 16 (3), 2-10 [consult. 2020-04-22]. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1468796815604558>
- CANUDO, Diogo, 2017. *Práticas artísticas para a inclusão social: o caso “O mundo à nossa volta”*. Dissertação de Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, ISCTE [consult. 2020-05-18]. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/14949>
- CARVALHO, Maria Helena Calçarão, 2013. *Bairrista e Multicultural: imagens da Mouraria em Lisboa*, Dissertação de Mestrado em Antropologia na especialidade de Imagem e Comunicação, Lisboa, ISCTE [consult. 2020-05-24]. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/7027>
- CASTLES, Stephen, Hein de HAAS e Mark J. MILLER, 2014. *The Age of Migration International Population Movements in the Modern World*. 5ª ed. United Kingdom: Palgrave Macmillan. ISBN 9781462513116.
- CLICHE, Danielle e Andreas WIESAND, 2009. *Achieving Intercultural Dialogue through the Arts and Culture? Concepts, Policies, Programmes, Practices. D’Art Topics in Arts Policy*. Sydney: International Federation of Arts Councils and Culture Agencies, 39 [consult. 2020-05-24]. Disponível em: <http://media.ifacca.org/files/D%27Art39Final.pdf>
- COMISSÃO EUROPEIA, 2013. *Compreender as políticas da União Europeia: Migração e asilo*. Luxemburgo: Serviços das Publicações da União Europeia [consult. 2020-04-20]. Disponível em: <http://bibliobase.sermis.pt:8008/BiblioNET/Upload/PDF4/002716.pdf>
- COMISSÃO EUROPEIA, 2016. *A UE e a Crise dos Refugiados*. [S.I.]: União Europeia [consult. 2020-04-05]. Disponível em: http://publications.europa.eu/resource/ellar/1aa55791-3875-4612-9b40-a73a593065a3.0023.03/DOC_1
- COSTA, Manuel Paulo, 2016. Os planos locais de integração dos imigrantes: a dimensão da participação cívica política. Em: OM e ACM (orgs.), *Revista Migrações: Número Temático: Planos de Integração para Migrante*. Lisboa: Alto Comissariado para as Migrações, IP, 13 [consult. 2020-04-21]. Disponível em: <https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/183863/Revista+Migrações+13.pdf/e28a232a-29e2-4345-8d63-0f7651ffd25f>
- COUTINHO, Maria, 2002. *Economia Social em Portugal A Emergência do Terceiro Sector na Política Social*. Tese de Doutoramento em Economia. Instituto Superior de Economia e Gestão. Universidade Técnica de Lisboa [consult. 2020-04-22]. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/4524>
- CUCHE, Denys, 1999. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Ed. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração [consult. 2020-04-13]. Disponível em: https://www.academia.edu/4727173/A_Noção_de_Cultura_nas_Ciências_Sociais_CUCHE
- DÍAZ-POLANCO, Héctor, 2006. *Elogio de la Diversidad: Globalización, multiculturalismo y etnofagia*. México: Siglo XXI [consult. 2020-04-17]. Disponível em:

- https://books.google.pt/books?id=w2MXC6ynMDsC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false
- EDWARDS, John, 2009. *Language and Identity*. New York: Cambridge University Press [consult. 2020-08-23]. Disponível em: <https://docer.pl/doc/xx0ev1e->
- ESTEVENES, Ana et al., 2019. As artes e a cultura nas práticas hegemónicas e alternativas na cidade de Lisboa. O caso do Largo do Intendente. *Forum Sociológico Serie II*. Lisboa: CICS.NOVA, 35, 9-17 [consult. 2020-05-22]. Disponível em: <https://journals.openedition.org/sociologico/7826>
- EUROPEAN UNION, 2014. *Report on The Role of Public Arts and Cultural Institutions in the Promotion of Cultural Diversity and Intercultural Dialogue*. [S.I.]: European Union [consult. 2020-05-15]. Disponível em: https://ec.europa.eu/assets/eac/culture/library/reports/201405-omc-diversity-dialogue_en.pdf
- EUROPEAN UNION, 2017. *How Culture and the Arts can Promote Intercultural Dialogue in the Contexto of the Migratory and Refugee Crisis*. [S.I.]: European Union [consult. 2020-05-24]. Disponível em: <https://op.europa.eu/en/publication-detail/-/publication/4943e7fc-316e-11e7-9412-01aa75ed71a1>
- FERREIRA, Susana, 2016a. Orgulho e Preconceito: A Resposta Europeia à Crise de Refugiados. *Relações Internacionais R.I.* 50, 87-107 [consult. 2020-04-06]. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/ri/n50/n50a07.pdf>
- FERREIRA, Susana, 2016b. Migratory Crisis in the Mediterranean: Managing Irregular Flows. *Stability: International Journal of Security and Development*. 5 (1), 2-6 [consult. 2020-04-11]. Disponível em: <http://doi.org/10.5334/sta.441>
- FRANTZIOU, Eleni, Uta STAIGNER e Sarah CHAYTOR, 2014. *Refugee Protection, Migration and Human Rights in Europe*, University College London, 1 May. UCL Police Briefing [consult. 2020-04-06]. Disponível em: https://www.ucl.ac.uk/public-policy/sites/public-policy/files/migrated-files/Refugee_protection_FINAL.pdf
- GIDDENS, Anthony, 2008. *Sociologia*. 6ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- GOMES, Diana, 2015. *A mudança social em projetos de intervenção social pela arte: o caso do projeto Bando À Parte*, Dissertação de Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra [consult. 2020-05-17]. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/43583799.pdf>
- GOODLAND, Robina, Christine HAMILTON, Peter D. TAYLOR, 2002. *Not Just a Treat: Arts and Social Inclusion-- A report to the Scottish Arts Council*. Glasgow: Centre for Cultural Policy Research Department of Urban Studies and University of Glasgow [consult. 2020-05-20]. Disponível em: <https://www.artshealthresources.org.uk/docs/not-just-a-treat-arts-and-social-inclusion/>
- GOODWIN-GILL, Guy S., 2008. *Convention Relating to the Status of Refugees Protocol Relating to the Status of Refugee, United Nations*. Audiovisual Library of International Law [consult. 2020-04-05]. Disponível em: https://legal.un.org/avl/pdf/ha/prsr/prsr_e.pdf
- GRODACH, Carl e Anastasia LOUKAITOU-SIDERIS, 2007. Cultural development strategies and urban revitalization: A survey of US cities. *International Journal of Cultural Policy*. Reino Unido: Routledge, 13 (4), 350-270 [consult. 2020-05-22]. Disponível em: https://www.creativecity.ca/database/files/library/cultural_development_strategies.pdf
- HALL, Stuart, 1999. *A identidade cultural na pós-modernidade*, 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora [consult. 2020-04-15]. Disponível em: https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf-com_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf
- HESPANHA, Pedro, 2008. Políticas Sociais: Novas Abordagens, Novos Desafios. *Revista de Ciências Sociais*. Brasil: Universidade Federal do Ceará, 39 (1), 5-15 [consult. 2020-05-15]. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/752/1/2008_art_HESPANHA.P.pdf
- HUNTINGTON, Samuel P. 2001. *El Choque de Civilizaciones y la Reconfiguración Del Orden Mundial*. Buenos Aires: Paidós.
- KING, Russell, 2002. Towards a New Map of European Migration. *International Journal of Population Geography*. Online in Wiley InterScience: John Wiley & Sons, Ltd., 8, 89-10 [consult. 2020-05-15].

- 2020-03-23] Disponível em:
https://www.academia.edu/17910512/Towards_a_new_map_of_European_migration
- LOESCHER, Gil, Alexander BETTS e James MILNER, 2008. *The United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR): The politics and practice of refugee protection into the twenty-first century*. London: Routledge. ISBN 0203928393.
- LONG, J., et al., 2002. *Count Me In: The Dimensions of Social Inclusion through Culture & Sport*, Inglaterra: Centre for Leisure & Sport Research Leeds Metropolitan University [consult. 2020-05-17]. Disponível em: <https://static.a-n.co.uk/wp-content/uploads/2013/11/4175550.pdf>
- MACHADO, Fernando Luís, 2002. *Contrastes e Continuidades. Migração, Etnicidade e Integração dos Guineenses em Portugal*. Oeiras: Celta Editora
- MALHEIROS, Jorge Macaísta, 2011. *Promoção da Interculturalidade e da Integração de Proximidade: Manual para Técnicas/os*. Lisboa: ACIDI [consult. 2020-04-20]. Disponível em: https://www.acm.gov.pt/documents/10181/41781/manual_net+%28%29_claii.pdf/a4e41597-270141ab-b321-9647823cdb40
- MARTINIELLO, Marco e Jean-Michel LAFLEUR, 2008. 'Ethnic Minorities' Cultural and Artistic Practices as Forms of Political Expression: A Review of the Literature and a Theoretical Discussion on Music. *Journal of Ethnic and Migration Studies*. Reino Unido: Routledge, 34 (8), 1191-1215 [consult. 2020-05-24]. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13691830802364809>
- MATARASSO, François, 1996. *Northern Lights: The Social Impact of The Féisean (Gaelic Festivals)*. London: Comedia. The Social Impact of the Arts Working Paper 6 [consult. 2020-05-20]. Disponível em: <https://www.feisean.org/wp-content/uploads/NorthernLights.pdf>
- MATARASSO, François, 1997. *Use or ornament? The social impact of participation in the arts*. Stroud: Comedia [consult. 2020-05-22]. Disponível em: <https://www.artshealthresources.org.uk/wp-content/uploads/2017/01/1997-Matarasso-Use-or-Ornament-The-Social-Impact-of-Participation-in-the-Arts-1.pdf>
- MCGREGOR, Elaine e RAGAB, Nora, 2016. *The Role of Culture and the Arts in the Integration of Refugees and Migrants*. [S.I.]: European Expert Network on Culture and Audiovisual, UNU-MERIT [consult. 2020-05-24]. Disponível em: <https://migration.unu.edu/publications/reports/the-role-of-culture-and-the-arts-in-the-integration-of-refugees-and-migrants.html>
- MUIR, Tina, 2009. Citizenship, Belonging and Drama at Oval House Theatre. Em: Oval House Theatre (org.). *Participatory Arts with Young Refugees: Six Essays*. London: Oval House Theatre [consult. 2020-05-23]. Disponível em: https://www.ovalhouse.com/participation/publication/participatory_arts_with_young_refugees
- NAVARRO, Isidoro Moreno, 2000. Quebra de los modelos de modernidad, globalización e identidades colectivas. Em: José Franch e Marisa Bourdet (orgs.), *Hacia una ideología para el siglo XXI Ante la crisis civilizatoria de nuestro tiempo*. Madrid: Ediciones Akal, S. A., pp. 102-131. ISBN 8446009765.
- NETTO, Gina, 2008. Multiculturalism in the Devolved Context: Minority Ethnic Negotiation of Identity through Engagement in the Arts in Scotland. *Sociology*. [S.I.]: Sage Journals 42 (1), 47-64 [consult. 2020-05-15]. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0038038507084833>
- NEWMAN, Edward, 2003. Refugees, international security, and human vulnerability: Introduction and survey. Em: Edward Newman e Joanne van Selm (orgs.), *Refugees and forced displacement: International security, human vulnerability, and the state*. Hong Kong: United Nations University Press [consult. 2020-04-20]. Disponível em: <https://collections.unu.edu/eserv/UNU:2434/nLib9280810863.pdf>
- NIESSEN, Jan, 2000. *Diversity and cohesion new challenges for the integration of immigrants and minorities*. Germany: Council of Europe Publishing. ISBN 9287143455.
- NOBLE, Douglas, 2009. Safe and Sound: Who are Music for Change—what do we do, what is our philosophy?. Em: Oval House Theatre (org.). *Participatory Arts with Young Refugees: Six Essays*. London: Oval House Theatre [consult. 2020-05-23]. Disponível em: https://www.ovalhouse.com/participation/publication/participatory_arts_with_young_refugees
- OLIVEIRA, Ana Luísa, FANECA, Rosa Maria, FERREIRA, Teresa, 2007. Integrar em Língua Portuguesa: considerações finais do Projeto Aproximações. Em: Maria Helena Ança e Teresa

- Ferreira (coord.). *Língua Portuguesa e Integração: Actas do Seminário*. Aveiro: UA Editora, 2007 [consult. 2020-08-23]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10773/13609>
- OLIVEIRA, Catarina Reis, João PEIXOTO e Pedro GÓIS, 2017. A nova crise dos refugiados na Europa: o modelo de repulsão-atração revisitado e os desafios para as políticas migratórias. *Revista Brasileira de Estudos de População*. Belo Horizonte: [s.n.], 34 (1) [consult. 2020-04-05]. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20947/S0102-3098a0016>
- ORTON, Liz, 2009. Photography and Integration: A case study of a PhotoVoice project. Em: Oval House Theatre (org.). *Participatory Arts with Young Refugees*. London: Oval House Theatre [consult. 2020-05-24]. Disponível em: https://www.ovalhouse.com/participation/publication/participatory_arts_with_young_refugees
- PADILLA, Beatriz e Joana AZEVEDO, 2012. Territórios de diversidade e convivência cultural: considerações teóricas e empíricas. *Sociologia Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático: *Imigração, Diversidade e Convivência Cultural*. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 43-65 [consult. 2020-04-13]. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9998.pdf>
- PAPADEMETRIOU, Demetrios, 2008. Gerir Melhor as Migrações Internacionais: Princípios e Perspectivas para Maximizar os Benefícios da Migrações. Em: Demetrios Papademetriou (org.), *A Europa e os Seus Imigrantes do Século XXI*. Lisboa: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, pp. XIV-LXVII. ISBN 9789728654337.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira, 2008. A identidade nacional num mundo intercultural. Em: Mário Ferreira Lages e Artur Teodoro de Matos (orgs.). *Portugal: Percursos de Interculturalidade*. Lisboa: ACIDI, vol. 4 Desafios à Identidade. Coleção Portugal Intercultural.
- PUSSETTI, Chiara, 2017. O silêncio dos inocentes. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*. Botucatu: [s.n.], 21 (61), 263-272 [consult. 2020-04-11]. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0625>
- QUINTÃO, Carlota, 2004. Terceiro Sector - elementos para referenciação teórica e conceptual. Em: *Vº Congresso Português de Sociologia - Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção: Atelier: Mercados, Emprego e Trabalho*: 12 a 15 de Maio, Universidade do Minho, Braga. [S.I.]: Associação Portuguesa de Sociologia, 28-38 [consult. 2020-04-23]. Disponível em: https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR4628da65d6dd3_1.pdf
- RETO, Luís, 2001. O Terceiro Setor em Portugal: Delimitação, Caracterização e Potencialidades. *Pensamento Cooperativo*. [S.I.]: [s.n.], 2 (2) [consult. 2020-04-22]. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/319434129_O_Terceiro_Sector_em_Portugal_Delimitacao_o_Caracterizacao_e_Potencialidades
- ROMERO, Carlos Giménez, 2010. *04 Cadernos de Apoio à Formação: Interculturalidade e Mediação*. Lisboa: ACIDI [consult. 2020-04-21]. Disponível em: <https://www.acm.gov.pt/documents/10181/233158/4.+Interculturalidade+e+Mediação.pdf/2c32448e-acee-4788-90f1-483e101f2ff9?version=1.0>
- ROSSEAU, Cécile et al., 2005a. Evaluation of a classroom program of creative expression workshops for refugee and immigrant children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*. New Jersey: Wiley Blackwell, 46 (2), 180-185. [consult. 2020-05-23]. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/8051656_Evaluation_of_a_classroom_program_of_creative_expression_workshops_for_refugee_and_immigrant_children
- ROSSEAU, Cécile et al., 2005b. Creative Expression Workshops in School: Prevention Programs for Immigrant and Refugee Children. *Journal of The Canadian Academy of Child and Adolescent Psychiatry*. Canada: [s.n.], 14 (3) [consult. 2020-05-23]. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/23494410_Creative_Expression_Workshops_in_School_Prevention_Programs_for_Immigrant_and_Refugee_Children
- SANTINHO, Maria Cristina, 2013a. Afinal, que asilo é este que não nos protege?. *Etnográfica*. [S.I.]: Centro em Rede de Investigação em Antropologia, 17 (1), 5-29 [consult. 2020-04-21]. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/2522#tocto1n4>
- SANTINHO, Maria Cristina, 2013b. *Refugiados e Requerentes de Asilo em Portugal: Contornos Políticos no Campo da Saúde*, Tese de Doutoramento em Antropologia, ISCTE [consult. 2020-05-24]. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/3512>

- SANTOS, Boaventura de Sousa e João Arriscado NUNES, 2004. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. Em: Boaventura de Sousa Santos (org.), *Reconhecer para Libertar Os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Porto: Afrontamento, pp. 1-52. [consult. 2020-04-15]. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/publicacoes/res/pdfs/IntrodMultiPort.pdf>
- SANTOS, Boaventura de Sousa, 1999. A Reivenção Solidária e Participativa do Estado. *Oficina do CES*. Coimbra: Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, oficina nº 134 [consult. 2020-04-22]. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/134.pdf>
- SCHWARTZ, Seth J., Marilyn J. MONTEGOMERY e Ervin BRIONES, 2006. The Role of Identity in Acculturation among Immigrant People: Theoretical Propositions, Empirical Questions, and Applied Recommendations. *Human Development*. Basel: S. Karger AG, 49 (1), 1-30 [consult. 2020-04-14]. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/225028959_The_Role_of_Identity_in_Acculturation_among_Immigrant_People_Theoretical_Propositions_Empirical_Questions_and_Applied_Recommendations%20%20Hall,%201999
- SEN, Amartya, 2015. *Identidade e Violência: a ilusão do destino*. São Paulo: Itaú Cultural e Editora Iluminuras.
- SHACKNOVE, Andrew E., 1985. Who Is a refugee?. *International Journal of Ethics*. 95 (2). Chicago: The University of Chicago Press, 95 (2), 274-284 [consult. 2020-04-02] Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2380340>
- SHEKHAR, Aiyar et al., 2016. *The Refugee Surge in Europe: Economic Challenges*. [S.I.]: International Monetary Fund [consult. 2020-04-20]. Disponível em: <https://www.imf.org/external/pubs/ft/sdn/2016/sdn1602.pdf>
- SILVA, Cláudia, 2012. *A Arte Circense como Recurso Terapêutico e Educacional*. Dissertação de Mestrado em Educação Física e Desporto Especialização em Desenvolvimento da Criança, UTAD [consult. 2020-05-23]. Disponível em: <https://repositorio.utad.pt/handle/10348/2365>
- SPENCER, Sarah 2008. O Desafio da Integração na Europa. Em: Demetrios Papademetrius (org.), *A Europa e os Seus Imigrantes do Século XXI*. Lisboa: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, pp. 1-34.
- UNHCR, 2002. *Refugee Resettlement. An International Handbook to Guide Reception and Integration*. Geneva: United Nations High Commissioner for Refugees [consult. 2020-04-20]. Disponível em: <https://www.refworld.org/docid/405189284.html>
- VALA, Jorge, 2004. Processos identitários e gestão da diversidade. Em: *I Congresso Imigração em Portugal: Diversidade – Cidadania – Integração*. Lisboa, 18/19 de Dezembro de 2003. Portugal: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas [consult. 2020-04-21]. Disponível em: <https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/177157/Actas+CongressoIm.pdf/c70e5fde-146b-4a3f-9ae7-6aa1f27868ee>
- VERTOVEC, Steven e Susanne WESSENDORF, 2006. Cultural, Religious and Linguistic Diversity in Europe: An Overview of Issues and Trends. Em: Rinus Penninx, Maria Berger e Karen Kraal (orgs.), *The Dynamics of International Migration and Settlement in Europe A State of the Art*. Amsterdam: IMISCOE Joint Studies, Amsterdam University Press [consult. 2020-04-20]. Disponível em: <https://www.imiscoe.org/docman-books/279-penninx-et-al-2006/file>
- YIN, Robert K., 2001. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. trad. Daniel Grassi - 2a ed. Porto Alegre: Bookman, ISBN: 85-7307-852-9.
- ZAPATA-BARRERO, Ricard, 2015. Exploring the foundations of the intercultural policy paradigm: a comprehensive approach. *Identities: Global Studies in Culture and Power*. London: Routledge, 23 (2), 1-19 [consult. 2020-04-22]. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/272415150_Exploring_the_foundations_of_the_intercultural_policy_paradigm_a_comprehensive_approach

Anexos

Anexo A- Guião/Protocolo orientador da entrevista à Responsável do Mezze

Blocos Temáticos	Perguntas
Caracterização do Entrevistado e das suas motivações e percepções iniciais relativamente ao projeto	Sexo
	Idade
	Naturalidade
	Área de Residência
	Qual a formação / habilitação académica e profissional e em que área?
	É a sua primeira experiência profissional na área cultural ou social? Se não, quais foram as outras?
	O que a fez querer envolver-se num projeto ligado a questões de âmbito migratório?
Qual a sua função neste Projeto?	
A caracterização dos projetos e a sua implementação	Quando e como surgiu a ideia para o projeto?
	Em que consiste o projeto?
	Para além do restaurante dão também workshops no vosso espaço. Em que consistem ao certo esses workshops e como funcionam? Pode dar alguns exemplos?
	A quem se destina?
	Quantas pessoas fazem parte integrante do projeto?
	Têm parcerias com alguma entidade ou instituição?
	De que forma é o projeto promovido junto da população? Que canais de comunicação usam?
	Qual tem sido o nível de adesão da comunidade de acolhimento a este projeto?
	E da comunidade imigrante e refugiada presente em Portugal?
	É importante para vocês chegar a pessoas que não sejam muito favoráveis à presença de imigrantes e refugiados? Se sim, têm noção se o têm conseguido?
	Foram sentidas dificuldades na implementação do projeto? Se sim, quais?
	Desde o início o projeto sofreu alguma reformulação ou foi melhorado em algum aspeto? Se sim, em quê?
De que forma este projeto ajuda na capacitação dos seus participantes?	

	<p>Considera importante tornar os beneficiários do projeto em sujeitos activos do seu próprio processo de inclusão? Porquê?</p> <p>De que modo os beneficiários do projeto participão na forma como o projeto é gerido?</p> <p>Têm alguma ambição futura enquanto projeto?</p>
<p>A cultura e a Interculturalidade como modelo de integração/inclusão e de valorização da diversidade cultural</p>	<p>Qual a importância da cultura e da sua aplicação como estratégia de inclusão de indivíduos socialmente excluídos?</p> <p>De que forma é a cultura utilizada no projeto?</p> <p>Encontra-se familiarizado com os conceitos de Multiculturalismo e de Interculturalismo como modelos teóricos de integração da diversidade? Se sim, o que sabe sobre os dois?</p> <p>Na sua perspetiva, algum deles se aplica melhor ao vosso projeto? Porquê e de que forma?</p> <p>É, na sua opinião, importante para uma inclusão de sucesso que os indivíduos em contexto migratório mantenham contacto com a sua cultura de origem ao mesmo tempo que se envolvem com a cultura local? Se sim, porquê? Se não, qual será então a melhor opção?</p> <p>É a seu ver importante incentivar a troca cultural e o diálogo entre culturas? Porquê?</p> <p>É a seu ver importante para a formação de uma sociedade mais inclusiva a valorização da diversidade cultural existente? Porquê?</p>
	<p>Na sua perspetiva e decorrente da sua experiência, quais são as principais dificuldades por que passam os refugiados durante o seu processo de integração? É este projeto, uma forma de dar resposta a alguma dessas dificuldades?</p> <p>Foram delineados objetivos gerais e/ou específicos no início do projeto? Se sim, quais?</p> <p>Têm algum método de avaliação específico que os ajude a perceber se os objetivos estão a ser atingidos? Se sim, qual?</p> <p>É possível verificar o alcance destes objetivos? Se sim, de que modo?</p> <p>No início do projeto sentiu alguma relutância ou receio por parte dos participantes? Se sim, quais? E de que forma os ajudou a ultrapassá-los?</p> <p>Desde que se envolveram no projeto até este momento são já notadas mudanças nos participantes ao nível pessoal, social e emocional? Se sim, quais?</p> <p>São igualmente sentidas mudanças ou impactos na comunidade de acolhimento? Se sim, quais?</p> <p>E para si? Que mudanças trouxe o projeto? O que tem aprendido com este projeto a nível profissional e pessoal?</p>

Fatores de sucesso para a implementação de projetos socioculturais	Decorrente desta experiência quais acha que são os principais cuidados a ter na criação e implementação de projetos culturais de âmbito social com indivíduos de contexto migratório?
	Existem a seu ver factores-chave para o sucesso de projetos como este? Se sim, quais?
	São na sua opinião necessárias certas competências por parte de quem trabalha a inclusão de indivíduos com histórico migratório? Se sim, quais seriam estas competências?

Anexo B - Guião/Protocolo orientador da entrevista aos refugiados/imigrantes do Mezze

Blocos Temáticos	Perguntas
Caracterização do Entrevistado e das suas motivações e percepções iniciais relativamente ao projeto	Sexo
	Idade
	Naturalidade
	Área de Residência
	Qual a formação / habilitação académica e profissional e em que área?
	O que suscitou a saída do seu país de origem?
	Porque escolheu Portugal para começar de novo?
	Há quanto tempo se encontra a viver em Portugal?
	Como surgiu a oportunidade de participar neste projeto?
	Há quanto tempo participa no projeto?
	Qual foi a sua primeira impressão do projeto? Teve dúvidas ou algum receio?
	O que o levou a querer participar no projeto?
	O que mais lhe agrada no projeto? Do seu ponto de vista, qual a(s) sua(s) mais-valia(s)?
A cultura e a Interculturalidade como modelo de integração/ inclusão e de valorização da	Vê a gastronomia como parte importante da sua cultura?
	Como se sente ao poder partilhar a sua cultura com outras pessoas?
	Sente que o projeto ajudou as pessoas a compreender melhor e a aceitar alguns aspetos da sua cultura de origem?
	É a seu ver um fator importante para o seu bem-estar e para a sua integração poder continuar em contacto com a sua cultura de origem? Porquê?

diversidade cultural	E envolver-se na cultura da sociedade de acolhimento? É a seu ver importante para si e para a sua inclusão?
	É a seu ver importante incentivar a troca cultural e o diálogo entre culturas? Porquê?
	Considera importante a criação de mais iniciativas e projetos que promovam a valorização da diversidade cultural e que trabalhem a inclusão através da cultura? Porquê?
Os impactos dos projetos (inter)culturais nos seus intervenientes e na subsequente integração/inclusão dos imigrantes e refugiados	Como foi o seu processo de integração? Correu tudo com normalidade? Teve algum desafio?
	Sentiu dificuldades em adaptar-se à cultura e ao modo de estar da sociedade portuguesa? Se sim, que dificuldades sentiu neste âmbito?
	Ao entrar para o projeto criou alguma expectativa ou objetivo pessoal? Se sim, qual? Conseguiu alcançá-lo?
	O que sente que aprendeu com este projeto?
	Sente que adquiriu novas competências profissionais? Se sim, quais?
	Sente diferenças ao nível da capacidade de comunicação e interação social? Se sim, quais e porquê?
	Sente diferenças em aspetos relacionados com a autoestima e a autoconfiança? Se sim, porquê?
	Sente que o projeto o tornou numa pessoa mais autónoma e empreendedora? Se sim, como?
	Sente que o projeto o ajudou a aumentar a sua rede social? Fez novas amizades e/ou contactos profissionais graças a ele?
	Sente diferenças na sua relação com a sociedade de acolhimento? Em que aspetos? Porquê?
	Sente que o projeto o ajudou de alguma forma na sua adaptação à cultura e ao modo de estar dos portugueses? Se sim, como? Porquê?
	Sente que o projeto o deixou mais à vontade em partilhar a sua cultura com estranhos? Como?
	Sente que o projeto o ajudou a lidar com as mudanças e com os sentimentos resultantes do processo de imigração? Em que aspetos?
	Sente que o projeto o ajudou a fazer sentir-se bem recebido? Como?
	Fazendo um balanço geral, sente que o projeto o ajudou a integrar-se de forma mais efetiva na sociedade portuguesa? Porquê?
Acha que o projeto ocasionou alguma mudança ou impacto na comunidade? Se sim, em que aspeto(s)?	

Anexo C - Guião/Protocolo orientador da entrevista aos clientes do Mezze

Blocos Temáticos	Perguntas
Caracterização do Entrevistado e das suas motivações e percepções iniciais relativamente ao projeto	Sexo
	Idade
	Naturalidade
	Área de Residência
	Qual a formação / habilitação académica e profissional e em que área?
	Como conheceu o Mezze?
	O que o levou a querer lá ir?
	Quantas vezes já lá foi e com quem foi?
	Para além de lá ir comer já participou em mais algum evento organizado pelo Mezze ou tem conhecimento dos outros eventos que são lá organizados?
A cultura e a Interculturalidade como modelo de integração/ inclusão e de valorização da diversidade cultural	Que percepções tem da imigração? É a favor ou contra a entrada de imigrantes e refugiados no seu país? Acha que a imigração tem efeitos positivos ou negativos para o país de acolhimento? Porquê?
	É, na sua opinião, importante para uma inclusão de sucesso que os indivíduos em contexto migratório mantenham contacto com a sua cultura de origem ao mesmo tempo que se envolvem com a cultura local? Se sim, porquê? Se não, qual será então a melhor opção?
	É a seu ver importante incentivar a troca cultural e o diálogo entre culturas? Porquê?
	É a seu ver importante para a formação de uma sociedade mais inclusiva a valorização da diversidade cultural existente? Porquê?
	Considera importante a criação de mais iniciativas e projetos que promovam a valorização da diversidade cultural e que trabalhem a inclusão através da cultura? Porquê?
Os impactos dos projetos (inter)culturais nos seus intervenientes e na subsequente	Qual foi a sua primeira impressão do projeto e do seu conceito antes de lá ir? Tinha alguma expectativa?
	E depois de lá ir, com que impressão ficou? As expectativas que tinha foram correspondidas?
	Sente que a sua ida ao restaurante trouxe alguma mudança na forma como percebe a imigração e os imigrantes existentes na sua cidade? Em que aspetos? Porquê?

integração/inclusão dos imigrantes e refugiados	Sente que a ida ao restaurante o ajudou, de alguma forma, na sua adaptação à cultura e às diferenças dos imigrantes? Se sim, como? Porquê?
	Sente que a ida ao restaurante esbateu algum tipo de preconceito que tinha, perante este grupo de pessoas, antes de lá ir?
	Acha que este projeto tem a capacidade de ocasionar alguma mudança ou impacto na comunidade portuguesa? Se sim, em que aspeto(s)?
	De uma forma geral acha que este projeto ajuda as pessoas a integrar-se de forma mais efetiva na sociedade? Porquê?

Anexo D - Guião/Protocolo orientador da entrevista a um membro da equipa responsável do Speak

Blocos Temáticos	Perguntas
Caracterização do Entrevistado e das suas motivações e percepções iniciais relativamente ao projeto	Sexo
	Idade
	Naturalidade
	Área de Residência
	Qual a formação / habilitação académica e profissional e em que área?
	É a sua primeira experiência profissional na área cultural ou social? Se não, quais foram as outras?
	O que a fez querer envolver-se num projeto ligado a questões de âmbito migratório?
	Qual a sua função neste Projeto?
A caracterização dos projetos e a sua implementação	Quando e como surgiu a ideia para o projeto?
	Qual é o conceito do projeto e qual a sua missão?
	Em traços gerais, como funciona?
	Que tipo de metodologia é utilizada para promover a aprendizagem? De que forma são dirigidas as aulas?
	A quem se destina? Qualquer pessoa pode participar?
	Quantas pessoas fazem parte integrante do projeto neste momento (equipa e participantes)?
	Têm parcerias com alguma entidade ou instituição?
	De que forma é o projeto promovido junto da população? Que canais de comunicação usam?
	Qual tem sido o nível de adesão da comunidade de acolhimento a este projeto?

	E da comunidade imigrante e refugiada presente em Portugal?
	É importante para vocês chegar a pessoas que não sejam muito favoráveis à presença de imigrantes e refugiados? Se sim, têm noção se o têm conseguido?
	Foram sentidas dificuldades na implementação do projeto? Se sim, quais?
	Desde o início o projeto sofreu alguma reformulação ou foi melhorado em algum aspeto? Se sim, em quê?
	De que forma este projeto ajuda na capacitação dos seus participantes?
	Considera importante tornar os beneficiários do projeto em sujeitos activos do seu próprio processo de inclusão? Porquê?
	De que modo os beneficiários do projeto participão na forma como o projeto é gerido?
	Têm alguma ambição futura enquanto projeto?
A cultura e a Interculturalidade como modelo de integração/ inclusão e de valorização da diversidade cultural	Qual a importância da cultura e da sua aplicação como estratégia de inclusão de indivíduos socialmente excluídos?
	De que forma é a cultura utilizada no projeto?
	Encontra-se familiarizado com os conceitos de Multiculturalismo e de Interculturalismo como modelos teóricos de integração da diversidade? Se sim, o que sabe sobre os dois?
	Na sua perspectiva, algum deles se aplica melhor ao vosso projeto? Porquê e de que forma?
	É, na sua opinião, importante para uma inclusão de sucesso que os indivíduos em contexto migratório mantenham contacto com a sua cultura de origem ao mesmo tempo que se envolvem com a cultura local? Se sim, porquê? Se não, qual será então a melhor opção?
	É a seu ver importante incentivar a troca cultural e o diálogo entre culturas? Porquê?
	É a seu ver importante para a formação de uma sociedade mais inclusiva a valorização da diversidade cultural existente? Porquê?
Os impactos dos projetos (inter)culturais nos seus intervenientes e na subsequente integração/inclusão	Na sua perspectiva e decorrente da sua experiência, quais são as principais dificuldades por que passam os refugiados durante o seu processo de integração?
	É este projeto, uma forma de dar resposta a alguma dessas dificuldades?
	Foram delineados objetivos gerais e/ou específicos no início do projeto? Se sim, quais?
	Têm algum método de avaliação específico que os ajude a perceber se os objetivos estão a ser atingidos? Se sim, qual?
	É possível verificar o alcance destes objetivos? Se sim, de que modo?

dos imigrantes e refugiados	Alguma vez sentiu, numa fase inicial, por parte de algum participante, alguma relutância ou receios em se envolver no projeto? Se sim, quais? E de que forma os ajudou a ultrapassá-los?
	Têm algum feedback dos participantes durante ou no final da sua participação no projeto? Se sim, qual?
	São notadas mudanças nos participantes ao nível pessoal, social e emocional à medida que se envolvem e participam no projeto? Se sim, quais?
	São igualmente sentidas mudanças ou impactos na comunidade portuguesa? Se sim, quais?
	E para si? Que mudanças trouxe o projeto? O que tem aprendido com este projeto a nível profissional e pessoal?
Fatores de sucesso para a implementação de projetos socioculturais	Decorrente desta experiência quais acha que são os principais cuidados a ter na criação e implementação de projetos culturais de âmbito social com indivíduos de contexto migratório?
	Existem a seu ver factores-chave para o sucesso de projetos como este? Se sim, quais?
	São na sua opinião necessárias certas competências por parte de quem trabalha a inclusão de indivíduos com histórico migratório? Se sim, quais seriam estas competências?

Anexo E - Guião/Protocolo orientador da entrevista a participantes do Speak imigrantes em Portugal

Blocos Temáticos	Perguntas
Caracterização do Entrevistado e das suas motivações e percepções iniciais relativamente ao projeto	Sexo
	Idade
	Naturalidade
	Área de Residência
	Qual a formação / habilitação académica e profissional e em que área?
	O que suscitou a saída do seu país de origem?
	Porque escolheu Portugal para começar de novo?
	Há quanto tempo se encontra a viver em Portugal?
	Como surgiu a oportunidade de participar neste projeto?
	Há quanto tempo participa no projeto?

	Quantos grupos já frequentou e de que línguas?
	Para além dos grupos de línguas já participou em mais algum evento organizado pelo Speak?
	Qual foi a sua primeira impressão do projeto? Teve dúvidas ou algum receio?
	O que o levou a querer participar no projeto?
	O que mais lhe agrada no projeto? Do seu ponto de vista, qual a(s) sua(s) mais-valia(s)?
A cultura e a Interculturalidade como modelo de integração/ inclusão e de valorização da diversidade cultural	Como se sente ao poder partilhar a sua cultura com outras pessoas?
	Sente que o projeto ajudou as pessoas a compreender melhor e a aceitar alguns aspetos da sua cultura de origem?
	É a seu ver um fator importante para o seu bem-estar e para a sua integração poder continuar em contacto com a sua cultura de origem? Porquê?
	É envolver-se na cultura da sociedade de acolhimento? É a seu ver importante para si e para a sua inclusão?
	É a seu ver importante incentivar a troca cultural e o diálogo entre culturas? Porquê?
	Considera importante a criação de mais iniciativas e projetos que promovam a valorização da diversidade cultural e que trabalhem a inclusão através da cultura? Porquê?
Os impactos dos projetos (inter)culturais nos seus intervenientes e na subsequente integração/inclusão dos imigrantes e refugiados	Como foi o seu processo de integração? Correu tudo com normalidade? Teve algum desafio?
	Sentiu dificuldades em adaptar-se à cultura e ao modo de estar da sociedade portuguesa? Se sim, que dificuldades sentiu neste âmbito?
	Ao entrar para o projeto criou alguma expectativa ou objetivo pessoal? Se sim, qual? Conseguiu alcançá-lo?
	O que sente que aprendeu com este projeto?
	Sente que adquiriu novas competências profissionais? Se sim, quais?
	Sente diferenças ao nível da capacidade de comunicação e interação social? Se sim, quais e porquê?
	Sente diferenças em aspetos relacionados com a autoestima e a autoconfiança? Se sim, porquê?
	Sente que o projeto o tornou numa pessoa mais autónoma e empreendedora? Se sim, como?
	Sente que o projeto o ajudou a aumentar a sua rede social? Fez novas amizades e/ou contactos profissionais graças a ele?
	Sente diferenças na sua relação com a sociedade de acolhimento? Em que aspetos? Porquê?

	Sente que o projeto o ajudou de alguma forma na sua adaptação à cultura e ao modo de estar dos portugueses? Se sim, como? Porquê?
	Sente que o projeto o deixou mais à vontade em partilhar a sua cultura com estranhos? Como?
	Sente que o projeto o ajudou a lidar com as mudanças e com os sentimentos resultantes do processo de imigração? Em que aspetos?
	Sente que o projeto o ajudou a fazer sentir-se bem recebido? Como?
	Fazendo um balanço geral, sente que o projeto o ajudou a integrar-se de forma mais efetiva na sociedade portuguesa? Porquê?
	Acha que o projeto ocasionou alguma mudança ou impacto na comunidade? Se sim, em que aspeto(s)?

Anexo F - Guião/Protocolo orientador da entrevista a participantes do Speak pertencentes à sociedade de acolhimento

Blocos Temáticos	Perguntas
Caracterização do Entrevistado e das suas motivações e percepções iniciais relativamente ao projeto	Sexo
	Idade
	Naturalidade
	Área de Residência
	Qual a formação / habilitação académica e profissional e em que área?
	Como surgiu a oportunidade de participar neste projeto? Como conheceu o projeto?
	Há quanto tempo participa no projeto?
	Qual foi a sua primeira impressão do projeto? Teve dúvidas ou algum receio?
	O que o levou a querer participar no projeto?
	Quantos grupos já frequentou e de que línguas?
	Para além dos grupos de línguas já participou em mais algum evento organizado pelo Speak?
A cultura e a	O que mais lhe agrada no projeto? Do seu ponto de vista, qual a(s) sua(s) mais-valia(s)?
	Como se sente ao poder partilhar a sua cultura com outras pessoas?
	Como se sente ao poder conhecer a cultura de outras pessoas que moram na sua cidade?

Interculturalidade como modelo de integração/ inclusão e de valorização da diversidade cultural	É a seu ver importante incentivar a troca cultural e o diálogo entre culturas? Porquê?
	É na sua opinião importante para a formação de uma sociedade mais inclusiva a valorização da diversidade cultural existente?
	Considera importante a criação de mais iniciativas e projetos que promovam a valorização da diversidade cultural e que trabalhem a inclusão através da cultura? Porquê?
Os impactos dos projetos (inter)culturais nos seus intervenientes e na subsequente integração/inclusão dos imigrantes e refugiados	Ao entrar para o projeto criou alguma expectativa ou objetivo pessoal? Se sim, qual? Conseguiu alcançá-lo?
	O que sente que aprendeu com este projeto?
	Sente que adquiriu novas competências profissionais? Se sim, quais?
	Sente diferenças ao nível da capacidade de comunicação e interação social? Se sim, quais e porquê?
	Sente diferenças em aspetos relacionados com a autoestima e a autoconfiança? Se sim, porquê?
	Sente que o projeto o tornou numa pessoa mais autónoma e empreendedora? Se sim, como?
	Sente que o projeto o ajudou a aumentar a sua rede social? Fez novas amizades e/ou contactos profissionais graças a ele?
	Sente diferenças na relação que mantém com os imigrantes existentes na sua cidade? Em que aspetos? Porquê?
	Sente que o projeto o ajudou de alguma forma na sua adaptação à cultura e às diferenças dos imigrantes? Se sim, como? Porquê?
	Sente que o projeto o deixou mais à vontade em partilhar a sua cultura com estranhos? Como?
	Sente que o projeto mudou, de alguma forma, a maneira como via a imigração no geral e os imigrantes da sua cidade? Em que aspetos?
	Fazendo um balanço geral, sente que o projeto ajuda as pessoas a integrar-se de forma mais efetiva na sociedade? Porquê?
	Acha que o projeto ocasionou alguma mudança ou impacto na comunidade portuguesa e na comunidade imigrante? Se sim, em que aspeto(s)?
Sente que o projeto ajudou as pessoas a compreender melhor e a aceitar alguns aspetos da sua cultura de origem?	